



Estádio do América F.C.

3º. Relatório Apresentado Pelo
Doutor Sadalla Amin Ghanem

1 9 6 2

Joinville

- : -

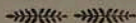
Santa Catarina

A Biblioteca da Secretaria da
Educação, Cultura e Desporto -
com prazer, oferece o
Autor -
Joinville - 16-8-91.

ESTÁDIO DO AMÉRICA FUTEBOL CLUBE

3. RELATÓRIO APRESENTADO PELO DOUTOR SADALLA AMIN GHANEM

- 1962 -



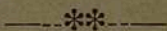
Prefácio

BANDEIRISMO DE UM BEDUÍNO

— H. LOBATO

SE ALGUÉM pôde ter direito a se apaixonar e se orgulhar de alguma coisa que haja realizado, creio que esse alguém é meu amigo Sadalla Amin, que construiu o estádio do América, onde sábado último a imprensa e outros colaboradores foram homenageados com um farto e excelente churrasco. Aquela coisa monumental saiu do nada. Tão do nada que, para reunir as primeiras importâncias, Sadalla vendeu uma coisa que não existia: as cadeiras que iam ser colocadas no estádio a ser construído! E com isso conseguiu setecentos mil cruzeiros, isto é, mais de metade da quantia total de que necessitaria para a grande obra. Ora, para vender cadeiras num estádio que só existia na sua imaginação e no seu idealismo, era preciso que Sadalla fôsse muito mais do que comerciante, a arte em que aliás são mestres os da sua própria raça. Era preciso que ele tivesse, como tinha, confiança em si, coragem bastante e fé em quantidade suficiente para transmitir aos outros, fazê-los acreditar naquilo em que ele acreditava, confiar no que confiava, esperar o milagre que ele também esperava. E foram essas reservas morais que mobilisaram as energias indispensáveis à tarefa gigantesca. Sadalla realizou o milagre. Milhares de toneladas de ferro e cimento foram amalgamadas, tomaram forma e resultaram nesse colosso que está levantado ali na rua do Norte, testemunho do que pôde a força de vontade a serviço de um ideal, do desejo de servir e construir. Sem dúvida Sadalla Amin teve muitos colaboradores, começando por aqueles próprios a quem ele enleou e amoleceu com a sua argumentação suave mas teimosa e irresistível como um suplicio chinês e que não tiveram outro remédio senão adquirir as fabulosas cadeiras que um dia teriam de existir. Outros, como os diretores do próprio clube e todos os americanos, atletas e torcedores, associados e simpatizantes, homens, mulheres, jovens e crianças, industriais, comerciantes, magistrados, advogados, colegas do esculápio-esportista, todos foram envolvidos na argumentação de Sadalla e não puderam fugir ao dever de ajudar, de uma ou de outra forma, o plano que parecia mirabolante. Até o deputado Jorge Lacerda teve que evocar seus ancestrais helenicos e haurir da vocação deles para os desportos o necessário entusiasmo que o armou de paciência e vontade para arrancar do Conselho Nacional de Desportos os duzentos mil cruzeiros que Sadalla reclamava para seu estádio. E assim muitos ajudaram. Mas quem plantou a primeira pedra foi Sadalla. Novo Moisés, foram sua fé, sua perseverança, sua coragem que removeram montanhas de pedra, de ferro e de cimento para o campo outrora pobre e desguarnecido do grêmio rubro, dando a Joinville uma obra que é digna do espírito pioneiro de nossa gente, dessa gente cujos coévos levantaram na selva e no charco das margens do Cachoeira os primeiros pilares da potente estrutura industrial dos nossos dias. No sangue de Sadalla Amin há também bandeirismo e o germe irrequieto dos fazedores de progresso. Por isso existe o Estádio. O homem que o construiu com a argamassa de seus sonhos de beduíno pôde agora sentar-se no alto da arquibancada e sentir-se feliz. A obra está feita. E ela tem na história singular de sua realização a mesma poesia e no tempo a mesma perenidade dos cédros milenários do Líbano bíblico e mortal.

“A NOTICIA” — 1/12/1954.



CONSTRUÇÃO DO EST. DO "AMÉRICA FUTEBOL CLUBE"

(Resumo da demonstração feita ao Conselho Deliberativo do América F. C. em 1956 e que constituiu o 2º Relatório por mim apresentado e publicado em "A Notícia" de 11-10-56).

RECEITAS:

Cadeiras Cativas (inclusive doações de candidatos desistentes)	Cr\$	754.350,00
Vendas de terrenos: 4 lotes vendidos	Cr\$	84.836,30

AUXÍLIOS:

Comércio e Ind. H. Jordan S.A.	Cr\$	2.000,00	
Do Departamento Nacional de Desportos (conseguido pelo Dr. Jorge Lacerda)	Cr\$	200.000,00	
Por intermédio do Dr. Heitor A. Guimarães, madeiras ofertadas por diversos	Cr\$	50.978,00	
Concurso "Rainha do América F.C."	Cr\$	40.460,00	
Jorge Hoffmann, donativos angariados	Cr\$	46.900,00	
Fundição Tupy S.A.	Cr\$	20.000,00	
Liga Joinvillense de Futebol	Cr\$	15.000,00	
Diversos	Cr\$	18.800,00	
Carlos Hoepcke S.A.: pregos doados	Cr\$	4.000,00	
Gustavo H. Adlersberg	Cr\$	2.000,00	
Dr. Haroldo Pederneiras	Cr\$	1.000,00	
Orlando Coelho	Cr\$	1.200,00	
Tertuliano Camargo	Cr\$	5.500,00	
Fabr. de Máquinas Raimann S.A.	Cr\$	500,00	
Hudo Kestner	Cr\$	500,00	
Lauro S. Maia	Cr\$	1.000,00	
José Bonifácio e Silva	Cr\$	10.000,00	
Dr. Aderbal Ramos da Silva	Cr\$	10.000,00	
Gov. Irineu Bornhausen	Cr\$	50.000,00	Cr\$ 479.838,00

Ações: produto da venda	Cr\$	66.500,00	
Corrimão: venda de espaços para propaganda	Cr\$	49.200,00	
Cadeiras de ferro: venda aos proprietários de cadeiras	Cr\$	99.750,80	
Empréstimos: do Dr. Sadalla Amin Ghanen	Cr\$	41.086,00	
da Cerv. Catarinense S/A.	Cr\$	200.000,00	Cr\$ 241.086,00

Concurso "Rainha do Estádio": resultado apurado	Cr\$	59.370,00	
Juros bancários: juros dos depósitos feitos	Cr\$	10.096,20	
Propaganda nas janelas do Estádio	Cr\$	97.500,00	
Festa de inauguração: resultado líquido	Cr\$	83.357,20	

Total da "RECEITA" Cr\$ 2.025.884,50

"DESPESA"

Construção: Pago a Muller, Caron & Cia.	Cr\$	1.241.460,00	
Idem a diversos, conf. 1º Relat.	Cr\$	86.546,50	
Idem com a do corrimão	Cr\$	49.195,20	
Idem cadeiras de ferro	Cr\$	92.083,40	
Dinheiro entregue à Diretoria	Cr\$	18.000,00	
Pago a diversos (ver docs. 1 a 48, do 2º Relatório)	Cr\$	476.322,90	Cr\$ 1.963.608,00

Concurso "Rainha do Estádio": despesas efetuadas	Cr\$	8.810,00	
Empréstimos: liquidação do empréstimo de igual valor	Cr\$	41.086,00	
Saldo à disposição	Cr\$	12.380,50	

Total da "DESPESA" Cr\$ 2.025.884,50

JOINVILLENSE!

Quando publicámos os nossos 1º e 2º relatórios prometemos voltar a falar ao povo desta terra logo que a iluminação, o alambrado e a remodelação da arquibancada estivessem terminados. Êste dia chegou. E, aquí estamos para apresentar “poucas palavras e muitas cifras”. Só consta, porém, dêste relatório o dinheiro que nos chegou às mãos diretamente ou por intermédio dos nossos distintos auxiliares: Amaury Piazeira e Roberto Carvalho Barros.



“D E S P E S A”

Custo de “alambrado”, conforme relação discriminativa à página seguinte	Cr\$	336.170,80	
Pavimentação da arquibancada (Idem, idem, idem)	Cr\$	369.903,70	
Aquisição de terreno (1.000 m2)	Cr\$	190.000,00	
Imposto de transmissão do terreno supra citado	Cr\$	1.500,00	Cr\$ 897.074,50
Total da “DESPESA”		Cr\$	897.074,50

DISCRIMINAÇÃO DAS DESPESAS COM A CONSTRUÇÃO DO “ALAMBRADO” E A REMODELAÇÃO DA ARQUIBANCADA.

Ia. parte: ALAMBRADO

Ferro para os postes	Cr\$	62.207,00	
Cartões para as cadeiras	Cr\$	600,00	
Tinta para pintura	Cr\$	1.200,00	
Tela de arame, para o alambrado	Cr\$	138.600,00	
Idem, para os portões	Cr\$	2.416,80	
Mão de obra (constr. dos postes)	Cr\$	34.847,00	
Portões do alambrado	Cr\$	11.845,00	
Cimento, para os postes	Cr\$	7.050,00	
Mão de obra para colocação	Cr\$	19.000,00	
Arame para a amarração	Cr\$	2.050,00	
Cimento, para a base	Cr\$	15.275,00	
Arame grosso	Cr\$	15.000,00	
Cabo de aço	Cr\$	19.080,00	
1 portão de madeira	Cr\$	7.000,00	Cr\$ 336.170,80

IIa. parte: REMODELAÇÃO DA ARQUIBANCADA

Macife S. Paulo S/A. (cimento)	Cr\$	31.518,00	
Buschle & Lepper Ltda.	Cr\$	9.000,00	
M. Lepper & Cia. S/A.	Cr\$	3.136,00	
L. Groegel Ltda.	Cr\$	7.200,00	
Carlos Hoepcke S.A.	Cr\$	3.095,00	
Francisco Rosa Leal	Cr\$	3.760,00	
Gugelmin S.A.	Cr\$	3.000,00	
Mão de obra	Cr\$	19.200,00	
Jorge Mayerle	Cr\$	25.000,00	
Osni Bohem	Cr\$	1.990,00	
Com. e Repr. Douat S.A. (div. notas)	Cr\$	63.752,00	
Macife S. Paulo S.A. (ferro)	Cr\$	44.425,60	
Euclides Indalencio	Cr\$	16.387,50	
Dinheiro entregue á diretoria para pagamento da mão de obra da pavimentação da arquibancada	Cr\$	86.400,00	
Jorge Mayerle	Cr\$	3.234,00	
I. Groegel Ltda.	Cr\$	5.940,00	
Gugelmin S.A.	Cr\$	1.880,00	
Telhas de Eternit	Cr\$	7.958,60	
L. Groegel Ltda.	Cr\$	5.090,00	
Idem	Cr\$	3.960,00	
Carreto	Cr\$	200,00	
Carlos Hoepcke S.A.	Cr\$	1.527,00	
Casas das Tintas	Cr\$	4.960,00	
Buschle & Lepper Ltda.	Cr\$	6.540,00	

ILUMINAÇÃO DO ESTÁDIO
(Campanha até dezembro de 1957).

“R E C E I T A”

Donativo de Dr. Sadalla Amin Ghanem	Cr\$	14.761,00	
Contribuições angariadas de diversos	Cr\$	311.650,00	
Saldo da const. da arquibancada (2º Rel.)	Cr\$	12.500,00	
Concurso “Rainha do América F.C.” - 1957	Cr\$	16.420,00	
Abatimento concedido pela Empresul	Cr\$	3.900,00	Cr\$ 359.231,00

“D E S P E S A”

Empresul, conforme contrato	Cr\$	350.000,00	
Pago a: Carlos Gomes	Cr\$	2.606,00	
Buschle & Lepper Ltda.	Cr\$	2.025,00	
Metalueth	Cr\$	3.820,00	
Irmãos Campos Ltda.	Cr\$	480,00	
Presente à rainha eleita	Cr\$	300,00	Cr\$ 359.231,00

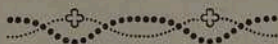
CAMPANHA PARA A REMODELAÇÃO DA ARQUIBAN-
CADA E CONSTRUÇÃO DO ALAMBRADO (até novº/61)

R E C E I T A :

Renovação de assinaturas de Cadeiras Ca- tivas: 112 de Cr\$ 3.000,00	Cr\$	336.000,00	
224 de Cr\$ 2.000,00	Cr\$	448.000,00	Cr\$ 784.000,00
Renovação de propagandas no Corrimão:			
Felippe Dippe	Cr\$	2.500,00	
Casa das Revistas	Cr\$	2.500,00	
Harry Klix	Cr\$	2.500,00	
Carlos Hoepcke S.A.	Cr\$	5.000,00	
Joberna - S. Joinv. Exp. Ben. Madeiras	Cr\$	2.500,00	Cr\$ 15.000,00
Juros bancários			Cr\$ 14.886,20
Doações diversas: - de Arnaldo Meyer	Cr\$	200,00	
Cesar Chaese	Cr\$	1.000,00	
Eugenio Scholz	Cr\$	1.000,00	
Nivaldo Garcia	Cr\$	500,00	
A. C. Bahiense de Mello	Cr\$	800,00	
Célio Buschle	Cr\$	500,00	
Paulo Stroebel	Cr\$	600,00	
Noir de Oliveira	Cr\$	2.000,00	
Odilon Schroeder	Cr\$	1.700,00	
Fed. Cat. de Futebol	Cr\$	10.000,00	
L. Joinv. de Futebol	Cr\$	10.000,00	
Reinaldo Mertens	Cr\$	200,00	
Galdino J. Pereira	Cr\$	2.000,00	
Wolfgang Brosig	Cr\$	1.000,00	Cr\$ 31.500,00
Donativo do Dr. Sadalla Amin Ghanem, valor necessário para a aquisição de terreno que interessava ao Clube	Cr\$	51.688,30	
Total da “RECEITA”	Cr\$	897.074,50	

OFEREÇO, dedico e consagro à minha querida espôsa e filhos as crônicas que seguem. Elas foram escritas e publicadas em "A NOTÍCIA" durante a construção do Estádio, sob o pseudônimo de "Um Americano", com a finalidade de entusiasmar os joinvillenses pela monumental obra e conseguir a sua colaboração.

Além da satisfação espiritual que me proporcionaram, graças a Deus, elas atingiram o fim colimado.



Irmãos Campos Ltda.	Cr\$	1.751,00	
Osni Bohem	Cr\$	1.650,00	
L. Groegel Ltda.	Cr\$	450,00	
1 carroto	Cr\$	120,00	
Arcia	Cr\$	1.500,00	
Vidros	Cr\$	5.029,00	
Comissão Leopoldo Schroeder	Cr\$	250,00	Cr\$ 369.903,70



OBSERVAÇÕES FINAIS:

- 1a.) — O relatório sobre a construção de 460 ms. de muro deve estar em poder do Snr. Ruben Lobo.
- 2a.) — Sou grato a todos os que confiaram em mim e me ajudaram a dar a Joinville o maior e mais completo estádio de Santa Catarina: à imprensa escrita e falada, ao comércio, à Indústria, a todos, enfim, mesmo que tenham colocado um só tijolo naquela monumental obra. Certos nomes, porém, não podem ser esquecidos:
- Jorge Lacerda, dileto amigo, de saudosa memória,
 - Ruben Lobo, que conosco idealizou a arquibancada e nos ajudou a construir o muro,
 - Jacob Weitz, 1º cobrador das cadeiras cativas, quando o Estádio ainda era um sonho;
 - Arino Brasil Buchmann, que colaborou na construção dos postes de iluminação;
 - Dr. Ernani de Abreu Santa Rita, Amaurí Piazeira e Roberto de Barros, que nos deram a mão na construção do alambrado e na remodelação da arquibancada.

Assim, nos doze anos em que ocupamos o cargo de vice-presidente do América Futebol Clube fizemos o muro (460 metros), a arquibancada, a iluminação, o alambrado, a remodelação da arquibancada e adquirimos 4.000 ms² de terreno para ampliar a nossa praça de esportes.

Toda a documentação sobre a construção do Estádio foi apresentada à Diretoria e ao Conselho Deliberativo do América Futebol Clube e poderá ser consultada por quem o desejar fazer.

a) - *Dr. Sadalla Amin Ghanzm*
Joinville, dezembro de 1961.



jos e dos profetas clamando pela união, compreensão e paz entre os homens. E o Sermão da montanha acode-nos à lembrança: "Bemaventurados os que tem fome e sede de justiça porque serão saciados. Bemaventurados os misericordiosos porque terão misericórdia". Naquela frase singela, temos o ideal supremo do homem, nos seus momentos de benevolência.

Relata-nos crônica vinda de Paris que, pouco tempo antes da morte de André Gide, o grande escritor recebêra em seu gabinete de trabalho um grupo de jornalistas e escritores que lá foram entrevistá-lo, afim de transmitir à posteridade o seu testamento espiritual. Na entrevista que então André Gide concedeu aquêles intelectuais, êle lamentou que, no mundo convulsionado, as forças do mal estivessem desencadeadas e procurassem, a todo transe, eliminar da face da terra, a razão de ser da vida: a dignidade e a honra dos homens. Felizmente, continua o eminente francês, em todos os recantos do mundo, existe uma pléiade de jovens decididos a se sacrificarem, para que, neste mundo desorientado, continue a reinar, soberano, o Bem. E Gide termina a entrevista dizendo: — "Sim, confio nas virtudes do pequeno número — o mundo será salvo por poucos".

Rotarianos! o vosso ideal é sublime!

Sí batalhaes com denodo por êle — sacrificando tudo para atingí-lo, e si acreditaes, como o gênio da música, que o único sinal de superioridade é a bondade — quero felicitá-los, calorosamente, já que, assim, representaes, tal pléiade de jovens de que fala André Gide, o sal da terra!!!

.....

Joinvillense! com o seu apóio e colaboração, em breve, o magestoso Estádio do América F.C. será uma realidade e quando os Rotarianos se reunirem novamente em sua Joinville, você poderá mostrar-lhes, orgulhoso, mais um monumento digno de sua cidade centenária.

"A NOTICIA" — 28/11/953.

IV

É comum ouvir-se de certas pessoas estas palavras: "eu sou joinvillense". Sim, na verdade, têm o direito de assim se manifestar os que aqui nasceram. Entretanto, por justiça, muitos outros, mesmo não tendo visto, pela vez primeira, a luz do sol, neste recanto abençoado do Brasil, conquistaram o direito de considerar-se joinvilenses. Não vejo mérito algum em ser isto ou aquilo. A maldição do céu acompanha o homem que não quer bem ao recanto querido onde nasceu. O essencial, é dar provas evidentes de ser um digno filho deste torrão natal — Como? Não pensando egoisticamente em sí mesmo; não procurando só aumentar, cada vez mais, as suas próprias riquezas; não aplicando a fortuna ganha aqui, em arranhar-céus, no Rio ou em São Paulo — quando Joinville clama por novas e mais belas construções; não deixando de apoiar as obras do Estádio que o América F.C., está construindo para a grandeza de Joinville — por qualquer que seja o motivo. Servir à terra onde estamos não deve ser privilégio de ninguém — Todos os que aqui vivem — lutam e amanhã, quem sabe, aqui dormirão o último sono — têm obrigação de batalhar pelo engrandecimento da cidade. E o magestoso Estádio do América F.C., único no gênero do sul do país, merece o máximo de colaboração, o apóio incondicional — já que será mais um motivo de orgulho para todos os filhos de Joinville — Com uma cadeira cativa, ou uma ação, um saco de cimento, um tijolo, você terá colaborado com os que lutam para dar à sua terra, mais este monumento.

"A NOTICIA" — 29/11/1953

V

Você deve estar lembrado da tarde memorável de 9 de Março de 1951. Sei que da memória jamais se apagará aquela data, por recordar o 1º Centenário da cidade. Sei ainda, que você é orgulhoso de ser filho de Joinville — com um coração generoso e sempre a pulsar alegremente deante das conquistas, em todos os domínios, deste recanto luminoso do Brasil — com penetrado dos deveres e responsabilidades, tem plena consciência de que pode e vale. Colaborar, pois, com todas as iniciativas que dizem respeito ao engrandecimento desta terra deve-lhe ser um prazer. Agora, restrinjo-me ao domínio do esporte. Já notou como os nossos campos de foot-ball são paupérrimos. Qualquer cidade de Santa Catarina tem o seu melhor aparelhado que os nossos — sem falar na capital, Blumenau, Brusque, Tubarão, Joaçaba, etc...

JOINVILLENSE !

I

A vida agitada que você leva lhe absorve todos os momentos disponíveis. A luta é intensa, as preocupações numerosas, as aspirações sem fim. Entretanto, sabemos não ser o ideal a satisfação somente das nossas necessidades imediatas. Temos obrigações para com os contemporâneos e, sobretudo, os que nos antecederam neste recanto abençoado do Brasil. O presente é fruto do passado o que equivale dizer que o futuro está na dependência do dia de hoje. Na verdade, viver por viver é indigno do Homem — sim, com letra maiúscula, quero dizer — do átomo pensante — obra prima de Deus na terra.

Tudo isso, joinvillense, para dizer-lhe que os nossos olhares e os nossos pensamentos devem estar voltados para o futuro. Legar aos nossos filhos esta cidade tal como a recebemos é um crime. Vamos legá-la, sim, embelezada e engrandecida.

Hoje, quero pedir-lhe, apenas, que, ao passar pela rua Duque de Caxias — digne-se visitar o monumento que o América F. C., está construindo para enriquecer o patrimônio desta terra. É o seu magestoso Estádio — o estádio de todos os joinvillenses. Ele merece a sua atenção, o seu apóio e estímulo. Não se trata de obra acanhada, mas de sólido bloco de cimento armado cujas cinco primeiras vigas já estão “rasgando” os céus de Joinville, na expressão feliz de Alvaro Maia. Visite, pois, caro leitor, o campo do América F.C., e tenho certeza, como bom joinvillense que é, ficará orgulhoso da obra em construção, motivo de satisfação espiritual para todos os que sonham e lutam pela grandeza de Joinville. Em breve, à sombra do magestoso Estádio do América F.C., os velhos recordarão o passado e os jovens pensarão no futuro.

A NOTICIA — 24/11/953.

II

Você conhece, certamente, a página luminosa de poeta do século XIX que nos apresenta o quadro emocionante dos caçadores que foram rever o túmulo dos antepassados às margens do Oronto, rio sagrado. Exemplo edificante! Si, na expressão de pensador ilustre, somos governados pelos mortos, porque não lhes rendermos, de quando em vez, o preito de nossa estima e gratidão — E qual maior homenagem a prestar-lhes sinão esta de recordar, comovidamente, a sua passagem pela terra — procurando seguir-lhes os exemplos admiráveis — Entretanto, isto não basta. Cabe-nos, como homens — não somente cantar-lhes os méritos, mas, acima de tudo, continuar-lhes a obra que iniciaram galhardamente. Só assim seremos dignos deles — Nós, também, temos obrigações para com as gerações futuras — E si quizermos ser, um dia, lembrados — façamos algo para merecer tal distinção — O grande Ingenieros já dizia: “O facho luminoso jamais se apaga, troca apenas de mãos”.

Sim, “toda geração deve distender suas azas onde a precedente as fechou”, e voar, num vôo erradio e caprichoso, até atingir o infinito azul das grandes realizações — E o Estádio do América F.C., obra monumental e digna de Joinville, será um dos presentes que legaremos às gerações de amanhã. Das onze vigas de cimento armado que a compõe, cinco já estão apontando para o alto — como a indicar o sentido das nossas aspirações.

Sim, não vegetemos. Dirijo-me aos filhos desta terra que queiram servi-la. Apenas aos de boa vontade — Detesto os hipócritas — alguém já disse: “Sem que cesse a hipocrisia nada é possível realizar. Dos criminosos o mais detestável é o hipócrita — inimigo de Deus e dos próprios inimigos de Deus”.

“A NOTICIA” — 26/11/1953

III

A sua cidade engalana-se com a presença de grande número de Rotarianos, vindos de todos os recantos de nosso e de outros Estados, com a nobilitante finalidade de se encontrarem, trocarem idéias sobre assuntos que dizem respeito ao ideal abraçado e resumindo-se em “dar de si, antes de pensar em si”. Ao escrevermos estas palavras, dir-se-ia estarmos ouvindo a voz dos an-

Joinvilense — você que sonha com a grandeza de sua cidade — visite a obra que o América está construindo e sí achá-la digna de sua terra, por descargo de consciência, colabore para que seja logo terminada.

“A NOTICIA” — 6/12/953.

————— VIII —————

Certa vez, escreví: “Não só serve a Pátria quem por ela morre nos campos de batalha — mas também, quem procura torná-la conhecida e amada”. Hoje, acrescento no final daquela frase: ... embelezada e engrandecida!

Você, caro leitor, deve notar, por experiência própria, como é difícil trabalhar por um ideal. Quantas dificuldades e obstáculos a vencer, até chegar-se a atingi-lo! Sabemos, porém, não haver beleza, nem glória no triunfo fácil. Sem falar nos hipócritas — os mais detestáveis criminosos da História — já que em cada sorriso escondem uma traição — vemos, ainda pela frente, os preguiçosos, os incapazes — aquêles que nada mais fazem do que vegetar; os despeitados cuja mágoa não o tem limites ao verem concretizar-se uma obra cuja idéia não partiu de seu cérebro — mesmo reconhecendo ser ela imprescindível à coletividade; os derrotistas, elementos perniciosos — a utilizarem tôdas as suas idéias tétricas para procurar impedir que se concretize uma nobre aspiração — Para êstes, tôdas as armas servem; o essencial é atingir o fim colimado — Esqueço os preguiçosos, os despeitados, os derrotistas — Só não perdôo à classe de individuos que chegaram ao cúmulo de, fingidamente, prometer colaboração, na esperança de tirarem tôdas as vantagens possíveis — Conseguido o seu intento, se desmascararam e aparecem, à luz meridiana, o que verdadeiramente são: vís e covardes.

Com boa vontade, compreensão de todos — haveremos, sí Deus quiser, de completar o magnífico Estádio do América F.C..

“A NOTICIA” — 10/12/953.

————— IX —————

Sí os olhos, maravilhas das maravilhas, são as janelas das almas, as palavras são as mensageiras dos corações. Para produzirem o efeito colimado elas devem ser ouvidas com atenção. De nada vale falar a um ignorante obstinado. Jesus já dizia: — “Curei o paralítico, o cego e o leproso; só para o insensato não encontrei remédio”. Sei que me dirijo aos filhos desta terra, cujas maiores riquezas são a cultura e as virtudes — Caso contrário, não perturbaria a magestade do silêncio. Afirimo não ter porém, consultado, para dirigir-lhe estas linhas, a um ávaro — nem a um preguiçoso, nem a um covarde — já que, conforme diz um provérbio árabe, a avareza, a preguiça e a covardia são da mesma natureza, unidas pela má fé. Também não falei com pessoas muito atarefadas — famintas ou aflitas, já que as preocupações, a fome a dor turvam o entendimento. Consulte, apenas, a minha consciência — companheira inseparável de minha vida, amiga de tôdas as horas. Tudo o que escreví foi inspirado e ditado por ela. Joinville deve caminhar sempre na senda do futuro, para realizar integralmente o seu destino — Vamos todos colaborar neste sentido.

A história do Oriente maravilhoso relata-nos o seguinte fato: “Certo Califa perguntou a um governador que abandonára uma província rica para ir morar em outra pobre, o motivo de sua decisão.

— Não vês, Príncipe dos crentes, que gozo perfeita saúde? Agora tenho tôdas as riquezas do mundo.

— Qual é a sua fortuna? perguntou o Califa.

— Além da saúde, tenho uma sacola onde guardo meus alimentos — uma bacia para lavar as roupas — uma cabeça que nunca foi perturbada pelas paixões, nem pelas fraquezas humanas — um copo para beber água e um bastão com que me defendo dos meus inimigos — O resto, senhor, é supérfluo.

Joinvillense! vemos que não é preciso muito para sermos felizes — Vamos colaborar com um pouco do que temos para a construção do magestoso Estádio do América F.C..

“A NOTICIA” — 12/12/953.

————— X —————

Todos os que acompanharam o América, a Brusque, naquêlo domingo fatídico, observaram de perto o carinho com que são olhadas as coisas do esporte naquela cidade. Tanto o Carlos Renaux como o Paysandú têm o seu estádio bem cuidado e impressionando favoravelmente, aos forasteiros. Cresce a nos-

Diga-me, joinvilense, não ficou satisfeito quando o América F.C., derrotou espetacularmente o Fluminense da Capital Federal — vitória esta comentada pelos jornais e estações de rádio do Brasil?

Sim, sei, a alegria foi imensa. Entretanto, creio, sinceramente, ficará mais feliz ainda quando lhe for possível receber os forasteiros em lugares dignos de sua Joinville — mostrando assim, que a cidade está à altura da fama que goza em todos os recantos do país.

Sí é, pois, orgulhoso, sí quer ver Joinville sempre mais elevada no conceito de todos, estenda a mão ao América F.C., que está construindo o mais completo estádio do sul do Brasil. O seu apóio é indispensável; o seu estímulo sempre apreciado — Você pode muito, joinvilense — e o América F.C., que tantas glórias já conquistou para sua cidade — pede-lhe tão pouco. Colabore com êle...

“A NOTICIA” — 2/12/953.

— VI —

Já, por diversas vêzes, solicitei o seu valioso apóio para levar-se a bom térmo a construção do monumental Estádio do América F.C.. Sí tenho insistido nesta tecla é porque, sinceramente, não vejo motivos para você recusar colaboração à uma obra que, amanhã, orgulhoso, irá mostrá-la aos forasteiros, como sendo um ponto de referência da cidade.

Sí me disser que não aprecia o foot-ball, responderei que a obra em vias de realização, na rua Duque de Caxias, será bem mais do que um simples campo de foot-ball. Além da grandiosa arquibancada teremos salão de baile, restaurante, bar, dormitório dos atletas, instalações sanitárias, etc... no andar terceiro. O corpo do Estádio será ocupado por magnífica cancha de bolão, dupla, já cimentada. Em redor do campo, haverá pista olímpica para corridas de bicicletas e atletismo. Do lado da arquibancada, cancha de Basket e Voley. — E, ainda, para mais tarde, piscina — Pergunto-lhe agora: isto não merece o seu apóio?. Sí continuar afirmando que não vê com bons olhos o esporte, sob qualquer de suas modalidades, lembrarei que 90% do povo desta terra o aprecia. Peço-lhe que não seja egoísta; mesmo que não goste de nada disto, não se esqueça que os seus operários necessitam de distração aos Domingos — E, lá, êles encontrarão, em breve, um recanto aprazível e proporcionar-lhes horas alegres para esquecerem uma semana de trabalho. Pense um pouco, caro leitor, não seria agradável depois da luta intensa de todos os dias, sentar-se na sua cadeira cativa, no grandioso Estádio Americano, para assistir à corridas de bicicletas — competições atléticas e, enfim, uma boa partida de foot-ball? Candidate-se, pois, a uma das últimas cadeiras cativas que poderá ser ocupada por você, pessoas de sua família — seus auxiliares de escritório ou operários — Êles também são humanos e merecem que se lembre dêles. Joinvilense! o futuro da cidade exige a sua colaboração ao magestoso Estádio do América F.C.. Não havemos de permitir que os homens de amanhã digam que a nossa geração sofreu de senilidade precoce ou que ela nasceu morta!!!

“A NOTICIA” — 5/12/953.

— VII —

Você deve estar lembrado da tremenda tempestade que desabou sobre Joinville, há alguns meses, acarretando prejuizos incalculáveis. São coisas da Natureza. De quando em vez, ela parece querer demonstrar a sua prodigiosa capacidade de destruição. Os insensatos, que dizem não acreditar em força superior, devem sentir um arrepio a tocar-lhes a espinha dorsal, deante do que parece ser a ira desencadeada. Assim, êles tem momentos de reflexão, lucidez e chegam — na sua angústia — a ver o Creador sorrir pelos lábios das flôres — baixar com o orvalho da manhã — seguir as nuvens — sob a forma de relâmpagos.

Sim, caro leitor — naquêle dia fatídico, o América F.C. também, sofreu com a tempestade, pois o seu Estádio, já com o arcabouço completo, ficou arrazado. Acredito que tôda a cidade lamentou o acontecido e ficou recessa de que o grandioso monumento não mais fôsse levantado.

O número dos que se dirigiram à rua Duque de Caxias, naquela ocasião, para ver o que restava do gigante abatido, foi enorme.

amigos — passar pelos recantos queridos que viram deslizar suavemente os anos felizes da nossa mocidade! Doce alegria a de correr pelos campos sem fim — visitar humildes lavradores — colher frutas já feridas pelos pássaros — beber água de fonte, no côncavo da mão — Lança-se um olhar para traz — Protesto algum aflora aos nossos lábios — Tudo passa e conformamo-nos com o destino frágil da própria natureza humana.

Agora leitor, antes que me esqueça, vou solicitar-lhe que, ao nosso lado, lute para darmos a Joinville o Estádio do América F.C..

“A NOTICIA” — 3/2/954.

XIV

Bem sei que você está compenetrado da necessidade de se fazer algo neste mundo — Para realizar o intento, depois de muito meditar, você começou a batalhar cheio de esperança — para, em primeiro lugar — fazer brilhar o Bem: supremo objetivo dos nossos melhores pensamentos — É imprescindível ter, uma vida agitada, de lutas no sentido das realizações do ideal abraçado — Uma vida cheia de coisas fúteis, mesmo sendo correta, — é má. É uma vida que falhou. Façamos, pois, algo de útil, de acôrdo com as nossas condições e as circunstâncias do momento — Infeliz, disse alguém, daquêlê que não tem ambição! Para perecer é suficiente não agir — mesmo que se tenha fortuna — nome em evidência — Vamos conceber a vida de maneira séria — lutando sempre para dignificá-la. Jamais deixar para traz o que se pode e deve fazer — para não sermos taxados de pusilanimes — pequenos de espírito e de coração.

Joinvilense! uma das nossas tarefas essenciais do momento é contribuir para que o Estádio do América seja, em breve, uma risonha realidade.

“A NOTICIA” — 5/2/954.

XV

Há momentos na vida em que nos surge, no íntimo, uma fraqueza profunda, que nos torna incapazes de uma resolução — de um esforço — aniquilando a nossa vontade de querer. Nestas condições, não vemos o caminho a seguir, ou, si o vislumbramos, somos incapazes de segui-lo. A vontade do homem fica, assim, arrazada. Si olharmos um pouco em tôrno de nós, o panorama que descortinamos é entristecedor — Quantos homens, com sede de enriquecer o mais rapidamente possível, consideram a fortuna como finalidade suprema da vida. A falta de luz deixa-lhes o espírito na escuridão. Qualidades intelectuais não lhes faltam — Eles pertencem à classe dos homens moralmente cegos. Esta incapacidade de ver as coisas nitidamente, deve ter as suas causas julgadas com benevolência — já que pertence ao impenetrável mistério da responsabilidade...

Joinvilense! nós todos nos preocupamos em corrigir os nossos defeitos naturais — nossos vícios de temperamento — e, ainda, procuramos educar a nossa inteligência para bem pensar, bem ver e bem julgar. Agora, peço-lhe um momento de atenção — A obra que o América está construindo para sua cidade não merece o seu apóio? Já a visitou? Si não o fez ainda, digne-se chegar até lá e, tenho certeza, sua consciência o obrigará a colaborar conôscos — para a grandeza de Joinville!

“A NOTICIA” — 7/2/954.

XVI

A questão social é um dos problemas mais sérios com que se defronta o pensamento moderno, com todo o seu saber, conquistas e ambições — Trata-se, na verdade de assunto gravíssimo, que deve ser estudado carinhosamente. Não é suficiente olhá-lo de longe, com curiosidade — E como se tem a fazer e a aprender no domínio da questão social! É preciso afastar as teorias e procurar remédios eficazes para tão delicado problema. Sangram as feridas das sociedades — vemos o sofrimento torturando os homens — a moral pervertida — Um mundo de miséria, mas, também, quanto vestígio de bondade, quantas centelhas a reanimarem a nossa esperança na vida! A indiferença é criminosa — deante de tão graves problemas.

Joinvilense! hoje, dirijo-me aos nossos industriais — O meu apêlo é veemente para que, de maneira afetiva, se aproximem de seus operários que necessitam de uma distração aos Domingos e dias de festa — Colaborando para a construção do Estádio do América — você terá, em parte, atendido à minha solicitação.

“A NOTICIA” — 11/2/954.

sa mágua ao considerarmos o estado lamentável das nossas praças de esporte — não oferecendo conforto algum. E Joinville, tão cheia de si deve sentir-se revoltada por ocupar um lugar de 2º plano. É que, em Brusque — todos colaboram para o engrandecimento da cidade, a começar pelos ricos — Aqui, muitas pessoas, para fugirem a uma colaboração, dizem não apreciar o esporte etc... — Devem, porém, querer bem à cidade — e ajudar para que cresça e ocupe lugar de destaque. Si o esporte é luta, sacrifício, heroísmo — si revigora o físico, disciplina a mocidade e aprinora-lhe o caráter — temos obrigação moral de colaborar para que seja praticado — Para isso, em primeiro lugar, e indispensável proporcionar-lhe meios adequados — Daí a necessidade dos Estádios.

Joinvilense — Colabore para a construção do Estádio Americano. Temos por meta os altiplanos, com caminhos ásperos. Para que a vida se dignifique deixemos para traz o conforto das planícies, e façamos a arrancada decisiva. Amanhã, sentir-nos-emos orgulhosos do nosso Estádio — ontem um sonho, alimentado pela imaginação —; amanhã será uma bela realidade.

“A NOTICIA” — 13/12/953.

— XI —

É profundamente lamentável a atitude tomada pela F.C.F. em relação ao América. Não bastou a conduta do juiz que referiu o jôgo em Brusque — juiz que enxergava de acôrdo com os planos previamente traçados, — Penalti que todos os assistentes viram, êle não viu — e outro que ninguém notou, foi visto por êle. Tudo para abater as energias do América que se tinha portado com brios no decorrer de todo o campeonato. Como si isso não bastasse, agora, nas vésperas da partida decisiva, aniquilou com o nosso quadro impedindo que Zabot jogasse. Caso singular. No mundo inteiro, até para se condenar os autores de crimes mais hediondos — há um julgamento em que se faculta a defesa ao réu — Aqui, na capital de Santa Catarina, os mentores da F.C.F., criminosamente resolverem os seus problemas sem ouvirem as partes — Sim, caso singular — É incontestável a má fé — Forças ocultas agiram na sombra.

O América lamenta, apenas, as condições em que sofreu as duas derrotas — O nosso ideal é competir — competir, porém, dentro dos princípios de ética esportiva — sem que estejam em jôgo, como no caso citado, interesses subalternos. Iremos, novamente, para a luta, para que o pavilhão rubro tremaule sempre no alto do mastro das realizações esportivas do Estado e do Brasil.

“A NOTICIA” — 16/12/953.

— XII —

As contingências da vida obrigam-me a deixar, de vir, por estas colunas acolhedoras de “A Notícia”, conversar consigo, caro leitor, como tenho feito há 1 mês quasi que todos os dias — E que, para nossas forças, Deus traçou um limite — E, como diz o provérbio francês, quem quer ir longe poupa a montaria — Si o nosso destino é marchar sempre — nesta estrada onde, um dia, havermos de tombar — é indispensável, para que a caminhada seja longa e os frutos benéficos, é indispensável, digo, que as reservas de energias sejam grandes — É justamente para esquecer um pouco a vida agitada que se leva — mudar de ambiente — rever velhas amizades — o que conforta o coração — é por tudo isso que me afastarei, por alguns dias, da cidade. Sim, vou respirar um pouco — Quando voltar, porém, estarei novamente empunhando a pena, arma irresistível — que não fere a carne — mas aniquila o espírito — capaz de provocar revoluções e arrazar impérios — fazer tremer os tiranos sôbre os seus tronos, mas, ainda, despertar a consciência de uma nação. Teremos esta arma maravilhosa nas mãos até que consigamos dar a Joinville o seu monumental Estádio — o do América F.C..

“A NOTICIA” — 18/12/953.

— XIII —

Na última crônica, através da qual falei consigo, caro leitor, você deve estar bem lembrado da promessa que lhe fiz. Depois de dizer-lhe da necessidade que temos de repousar o corpo e, acima de tudo, o espírito, de quando em vez; da alegria em rever novos recantos aprazíveis, prometi-lhe empunhar, novamente, quando de volta, a arma extraordinária que se serve da tinta para confiar ao papel as verdades que não é permitido calar. Hoje, continuando esta série de crônicas, cumpro alegremente a minha promessa. Sim, estou de volta — E como foram agradáveis aqueles dias! Como faz bem ao coração rever velhos

anormalidade psíquica, dado o cinismo e a crueldade revelados, pois chegam a confessar com naturalidade, de forma sádica, o modo pelo qual sacrificaram as suas vítimas — Os maus instintos e a falta de senso moral destes jovens, é algo de entristecedor — O médico, o educador, o jornalista, o sociólogo são chamados a opinar sobre as causas prováveis dos atos delituosos em profusão. As duas grandes guerras — a Sociedade moralmente desagregada, que nada fez para proteger o jovem da influência deletéria o ambiente, do afastamento de Deus, a literatura e o cinema, pela influência negativa que exercem, dando o mau exemplo, glorificando o bandido etc. ... — tudo isso é apontado como sendo a causa desse ambiente nefando, onde as palavras pátria, dignidade, família, honestidade — nada significam.

Joinvilense! não nos esqueçamos que até os jovens mais rebeldes e cínicos conservam no fundo da alma uma semente poupada pelo mal. Atente bem — proporcionando às crianças de sua cidade um Estádio completo e moderno, como o do America F. C., já em construção, você terá colaborado, em parte para afastar da nossa sociedade às idéias más, capazes de levá-la à ruína. E a vossa responsabilidade é grande — já que como diz Victor Hugo: "Tenha bem em mente, não há plantas nocivas, nem homens maus, o que há são maus cultivadores".

"A NOTICIA" — 25/2/954

— XXI —

Um tipo singular da sociedade de todos os tempos é o ávaro. A literatura universal apresenta-nos páginas de rara beleza — assim como obras primas, tendo como personagem principal este tipo humano. Quem não conhece o "Ávaro" de Moliere? — O indivíduo assim classificado se apega de tal maneira ao mundo material que não é exagero compará-lo ao bebedor inveterado: quanto mais tem, mais quer. — Ele se esquece estar acumulando fortuna para os outros. E um eterno insatisfeito — Sua vida é inútil e sua morte não faz falta a ninguém.

Ele desconhece a suprema beleza, que eleva o coração; a paz de espírito que é a força a revelar a personalidade do indivíduo.

Seu egoísmo o isola dos outros homens; ele vive no seu mundo tétrico sem um raio de luz e esperança a iluminar-lhe a consciência.

Assim, iniciativa alguma encontra o seu apóio e estímulo. O progresso da cidade onde vive não lhe interessa. Conserva-se alheio a tudo que possa exigir dele uma colaboração. A esta classe de homens, não iremos solicitar um apóio para podermos terminar a construção do magestoso Estádio do America F. C. — Eles tem olhos que não vêem e ouvidos que não ouvem por conveniência. Também, acredito, a maldição do céu ronda-lhes, a cada passo, a cabeça!

"A NOTICIA" — 28/2/954.

— XXII —

Com os festejos do IV Centenário de São Paulo, o Brasil dá expansão à sua alegria. — Sim, a capital paulista, a mais dinâmica cidade do mundo, fundada pelos jesuítas, começou com um colégio — hoje, rodeado por arranha-céus. — Sí sua fisionomia mudou, seu espírito, inspirado sempre na sua história, procura, cada vez mais, olhar para os séculos futuros. Sua grandeza é o símbolo do ideal acalentado por todos os brasileiros. — Sim, por que não dizer que São Paulo é o orgulho do Brasil?

Joinvilense! foi o trabalho, a luta, o sacrifício, o amor, a renúncia dos seus filhos e dos que a eles se uniram que elevaram São Paulo aos píncaros do progresso e da glória. E este esforço conjugado e união de todos em torno da mesma bandeira, esforço e união seculares, que fizeram a grandeza do Estado bandeirante, líder incontestável do Brasil. Sí quizermos que Joinville também cresça rapidamente — causando a admiração de todos — unamo-nos em torno de seu ideal de grandeza — unamo-nos de corpo e alma — esquecendo paixões e sentimentos mesquinhos. E para começar, vamos todos que aqui vivemos, batalhar para que se termine logo o Estádio do America, obra grandiosa que estará à altura da nossa cultura cívica e das possibilidades financeiras de Joinville.

"A NOTICIA" — 5/3/954.

— XXIII —

É com emoção que escrevo a crônica de hoje, dedicada toda ela somente aos humildes operários que, depois dos dias de intenso trabalho da semana, ainda encontram tempo e energia para, aos sábados à tarde, irem ajudar a co-

Depois de algumas semanas de chuva impertinente, quasi que contínua, quando, já desanimados, pensávamos que a humidade e o bolor tomariam conta dos homens e das coisas, eis que o sol, com pena do nosso sofrimento, resolveu trazer-nos sua luz e o calor dos seus raios.

E como é bom viver exposto ao sol! Dir-se-ia que a natureza tóda, passando dos dias sombrios aos beijados pelos raios solares, convida-nos a viver mais intensamente. A alegria renasce por toda parte e, com ela, a vontade de lutar com mais ardor.

O próprio esporte é beneficiado pelo bom tempo. Apesar de ser capaz de expor-se ás intempéries, o bom atleta sofre as suas consequências, e só atinge a plenitude de sua forma quando se encontra no gôzo absoluto de sua saúde, tanto física quanto mental. Sim, porque sua resistência tem limites e é tanto maior quanto melhores forem as condições em que o esporte é praticado.

Bem sabemos que muitas doenças podem quebrantar as forças do atleta que frequentemente se expõe á chuva. E, ás vézes, são tão graves que o afastam definitivamente dos gramados. Assim, para a saúde dos atletas, seu aprimoramento físico e para a beleza dos espetáculos esportivos, a natureza deve colaborar, espargindo sôbre nós os seus raios solares e amenizando o ambiente com a sua brisa acariciante.

"A NOTICIA" — 15/2/954

Referindo-me, hoje como sempre, á construção do Estádio do América — quero lembrar ao caro leitor, algumas linhas da carta dirigida a um amigo, há alguns anos — e que traduzem uma grande verdade — Sendo assim, oportuno é lembrá-las, em qualquer época: "Nas letras, ciências, artes, em todos os domínios da atividade humana, são consagrados, apenas, os nomes dos que se distinguem pelo valor incontestável de suas obras. É que os dias, na sua carreira vertiginosa para a eternidade, se encarregam de apagar da superfície da terra e das páginas da história, o inútil, o prejudicial e o efêmero. Para o tempo, juiz imparcial, sereno, imutável, só interessam os monumentos duradouros, frutos de esforço coletivo e prolongado, as obras da inteligência que pairam acima da atmosfera carregada que respiramos, o trabalho do espírito que concretiza o ideal do homem de bem, porque tudo isto é patrimônio da humanidade e, portanto, eterno!"

Joinvilense! Colabore conosco para terminarmos o Estádio Americano — régio presente da nossa geração às gerações futuras!

"A NOTICIA" — 19/2/954.

Você deve estar lembrado do convite que lhe fiz para visitar o Estádio do América, em construção. Sí, de fato, quer bem à sua terra, é inadmissível que deixe de atender a êste apêlo. Não compreendo que se queira alguma coisa sem olhar por ela — interessar-se pelo seu andamento — acompanhar-lhe os passos, enfim. Joinville não quer estagnar — tem sêde de progresso — e, com o Estádio do América, ela dará mais um grande impulso à sua vida esportiva. Sí a obra é, de fato, portentosa, requer o apôio do povo, para que, amanhã, todos possam ufanar-se de ter contribuído para a sua construção.

Um dos mais ilustres escritores do século XVII, La Fontaine, immortalizou-se pelas suas magníficas fábulas — conhecidas das crianças e adultos do mundo inteiro. Os anos, que tudo destrôem, não conseguem apagar da memória da gente a lembrança de algumas delas. Quero recordar, agora, apenas, a que nos fala da mosca impertinente, aborrecendo os cavalos exaustos no trabalho de levar, ao alto do morro, a carruagem repleta de passageiros. Terminada a tarefa dos animais, a mosca atrevida e ousadamente, vangloria-se de ter contribuído para levar os passageiros até aquêle ponto.

Joinvilense! o papel da mosca é ridículo! Vamos todos colaborar eficientemente, de acôrdo com as nossas forças, para presentear a cidade dos Príncipes com majestoso Estádio do América.

"A NOTICIA" — 21/2/954.

Um dos problemas mais sérios que atormentam o espírito dos dirigentes das nações, em nossos dias, é o dos crimes impressionantes praticados por jovens adolescentes, em todas as partes do mundo. Eles devem ser portadores de

Joinvilense! levantemos os nossos olhares — e fixemos-os no alto dos pináculos. — Lá, grandioso, imponente estará o magestoso Estádio do América F. C. a indicar-nos a senda luminosa do futuro!

“A NOTICIA” — 14/3/954.

— XXVI —

Como bom filho desta terra, deve ter ficado contentíssimo com o auxílio conseguido pelo deputado Jorge Lacerda, para as obras da construção do monumental Estádio do América. O papel desempenhado pelo parlamentar catarinense foi notável — a sua dedicação á nossa causa, a tóda prova. — Até a presente data, nunca Santa Catarina conseguira um auxílio digno de menção para o seu esporte.

E Jorge Lacerda traz-nos a importância de Cr\$ 200.000,00 da verba de Cr\$ 4.000.000,00 para o território nacional. — Basta dizer-lhe que Joinville conseguiu mais do que a Confederação Brasileira de Esgrima — Tiro ao Alvo — Vela a Motor — e mais que as Federações de Atletismo — Tenis e Natação do Rio — São Paulo — Minas e Rio Grande do Sul — cujo auxílio foi inferior à Cr\$ 100.000,00 — milagre do carinho com que Jorge Lacerda olhou pela nossa causa; milagre do seu prestígio! Pessoalmente, êle recebeu, no Rio, os documentos exigidos pelo Departamento Nacional dos Desportos para se poder pleitear um aumento; pessoalmente, êle entregou-os na séde do Departamento. — E aí, começou a luta titânica que só devia cessar com a vitória definitiva um ano depois.

O que se passou neste intervalo de tempo, não pode ser imaginado.

É suficiente dizer que ninguém acreditava no sucesso da nossa iniciativa. — Esqueceram-se que o nosso patrono era Jorge Lacerda...

“A NOTICIA” — 18/3/954.

— XXVII —

Quando, há pouco tempo, uma comissão de parlamentares catarinenses visitou o presidente da República, no Palácio Tiradentes, Getúlio Vargas manifestou o desejo de conhecer o deputado Jorge Lacerda. É que suas atitudes desassombradas, no parlamento, não titubiando em atacar o próprio governo, quando os interesses superiores do país estavam em jôgo, projetaram de maneira sensacional e seu nome no cenário político do Brasil.

Alguns dos seus discursos, na Câmara Federal, tornaram-se conhecidos de todos e os brasileiros, de norte ao sul, que não lhe regatearam aplausos. Quem não se recorda das suas palavras, saturadas de ironia, quando, certa vez, no Parlamento, referiu-se ao estado lamentável dos portos nacionais? Foi o seu grito de alarme que levou o governo a tomar imediatas providências para reparar tão lamentável situação.

Sí grandes são as qualidades intelectuais de Jorge Lacerda, maiores são as do coração. Ele é simples, bom e sincero — tão sincero que até nem parece ser político. Serve a todos com a mesma atenção. Nunca lhe faltou boa vontade para servir aos seus semelhantes. Não é de estranhar, pois, a estima que nutrem por êle os catarinenses. Sí grandes triunfos já colheu na sua brilhante carreira, outros, bem maiores, aguardam-no para coroá-lo. O povo está com os olhos abertos para não se deixar iludir pelos demagogos de praça pública — e escolher os seus verdadeiros líderes.

“A NOTICIA” — 21/3/954

— XXVIII —

Com a notícia dos Cr\$ 200.000,00 que o América conseguiu do Departamento Nacional dos Desportos, por intermédio do Deputado Jorge Lacerda, todos nós respiramos aliviados com a valiosa contribuição. Respiramos aliviados e ficamos orgulhosos por terem na Capital da República, reconhecido o mérito do nosso trabalho já que, com plantas, orçamentos, atestados etc. tínhamos enviado também numerosas fotografias do estádio, desde os alicerces até a cobertura. Assim, pela primeira vez, Santa Catarina é contemplada com auxílio digno de menção do Departamento Nacional de Desportos. Joinvilense — apesar desta valiosa ajuda, ainda não podemos prescindir do seu auxílio. Você bem sabe, a nossa obra é portentosa, à altura de futuro grandioso que vislumbramos para Joinville. Ela não servirá somente aos nossos contemporâneos. Os que a idealizaram não são egoístas: estão construindo algo de vulto, à cuja sombra acolhedora virão abrigar-se crian-

locar tijolos no monumental Estádio do América F.C. — E, antes de mais nada, deve-se ressaltar que todo este trabalho é feito gratuitamente.

Como é dignificante a vossa conduta — e como toca profundamente o coração, humildes operários de Joinville! — Que tenhais ou não nascido nesta terra abençoada, a cidade sente-se orgulhosa de abrigá-los em seu seio. Compreendestes as dificuldades sem fim que o América está encontrando para levar avante a sua obra e quizestes ajudar-nos — oferecendo-nos a vossa preciosa colaboração. Falta-vos o ouro, o vil metal; tendes, porém, e de sobra, a compreensão, a bondade, de tudo, o culto bendito da grandeza deste recanto do Brasil.

Acompanho sempre o vosso trabalho; vejo de perto o suor humedecer-vos a face e o corpo queimado de sol; ouço a voz de alguns entoando canções alegres enquanto trabalham. O espetáculo é magnífico e o entusiasmo contagiante. Sim, bons amigos, a semente que lançastes haverá de germinar. Outros, em breve, seguir-vos-ão os passos. Sêdes felizes, humildes operários; tendes as bênçãos e a gratidão de Joinville. Os vossos nomes ficarão gravados em letras de ouro nas páginas luminosas de sua história.

“A NOTICIA” — 9/3/954.

———— XXIV ————

O dia de hoje convida-nos á meditação. O sol que por uma semana aniquilou a nossa resistência física, escondeu-se atrás de densas nuvens — como que cansado de fustigar a face dos homens.

Apesar da ausência do astro-rei o calor é intenso, ainda, e sente-se dificuldade para respirar a plenos pulmões. Si a chuva não vier amenizar a temperatura ambiente, a nossa reserva de energias esgotar-se-á logo — e quem sabe si teremos forças suficientes para continuar á luta!

Não somente o físico sofre com a elevada temperatura dos nossos climas tropicais; o próprio espírito sente-se aniquilado e, para reagir, o homem recorre á sua extraordinária força de vontade.

Longe de mim, porém qualquer idéia de desânimo — de desespero. — Si o nosso destino é lutar, lutar sempre, para realizá-lo, não esperamos por sombra e água fresca. As barreiras interpostas no caminho podem retardar a marcha, mas nunca impedi-la ou desviar a rota traçada.

Joinvilense! queremos dar á cidade o grandioso Estádio do América F.C. — Para isso, empregamos o nosso tempo, tão precioso quanto o seu — a nossa boa vontade — as nossas energias — a nossa pequena influência junto a amigos — conhecidos — clientes — e, por que não dizer, um pouco do nosso dinheiro quando este falta.

De você, caro leitor, só queremos colaboração decidida.

E você pode e deve ajudar-nos. — Joinville exige o seu apóio a esta monumental obra. — Vamos viver menos para o bôlso e o estômago e mais par olhar pelas coisas que nos falam tão de perto da grandeza desta terra maravilhosa — á sua terra — Joinville que embalou o sono de seu antepassados e, agora, afaga os seus filhos.

“A NOTICIA” — 12/3/954.

———— XXV ————

Você já leu os acompanhou pela voz de Léo César, na rádio local, uma das minhas numerosas crônicas? Não interessa saber si lhe agradou o meu estilo — a maneira, enfim, de apresentar-lhe as idéias. — Pouco importa o que possa pensar da minha capacidade em rabiscar estas linhas, do colorido das imagens, da música das palavras.

Quero, apenas, que responda a esta pergunta: você, caro leitor ou ouvinte, compreende o alcance desta campanha? Acha que vale a pena batalhar para dar a Joinville o Estádio do América, este monumento que você, seus filhos e descendentes irão, orgulhosos, mostrar aos que visitarem sua cidade — esta grandiosa obra que coloca Joinville em primeiro plano, no domínio do esporte, no sul do Brasil? — Sim, acredito em você, Joinvilense! — Estas crônicas estão despertando no seu íntimo aquela chama que iluminou os pioneiros e fez com que tudo sacrificassem pela grandeza de sua cidade. — Sim, você já está compreendendo o alcance da nossa obra e irá colaborar conosco. — É inconcebível que continue indiferente — vivendo alheio á marcha progressista de sua Joinville — comendo, bebendo — trabalhando e dormindo, apenas.

mento inspiraram ao poeta a frase imortal: "Foi a cinza dos mortos que criou a Pátria". — Sua cidade, joinvilense, não exige de seus filhos grandes sacrifícios. Pede-lhes, apenas, encarecidamente, que colaborem para o seu engrandecimento, ajudando a construir o magestoso Estádio do América F.C., um dos futuros motivos de orgulho dos filhos desta terra.

"A NOTICIA" — 6/5/954.

— XXXII —

Ao considerar a vida, você observa que, apesar das decepções diárias, das tristezas, sofrimentos — ela é preciosa — oferecendo-lhe oportunidade de ouro para revelar a sua personalidade — demonstrando que é homem — criatura razoável — moral — membro da cidade dos espíritos. Sob o ponto de vista religioso, ela é útil já que prepara outra vida superior — mas, neste mundo mesmo — podemos colaborar com Deus — amando-o e fazendo as suas vontades. O poeta, considerando as misérias humanas, acredita ter razão de dizer que é bem justo entrarmos na vida chorando. Acho que devemos encará-la com confiança, por nos oferecer tantas oportunidades de praticar o bem. E isto deve ser a nossa suprema ambição!

Joinvilense! Sim, são frequentes as ocasiões de se fazer o bem. A tôda hora, em tôda parte, elas surgem convidando-nos a generosidade.

Ajudando-nos a terminar o Estádio do América, você terá feito um grande bem a sua cidade e aos menos favorecidos da sorte, que necessitam de uma distração nos dias de repouso.

"A NOTICIA" — 7/5/954.

— XXXIII —

Existem duas espécies de humildade: — a verdadeira — aquela que nos faz pequeninos, considerando a grandeza do universo — com as suas infinitas maravilhas a nos falarem de Deus; e a falsa, a que nos deixa recuar diante da dificuldade de tarefa a cumprir. Na verdade, é um crime o homem não se apresentar á altura de suas responsabilidades — falhando diante de pequeno esforço — demonstrando fraqueza e incapacidade realizadora.

Um santo dizia ser vergonhoso voltar atrás quando se tem a fazer. Sim, consideremos a nossa fraqueza, mas, também, a força de que somos capazes.

Joinvilense — as horas passam e os minutos voam. Nossa vida pode ser eliminada dentro de poucos instantes. Lamentável seria não tirarmos dela tudo o que pode nos oferecer. E haveria maior alegria do que lutar pela grandeza de Joinville? A marcha de seu progresso poderá ser consideravelmente acelerada si os que aqui vivem se empenharem com denodo neste sentido.

E, não nos esqueçamos: uma vez terminado o Estádio do América — para o qual haverão de contribuir, Joinville será sempre lembrada como possuindo o mais completo Estádio do sul do Brasil.

"A NOTICIA" — 14/5/954.

— XXXIV —

A noite, depois das tarefas que ocupam tôdas as horas do dia, fazendo, no silêncio de seu lar, um exame de consciência, você verá que, para cada um de nós, há um poema e uma história. Um belo ideal, algo de sublime a realizar: eis o poema. E a história começa com os primeiros anos e nos acompanha sempre, com as misérias e grandezas da vida. Esta, com as numerosas preocupações que lhe apresenta sua mediocridade, simples exigências — grandes e pequenas alegrias, desgraças, sonhos, fraquezas, tudo enfim, contribue a moldar a sua personalidade. — É quanto mais completa fôr esta, sob o ponto de vista moral, maiores serão as suas responsabilidades, com os seus insondáveis mistérios, sim, já que nos é facultado julgar os atos dos homens e não as suas intenções.

Joinvilense! você que quer muito a sua cidade, contribua para que o grandioso Estádio do América fique logo terminado. E quando colaborar, faça-o com prazer, animado dos melhores propósitos, com os olhos voltados para a grandeza desta terra generosa e boa.

"A NOTICIA" — 15/5/954.

— XXXV —

Para que a mocidade possa enfrentar o futuro com resultados benéficos para si e a comunidade, é indispensável inculcar-lhe no espírito a confiança em si, o altruismo e, ainda, a cultura. Nos países da velha Europa, onde os riscos de novas guerras estão sempre a atormentar os homens livres, os jovens são trei-

ças, moços e velhos de muitas outras gerações de joinvilenses, para distrair o espírito e esquecer as misérias humanas. Por isso confiamos na compreensão e boa vontade dos filhos desta terra. A nossa confiança é absoluta e, certamente, não ficaremos decepcionados — Joinville, na sua ânsia de progresso exige a sua colaboração — E ela, não nos faltará, tenho certeza.

“A NOTICIA” — 1/4/954.

— XXIX —

Há muitos anos, ouvimos uma conferência de intelectual estrangeiro, no Teatro Municipal do Rio, conferência cujo título era este: “a crise da inteligência”. — Homem culto, dotado de grande eloquência, voz potente, gesto sóbrio e dominador, personalidade marcante, sábia, com sua voz, ora benévola, ora terrível, sempre insinuante, transformar suas idéias em sentimentos pessoais, fazendo vibrar, prolongadamente, as cordas sensíveis dos corações de todos. O sucesso do orador foi estrondoso e por muito tempo comentado nas rodas intelectuais da Capital da República. Na ocasião, Humberto de Campos, ainda vivo, escreveu belíssima crônica sobre o fato.

Joinvilense! creio não estar errado ao afirmar que a maior crise dos nossos tempos é a da moral. Dinheiro e inteligência, sobram por aí; o que falta é, vergonha. Encontramos a cada passo, homens cultos, ocupando cargos de responsabilidade, cuja palavra nada vale, cujos compromissos não tem significação. Mentem descaradamente e em tudo que fazem só tem em mira a salvaguarda dos seus próprios interesses.

Felizmente, caro leitor, nem tudo está perdido. Encontramos reservas morais que não nos deixam desesperar, fazendo com que ainda acreditemos no Homem — “símbolo da eternidade parada no tempo” — Prometi-lhe não esquecer os que nos ajudarem a construir o Estádio do América. — Quero homenagear a um digno representante de Santa Catarina na Câmara Federal, pelo muito que fez por nós e que já é do domínio público. Hoje, apenas, cito-lhe o nome: Dr. Jorge Lacerda.

Na próxima crônica continuaremos.

“A NOTICIA” — 27/4/954.

— XXX —

Ao iniciarmos a construção do monumental Estádio do América F. C., esperávamos contar com o apoio de grande número de amigos, idealistas como nós, que viriam com a força de sua palavra e a influência benéfica do seu prestígio, ajudar-nos a dar a Joinville este presente de que ela tanto necessitava. Uma das mais preciosas colaborações que recebemos foi do diletto amigo Dr. Jorge Lacerda, deputado federal por Santa Catarina — que tão brilhantemente tem representado sua terra natal, na Capital da República. E quem não o conhece, neste recanto do Brasil? E quem não lhe admira a bondade, a primorosa educação, a simplicidade, a cultura e acima de tudo, a dedicação á causa pública? Sua privilegiada inteligência, seu entusiasmo e sua extraordinária força de vontade estão ao serviço do seu pequenino Estado — que elle tão bem soube projetar no cenário político nacional.

Joinvilense! longe de mim a intenção de procurar fazer, com estas linhas, propaganda política, mesmo porque Jorge Lacerda já conquistou a gratidão e a estima dos catarinenses e seu nome dispensa elogios. Queremos, apenas, manifestar publicamente a nossa gratidão a quem, não sendo filho desta cidade, com o auxílio que conseguiu ao América, fez mais por Joinville do que muitos que aqui nasceram.

“A NOTICIA” — 28/4/954.

— XXXI —

Uma agência telegráfica americana transmite-nos a triste notícia do luto e desespero dos habitantes de diversos vales da Austria e Suíça, em consequência das avalanches catastróficas que desceram das montanhas, sepultaram centenas de humildes cidadãos que viviam felizes em suas granjas, ganhando difficilmente a vida, pois lá o solo é ingrato e rochoso. Os sobreviventes recusaram-se a abandonar seus lares, apesar da ordem das autoridades, neste sentido, dizendo: “Se nossas casas ficarem enterradas debaixo da neve, preferimos ficar enterrados também”.

Joinvilense! em todos os recantos do Universo — encontramos exemplos semelhantes de amor ao torrão natal. A beleza e a intensidade deste senti-

ciência — visando o bem estar dos seus semelhantes? Sim, não há povos superiores ou inferiores, bons ou maus — inteligentes ou não — tôdas as raças têm os seus bons e maus elementos — Creio, porem, que em tôdas as nações, há indivíduos que, pelo espírito de sacrificio a guiá-los em pról de nobres causas — podem ser considerados acima dos outros — na escala humana.

Assim, você, joinvilense, reconhecendo no Estádio do América uma obra indispensável á cidade e ajudando-nos a concluí-la. terá dado uma resposta ao desafio das necessidades atuais.

“A NOTICIA” — 30/5/954.

————— XXXIX —————

Nos momentos tranquilos, quando longe dos homens e do mundo agitado, consultamos a consciência, procurando sondá-la sempre melhor, nêstes instantes serenos, repito, dir-se-ia ouvirmos vóz distante a perguntar-nos si de fato conhecemos a razão do ser da existência. E uma avalanche de idéias acode-nos repentinamente ao espírito. Alguns acreditam que vale a pena viver para contribuir, pela cultura e civilização. ao progresso da nossa pobre humanidade. Outros, para conquistar a natureza pela ciência — Outros, enfim, pertencem a classe dos que não sabem porque vivem.

Na verdade, só estamos na terra para aperfeiçoarmos, esteticamente, a nossa personalidade — para enfrentarmos tôdos os obstáculos que possam surgir na nossa frente e eliminá-los — para olharmos com afeição e estima os nossos semelhantes — cultivando-lhes a amizade — respeitando-lhes as lágrimas e os sorrisos — certos de que a felicidade suprema é a que sentimos ao proporcionar aos outros, desinteressadamente, um pouco de alegria.

Joinvilense! Sei que é feliz — já que a saúde e a sorte lhe acompanham os passos. Seus recursos monetários lhe permitem. de quando em vez, dias de repouso nas praias, uma viagem de recreio — que, para alguns, se estende á velha Europa — Sim, viajar é bom, já que, conforme afirmou Mme. de Staël, “viajar é ler no grande livro da natureza”. Vamos. porem, caro leitor, olhar em redor de nós — Quantos seres humildes que mal têm para matar a fome — Como pensar em viagem de recreio? Não será um sacrificio para você, joinvilense, proporcionar uma distração aos menos favorecidos da sorte — Basta ajudar-nos para podermos terminar o grande Estádio do América F.C..

“A NOTICIA” — 2/6/954.

————— XL —————

Alguém escreveu: “a memória é fôlha de outono; por momentos murmura ao vento, depois não se ouve mais”.

Si em certas ocasiões, êste pensamento traduz uma verdade, em outras, é completamente falho. Tôdos nós, ao lançarmos um olhar para o caminho já percorrido. observamos que a lembrança de certos fatos se conservou indelével em nossa memória.

Assim, o joinvilense recorda, saudoso, o dia do 1º centenário da cidade. E como éra bela a união de tôdos, para que a magna data fôsse dignamente comemorada. — E como encantava-nos o espírito de sacrificio da população, visando unicamente o esplendor dos festejos. Homens, mulheres e crianças — ricos e pobres — desempenharam-se a contento na luta titânica. E o resultado foi aquêlê successo estrondoso.

Joinvilense! A data do 1º centenário passou. O que deve permanecer vivo, porém, é o espírito de luta pela grandeza de Joinville, espírito êste que empolgou a tôdos aquêles dias festivos. A nossa união em tôrno da construção do Estádio do América será prova evidente de que continua intensa a fé dos joinvilenses nos destinos de sua cidade.

“A NOTICIA” — 3/6/954.

————— XLI —————

É com profundo pesar que, si considerarmos os problemas do Universo, chegamos a conclusão desalentadora de que a ciência está a serviço da ruína do progresso e da civilização. — Dir-se-ia que esta maravilha representada pela inteligência — depois de ter-se esmerado na marcha ascendente da humanidade, deiteia-se em descobrir meios requintados de arrazá-la. — Enquanto a Medicina estuda processos sempre mais aperfeiçoados para conservar a saúde e prolonga a vida, outras ciências contribuem para infundir o terror nas massas. A bomba atômica que destruiu Hiroshchima e matou 40.000 pessoas — está antiquada.

nados para enfrentar a vida com forças para resistir, física e mentalmente, a qualquer adversidade. Bem sabem eles que os obstáculos só podem ser vencidos com vontade inabalável. Para educar a mocidade física e moralmente, chegaram a fundar escolas especializadas as quais acorrem jovens de todos os países.

Joinvilense! si o esporte também aprimora o físico e o caráter incutindo nos jovens a disciplina e o espírito de sacrifício oferecendo-lhes riscos, desafios e obstáculos a vencer si ele, é, também, uma escola primorosa olhada com carinho em tódo o mundo porque não oferecemos à nossa mocidade os meios de praticá-lo convenientemente? Ajudando o América a concluir o seu Estádio, nada mais fazemos do que desempenhar o papel de homens certos das responsabilidades.

“A NOTICIA” — 16/5/954

XXXVI

Há 5 anos, escrevi: “Os que vieram, há 1 século, lá da velha e já cansada Europa, que lutaram como gigantes, com o espírito altivo e incomparável dos pioneiros, animados pelo ideal, sentir-se-iam felizes se lhes fôsse possível contemplar, hoje, a cidade que fundaram com tanto sacrifício e tantas lágrimas”.

Eles deram tudo: a saúde, a própria vida, na luta contra os elementos e a natureza ainda selvagem. Cabe-nos não somente velar com carinho pela cidade que nos legaram, mas ainda e acima de tudo, mostrar-mo-nos dignos continuadores da sua grandiosa obra!

Joinvilense! para nós, como para os romanos, os próprios deuses em seus templos devem ser úteis. Sem revestir os vasos e os mármore, como os gregos na bela e gloriosa Atenas — achamos que a beleza devia traduzir-se em máquinas, estradas e edificações.

Não seja, para nós, o dinheiro, como para os habitantes de Cartago, “qualquer coisa metida dentro de um saquinho de couro, herméticamente fechado e sinetado”. — As gerações futuras não nos perdoarão si deixarmos por terminar o monumental estádio do América. E não nos esqueçamos nunca: “Quem construir grande e bonito, embeleza sua terra e serve a Pátria”.

“A NOTICIA” — 20/5/954.

XXXVII

Você, bondosamente, acompanhou as linhas escritas com prazer e dirigidas aos filhos desta cidade. Espero que elas lhe tenham proporcionado momentos de satisfação espiritual — pela serenidade com que foram redigidas — pelo entusiasmo sadio que procuraram transmitir ao leitor — entusiasmo por uma nobre causa — qual seja a de congregar todos os joinvilenses de boa vontade em tórno da construção do monumental Estádio do América F.C..

Não sei qual seria o resultado desta iniciativa — Teria perdido o meu precioso tempo? Ou o éco de minha voz estaria repercutindo favoravelmente em todos espíritos bem formados? Espero que sim — Entretanto, qualquer que seja o resultado desta cruzada, não me arrependerei jamais de tê-la iniciado. Toda decisão importante deve ser tomada depois de muita meditação. E a minha, ao iniciar esta campanha, o foi. O ideal de servir a cidade inspirou-a, guiando-lhe os passos sempre. Nunca terei decepções por que conheço os homens e as coisas — A maior recompensa que espero é ver nos dias de festa — no Estádio americano terminado, o pavilhão auri-verde a tremular no alto do seu mastro — conclamando-nos a luta pela grandeza do Brasil — acolhedor e bom — altivo e generoso — paraíso de Deus na terra.

“A NOTICIA” — 23/5/954.

XXXVIII

Uma classe de homens admiráveis é a dos sábios. Sacrificam a vida e com as luzes da ciência procuram diminuir a miséria humana. Não lhes interessa a imaginação — a sensibilidade — Eles são modestos — tolerantes — bons para com os fracos — os humildes e pequenos, estimulam as jovens inteligências — afastando delas os sonhos — inspirando-as para aumentarem os seus conhecimentos.

Apreciam a arte e a virtude.

Joinvilense! quantas lições nos oferece a vida destes heróis anônimos de vasta cultura — educação primorosa — bondade acima de tudo os recomendam à nossa profunda estima. E por que não falar nesta dedicação extrema à

No último festival do cinema, realizado em Cannes, foi apresentado um filme que emocionou a todos os que o viram. O assunto mesmo já é muito conhecido. Uma rapariga e quatro rapazes decidem roubar para realizarem uma viagem. — Entretanto, são infelizes no seu intento e, com isso, um vigia noturno vem a morrer. — Em seguida, há suspeita de que um dos membros do grupo quer trair os demais e é executado sem piedade.

O autor do filme quer mostrar-nos com o seu trabalho a tremenda responsabilidade que pesa sobre os ombros dos pais, já que nos apresenta as famílias daquelas crianças sob os mais deprimentes aspectos.

A tése apresentada é justa.

A história, porém, não deixa de ser horrorosa. — Poucos dias depois da exibição do filme, dois jovens tentam assassinar um motorista de praça, e outro ataca um capitalista, movendo na ocasião, um policial. Na prisão os pequenos criminosos confessaram ter querido imitar os assassinos do filme.

A quem responsabilizar por casos tão dolorosos? Os pais? Certa imprensa escandalosa? A sede de violência e de sangue de criaturas débeis? Na verdade a sociedade cuja abse moral está abalada, deve ser responsabilizada por tão tremenda calamidade.

Joinvilense! Conta-nos a História que César, ao visitar Espanha, teve os olhos marejados de lágrimas quando contemplou, em recanto aprazível, a beira-mar, a estátua grandiosa de Alexandre, braços abertos, fixando o horizonte como a indicar-nos o grande império que conquistara. Perguntaram a César o motivo de suas lágrimas e êle respondeu: "Choro ao considerar que nada realizei até agora; Alexandre, com a idade que tenho, já havia dominado o mundo.

"Joinvilense! esqueça, por momentos, os seus afazeres, e atente bem: o magestoso Estádio do América merece o seu apôio. Ajude-nos para que possamos legá-lo à posteridade.

"A NOTICIA" — 17/6/954.

A História nos ensina que os gregos e, depois dêles, a Renascença exigiam uma obra de arte dos homens de poder e de talento — oferecendo, assim, belo espetáculo aos contemporâneos, e, aos pósteros, exemplos a serem imitados. Para isso, esmeravam-se em apresentar trabalhos perfeitos, já que sempre tinham os olhos fixando a eternidade.

Assim, hoje, 500 anos depois de sua construção, ainda admiramos a grande basílica de São Pedro. — A catedral de Milão exigiu quatro séculos de trabalho. É preciso considerar, entretanto, que a Grécia teve o seu período áureo — e a Renascença surgiu graças aos inúmeros mecenas que abrigavam á sua sombra protetora aos artistas de talento.

O Império Romano nada deixou que o recomende á nossa gratidão porque os seus Imperadores e Imperatrizes só se preocupavam com as bacanais famosas daquele tempo.

Joinvilense! o desejo de glória unia príncipes e artistas da Grécia de Péricles e da Renascença — que serão eternamente lembradas. Nunca, porém, o dinheiro os magnetizou! Assim ovêcê, para dar á sua cidade o mais completo Estádio do Sul do Brasil, vai colaborar com o América tendo os lhos voltados para a grandeza de sua Joinville.

"A NOTICIA" — 20/6/954

Na vida que leva, em tôdas as suas atitudes e ações, nota-se o amor que nutre pela sua cidade. E como lhe conforta o coração vê-la elogiada por fofasteiros.

Tristes ficaríamos tôdos sí algo a desabonasse. Sí nos reportar-mos, porém, ao domínio do esporte, vemos o quanto de trabalho e luta temos pela frente. O tempo passa e não nos resta um minuto a perder.

Já pensou, caro leitor no arrôjo do América, ao construir o seu monumental Estádio? No alcance extraordinário de sua iniciativa? Sim, peço-lhe um minuto de reflexão. Tôda obra de vulto exige que se lhe tracem minuciosamente os planos — que se trabalhe com amor e dedicação até concluí-la. E qual seria a alavanca propulsora de tudo isso.

Quer dizer que agora, já podemos mais facilmente aniquilar os homens. Voamos a velocidade do som — De que vale tudo isso senão sabemos para onde vamos e si nem sequer vislumbramos um pouco de alegria e felicidade no fim desta longa estrada...

Quantas obras extraordinárias desapareceram com as guerras!

E como são profundamente estimadas — as vezes, chegamos ao paradoxo de que o são mais do que os homens...

Como é difícil nos consolarmos da perda dos versos de Milton: A lembrança da destruição da biblioteca de Alexandria, do Partenon, e da Catedral de Reims continua bem viva em tôdas as lembranças.

Joinvilense! tôdo o povo de Bizânco lamentou com lágrimas nos olhos a perda de uma Helena de mármore. É o culto pelas obras imortais criadas pelo cérebro humano...

Assim, você, agora, ajudando-nos a concluir o Estádio do América, amanhã saberá velar carinhosamente por ele, como verdadeiro patrimônio de sua cidade!

"A NOTICIA" — 9/6/954.

— XLII —

Si atentarmos para os acontecimentos diários que se desenrolam aos nossos olhos, chegamos á conclusão de que tudo se passa de acôrdo com planos traçados por mãos divinas. É suficiente para observar este fato, ter um pouco de compreensão, bom senso. Não se deve porém, ser fatalista e desprezar a parcela de responsabilidade que nos cabe no desenrolar destes acontecimentos. É criminoso cruzar os braços, fugir da luta, evitar os obstáculos — ficando, na sombra, a esperar que a borrasca passe — Vamos pairar acima das paixões — filosofar, mas não se retraindo em regiões abstratas — não se tornando estranho aos acontecimentos marcantes que dizem respeito ao nosso tempo — Não se desinteressando pelas questões humanas.

Joinvilense! si estas linhas inspiradas no entusiasmo pela cidade onde nasceram meus filhos e ditadas pela necessidade de terminarmos a obra iniciada no campo do América F. C., si estas linhas, digo, chegarem a tocar a sua sensibilidade, levando-o a colaborar conosco para que sua cidade tenha mais um monumento que a recomende aos forasteiros, dar-me-ei por satisfeito. Todos reconhecem que Joinville exige que se termine o monumental Estádio do América — Deixar de colaborar conosco é dar provas de fanatismo ou apêgo exagerado ao vil mental.

"A NOTICIA" — 10/6/954.

— XLIII —

Para falar a você, sacrifiquei algumas horas. Cheguei a insistir no assunto, solicitando sempre a sua colaboração indispensável para darmos à Joinville um Estádio grandioso. Sei que interpreta da melhor maneira esta minha insistência porque também tem os olhares voltados para o futuro de sua cidade. Raciocinemos um pouco: afinal, é indispensável que alguém cuide deste assunto. Si cada um de nós só se preocupar com os seus problemas, quem haverá de se interessar pelos da cidade? Joinville marcha rapidamente na senda do progresso — Queremos que ela se desenvolva harmoniosamente, em tôdos os domínios da atividade humana — E ela não pôde prescindir do Estádio do América F. C. . .

Em uma de minhas crônicas, disse-lhes ter afastado para bem longe, os miseráveis hipócritas — os preguiçosos — os incapazes — os despeitados — os derrotitas, e lhes expliquei o motivo desta minha decisão — Hoje, quero dizer-lhe que, para concretizar a idéia de dotar Joinville de Estádio digno dela, conto com os espíritos bem formados — com os que desejam ver Joinville progredir — Em algumas cidades de Santa Catarina, para não falar em outras de fóra, existem Estádios mandados construir por uma só pessoa — Seria acreditável ou admissível que Joinville — ostentando o pomposo título de Manchester Catarinense — não consiga, com a colaboração de tôdos, terminar o seu Estádio já bem adiantado? Não, temos bastante amor próprio — brios — e com a ajuda de Deus ele será, em breve, uma raelidade. Joinvilense — o Estádio do América é seu — dos seus filhos — das gerações futuras!

"A NOTICIA" — 15/6/954.

a colaboração espontânea e intensa dos joinvilenses; a finalidade a que se destinava a renda, já que toda ela devia reverter em benefício da compra de tijolos.

A própria natureza olhou por nós e quando todos esperavam um fracasso absoluto, já que chovia há quasi quinze dias — eis que, no céu, dissipam-se as nuvens para deixar aparecer, em toda a sua magestade, o astro rei. Dir-se-ia que a natureza, considerando a luta da comissão organizadora — compadeceu-se de todos nós americanos — e afastou, á última hora, as nuvens para longe, levando, assim, ás chuvas a outras terras.

Joinvilense! á medida que passam os dias, mais se enraíza no meu íntimo a fé inabalável nos altos destinos desta cidade. Como me sinto feliz em ter sempre encarado o futuro do otimismo. O incomparável sucesso daquela festa ficará na nossa lembrança e será sempre uma resposta à altura aos descrentes, incapazes e derrotistas — cuja finalidade máxima é arrazar com os planos dos que ainda acreditam no supremo ideal das criaturas — nunca descrever do homem, imagem de Deus na terra.

“A NOTICIA” — 4/7/954.

— L —

No espetáculo da vida, cada um de nós deve procurar um bom lugar. Não é suficiente assistí-lo — é preciso colaborar para que tudo siga o caminho traçado pelas mãos do Creador. O homem que pensa, interpreta devidamente o seu papel. A inteligência nos orienta de maneira segura e nos fornece uma fonte mesgoteável de ilusões que, com o tempo, ela se encarrega de dissipar. O essencial é realizar em si a evolução universal sem deixar-se fascinar pelo espetáculo — para não romper o encanto com um sorriso ou a ironia. E si sonharmos é preciso fazê-lo com os olhos abertos para não falharem as nossas esperanças.

Si fizermos, de quando em vez, um retiro filosófico ou religioso, examinando minuciosamente a nossa consciência, veremos como a vida é boa e generosa. Cabe-nos, apenas, compreendê-la e amá-la, sem nos apegarmos demasiadamente às coisas deste mundo.

Como homens, entretanto, não podemos nem devemos fugir ás nossas obrigações e responsabilidades. Obrigações para com a família, o país onde nascemos, a cidade onde vivemos, procurando trabalhar pela solução dos seus problemas.

Joinvilense! com o Estádio do América terminado — sua terra terá dado mais um passo na senda do progresso!

“A NOTICIA” — 9/7/954.

— LI —

O silêncio, disse alguém, é a única linguagem do homem quando o que êle sente ultrapassa a medida comum das suas impressões. E os árabes, na sua sabedoria multissecular, têm por hábito repetir: “Si de prata é o falar, de ouro é o calar”. Na natureza, força extraordinária, observamos o mérito do silêncio e a sua magestade. Quem viu de perto um carvalho, árvore gigantesca de mais de 30 metros de altura, sabe que êle nasceu, vive, se desenvolve no seio da floresta densa, silentemente, durante muitos séculos, sem jamais protestar ou deixar ouvir um queixume. Quando o homem com sua machadinha, vem vibrar-lhe os golpes profundos, depois de muito sofrer, ela cae e somente então deixa ouvir gemido lúgubre, tal estertor agônico, cujo eco vai repercutir através das quebradas de todas as colinas das cercanias.

Joinvilense! Sim, concordamos, o silêncio vale muito e “de ouro é o calor”. Nós o rompemos, porém, e não nos arrependemos de tê-lo feito. Creio que ninguém ousaria criticar-nos levando em consideração o motivo de nossa atitude que não é outro sinão o de servir a cidade. Queríamos chamar a atenção para a monumental obra de engenharia que se está elevando aos céus. lá no Campo do América. E creio que conseguimos o que desejávamos. Hoje, todos os filhos desta terra acompanham com interesse sempre maior a construção do Estádio americano, o orgulho de Joinville Centenária.

“A NOTICIA” — 11/7/954.

— LII —

O ano de 1954 não difere dos que já passaram, com os seus dias de sol ou de chuva, de frio ou de calor — sem falar nas noites claras, com o céu pontilhado de estrêlas, ou naquelas carregadas de densas nuvens a esconderem aos nossos olhos, o firmamento.

Dá-me um ponto de apoio, disse alguém, e levantarei o Universo. Sim, os que iniciaram a obra da rua Duque de Caxias trazem acêsa no peito a chama do entusiasmo que tudo ilumina e a fé que abala montanha e atravessa mares tormentosos — a fé nos destinos dessa terra predestinada ás grandes conquistas do cérebro humano.

Joinvilense! os que nos antecederam neste pedaço do Brasil deixaram sua história que é uma epopéia de heroísmo. Eles se foram — mas os seus exemplos e sua lembrança aqui ficaram — ás margens deste rio Cachoeira onde lutaram contra as fêras e lavaram as mãos calosas e rudes. O eco de suas vozes repercutem ainda através de nossas colinas e nos conclama á união em tórno do progresso de Joinville.

“A NOTICIA” — 24/6/954.

————— XLVII —————

Você já notou que tôda pressão exagerada sempre acarreta consequências desastrosas quando não é possível atenuá-la?

Uma caldeira, nestas condições, ficaria reduzida a nada.

Para evitar acidentes a mesma é dotada da válvula de segurança.

Há uma doença grave dos olhos em que a pressão dos mesmos se eleva de maneira extraordinária. — Senão se acode logo, proporcionando aos mesmos uma válvula de segurança, representada por pequena abertura, localizada na sua parte superior, a cegueira é imediata e definitiva — já que o nervo do olho fica destruído.

A própria natureza tem a sua válvula de segurança: são as crateras dos vulcões — dando saída ao excesso de pressão existente no seio da terra.

Não é verdade, caro leitor, que o espírito, também, necessita de sua válvula de segurança? Nos momentos de grande sofrimento, ela é representada pelas lágrimas que atenuam a dor. Nas horas de alegria, pelo ocorrido. — É uma necessidade premente que tudo que existe tem de expandir-se.

No meu caso, estas crônicas nada mais representam do que a tradução daquilo que, há 5 anos, vem-me preocupando o espírito: a necessidade de darmos a Joinville o magestoso estádio do América terminado. — Assim, falando consigo, através destas linhas — desabafo um pouco — alivio a responsabilidade que me pesa sobre os ombros — demonstrando-lhe a necessidade da sua colaboração a uma obra que é da sua cidade — portanto da sua família, dos seus filhos.

Enfim — são verdades. — Indispensável se tornou que alguém as dissesse bem alto!!

“A NOTICIA” — 27/6/954.

————— XLVIII —————

Nas minhas numerosas crônicas, tive oportunidade de tratar de diversos tipos humanos encontrados nas sociedades de todos os tempos. Assim, refiro-me aos miseráveis hipócritas — os maiores criminosos da história — “inimigos de Deus e òs próprios inimigos de Deus”; aos incapazes que nada fazem e não podem admitir que se realize alguma coisa; aos derrotistas que procuram solapar tôdos os planos que os outros concebem — mesmo levando em consideração os benefícios que possam trazer á coletividade; aos ávaros, de vida inútil e cuja morte não faz falta a ninguém — sempre acumulando fortuna e deixar para os séres que mais detestam: seus genros — o futuro marido e mulher e as nóras.

Esqueci-me, entretanto, de citar-lhe um outro tipo de indivíduo, sempre atencioso quando se lhe pede uma colaboração e, que, apesar de não pertencer a nenhuma das classificações citadas — gosta de contemporizar. — Não ousa recusar um auxílio abertamente, já que não encontra motivo para tanto, mas, também, procura esquivar-se o quanto pode.

Joinvilense! êsse último tipo humano é tão desprezível quanto os outros já citados, por querer fazer de palhaço os que lutam por um ideal. — Digo mais: é pior do que êles. — Os outros estão nitidamente classificados e catalogados. Este, procura esconder o que de fato é. — Para mim êle não passa de sombra apagada de homem hipócrita mascarado!

————— XLIX —————

Jamais se apagará da retina dos filhos desta terra o espetáculo magnífico apresentado pelo festival do América. — Para o seu estrondoso sucesso, tudo contribuiu: — a impecável organização da comissão encarregada dos festejos;

“A NOTICIA” — 1/7/954.

obia, isto é, faremos a parte restante, compreendendo bar, restaurante, vestiários, chuveiros, cancha de bolão, etc. — Tôdas estas dependências têm já o seu lugar reservado no corpo do Estádio. — Como vêem, os prezados leitores, a obra é grandiosa, e supera qualquer outra existente no Paraná e Santa Catarina. Não é pois exagêro dizer-se que o Estádio do América, em breve, será o mais completo do Sul do País.

Joinvilense! os seus pensamentos são como "aves que procuram sulcar os espaços, para remontarem ao infinito". — Fixe-os um momento, na necessidade inadiável de colaborar conosco, dando um pouco do muito que possui, dando sem constrangimento, voluntariamente, com alegria, que a própria alegria o recompensará.

"A NOTICIA" — 25/7/954.

————— LVI —————

Você não pode imaginar os aborrecimentos que tenho, quasi que diariamente, nesta minha luta tremenda para dar a Joinville o magestoso Estádio do América. Basta lembrar-lhe como é desagradável estar pedindo favores aos outros, por qualquer que seja o motivo. Bem sabe, caro leitor, que nem tôdos os homens têm a mesma compreensão, boa vontade, educação e sentimentos. Entretanto, até agora, temos esquecido a maior parte dêstes aborrecimentos, já que contávamos com êles. Um, entretanto, ficará na nossa lembrança: o da recusa de colaboração por parte de alguns joinvilenses, donos de grandes fortunas, que apresentavam em sua defesa, desculpas infantis. Essa atitude contrasta de maneira evidente com a de outros Senhores recém-chegados a esta cidade e que, de boa vontade, prontificaram-se a ajudar-nos.

Joinvilense! os nossos dias estão contados e, quando menos esperamos, deixaremos a terra. O Estádio do América, porém, aqui ficará, atestando a pujança da nossa geração!

"A NOTICIA" — 29/7/954.

————— LVII —————

Já nos referimos em crônica passada, ao Império Romano, tão rico em prazeres desregrados, orgias e muito pobre em arte e ciência. — Agora, queremos lembrar as épocas da História em que as criaturas eram prestigiadas de acôrdo com a sua saúde e beleza, quando predominavam a opulência, as ingratições e vinganças, amôr á liberdade. — Por tôdos os lados, surgiam, então, estátuas reluzindo ao sol. — Célebres artistas, príncipes, as mais humildes criaturas procuravam vê-las e, por elas, tinham carinhosa veneração. — Sim, naquêles tempos, em primeiro plano, ficavam a saúde e a beleza e, em segundo, as virtudes de gratidão e renúncia.

Joinvilense! cremos que o homem sensato concebe a vida como experiência constante, coloca no mesmo plano a saúde, a beleza a gratidão e a renúncia e considera necessário e predomínio da arte e do espirito, como na clássica Atenas. — Em assim pensando e agindo, encontra mais satisfação espiritual e felicidade nesta sua peregrinação pela terra, já que sí a saúde e a beléza são efêmeras, a gratidão e a renúncia representam virtudes eternas, como a felicidade.

Antes de encerrar esta crônica, lembro-lhe, caro leitor, que a sua colaboração é necessária para terminarmos o grandioso Estádio do América, e que, na opinião do sábio, só por três motivos devemos sacrificar a vida: — a beleza, a justiça e a verdade.

"A NOTICIA" — 3/8/954.

————— LVIII —————

A crônica de hoje dedico-a inteiramente ao cobrador das cadeiras cativas, Jacob Weitz. E o faço com prazer, porque o trabalho dêste Senhor foi feito em atenção ao ideal pelo qual lutamos; desinteressadamente, sem remuneração alguma. — E sei que a tarefa de Jacob Weitz foi árdua, a luta difícil. — Isto porque iniciamos a cobrança das cadeiras cativas quando nem sombra de Estádio tínhamos. — E foi justamente o dinheiro das mesmas, o primeiro que nos chegou às mãos, aquêlo com o qual demos início á monumental obra e, ainda, adquirimos os 8.000 m². do terreno para ampliarmos o nosso campo. — Do encontro mensal que tínhamos para ajuste de contas, resultava trôca de idéias sobre assuntos va-

Como sempre, nas relações entre os homens, há camaradagem — traição — sentimentos mesquinhos — a rebaixarem as criaturas e outros, de altruísmo e bondade, que as elevam e dignificam.

No palco do universo, continua a desenrolar-se o drama da vida.

O sofrimento, condição inerente á natureza humana, ainda nos acarbrunha. — Temos, porém, momentos suaves em que, esquecendo tôdas as agruras, sentimos a doce alegria de viver. — E, assim, será sempre, enquanto, sobre a face da terra existir o homem com os seus sonhos e esperanças — suas lágrimas e sorrisos.

Joinvilense! para você este ano ficará tendo uma significação tôda especial e nunca se afastará da sua lembrança. — Ele será mais um marco lançado na longa estrada percorrida pela sua Joinville, já que o ano de 1954, digo, apresentará este luminoso recanto do sólo barriga verde com o maior e mais completo Estádio de Santa Catarina.

Na sua sólida estrutura de ferro e cimento, êle resistirá ás tempestades e só mesmo a maldição divina poderá abalar os seus alicerces. — Deus, entretanto, que aprecia tudo que se afastando do sólo se projéta para o alto, á procura do infinito, não haverá de permitir que o monumental Estádio do América, volte a beijar a terra. — Lá, estará êle, sempre, fitando o horizonte, e na sua imponência, indicando-nos a senda luminosa do futuro.

Sim, pelos séculos afóra o ano de 1954 será ainda lembrado. E, para cada joinvilense, êle representará o ano do magestoso Estádio do América.

“A NOTICIA” — 15/7/954.

————— LIV —————

Ao darmos início a construção do monumental Estádio do América, os críticos de mesa de café também diziam que a obra não chegaria ao seu fim. Devia tratar-se, na verdade, de sonho que jamais seria concretizado. — Os anos seguiram sua marcha tranquila. O Estádio cresceu lentamente, porém, sem parar. — Tôdas as dificuldades foram superadas. — E, agora vendo a obra quase terminada, os mesmos críticos de mesa de café, que nada fazem a não ser meter-se na vida alheia, estes críticos, digo, já estão achando os seus defeitos. — Alguns dizem que o Estádio é grande demais — outros, que os espectadores vão se molhar, etc., etc..

Joinvilense! o grandioso Estádio do América pode ter todos os defeitos, mas é uma obra concreta. — Meu único desejo é que êle, na sua imponência, possa servir de inspiração a tôdos os que desejam trabalhar pela grandeza desta cidade. — E os que se acharem com ânimo forte, que demonstrem a sua fibra e façam coisa melhor. — Verão logo que é muito mais fácil criticar do que realizar!

“A NOTICIA” — 18/7/954.

————— LIV —————

Bossuet, um dos maiores oradores sacros de tôdos os tempos, apresenta-nos, em famosa oração fúnebre, — crianças, moços e velhos no palco, os primeiros procurando afastar os segundos e, estes os terceiros. O palco é a vida. Os que nêle foram colocados representam as diversas gerações com que se apresenta a humanidade, uma procurando eliminar a outra para tomar-lhe o lugar.

É a luta eterna pela existência.

Tôdos nós depois de desempenharmos bem ou mal o nosso papel, deixaremos o palco. Felizes os que saírem de cabeça levantada e consciência tranquila.

Joinvilense! antes de encerrarmos as pálpebras pela última vez, quantas boas ações estamos em condições de realizar.

Uma delas será contribuírmos, na medida de nossas fôrças, para que se complete logo o monumental Estádio do América.

“A NOTICIA” — 22/7/954.

————— LV —————

Hoje, quero fornecer-lhe alguns dados sobre o monumental Estádio do América F.C. — Ei-los: — comprimento: 68 metros; largura: 11; altura: 15,45. — Cada uma das 11 vigas que sustentarão a sua cobertura têm 12,40 metros de comprimento e o peso de 7.200 quilos.

Note-se que a cobertura é de vão livre, sem coluna alguma para sustentar as vigas de cimento. Assim, a visão do campo será ótima. Dez das onze vigas já estão terminadas. — Logo que se complete o arcabouço concluiremos a

que se está realizando. Entretanto, para completá-la, necessitamos do apoio de todos os bons joinvilenses. É indispensável, para melhor nos apresentarmos perante os forasteiros, que Joinville tenha o seu Estádio. — E lá que todas as classes sociais se confundem. É lá que, aos domingos e dias de festas, depois de uma semana de trabalho, pobres e ricos, adultos e crianças, vão esquecer as suas mágoas, vibrar, torcendo para o triunfo de suas cores. — Joinville centenária exige que se faça o impossível para completar o Estádio Americano.

Sim, e quanto ao espírito que presidiu a esta grandiosa iniciativa, é o da necessidade premente de transformar em realidade um sonho há muito tempo acalentado; é o da compreensão de que uma cidade como a nossa não pode prescindir de um Estádio digno dela; é a ansia de crescer, progredir, subir cada vez mais alto. — Sim, temos sede das alturas e bastante compreensão, bom senso e sabemos interpretar devidamente os fatos. — Tanto melhor si as dificuldades que venceremos forem grandes: maior e mais mérito será o nosso triunfo. — Como o poeta, estamos habituados a fazer periodicamente a escalada da montanha, para arejar o espírito e o coração em contacto com o ar puro dos cumes. — Sim, repito, temos sede das alturas, já que só de lá poderemos escutar os longínquos horizontes e lançar os olhares sobre as supremas belezas!

"A NOTICIA" — 15/8/954.

— LXII —

Você deve estar lembrado do auxílio que solicitamos dos poderes públicos municipais, há 2 anos, mais ou menos, quando apenas tínhamos iniciado a construção do monumental Estádio do América. — Sim, e o defensor da nossa causa na câmara dos vereadores, quem apresentou o projeto e o justificou, foi o Dr. Oswaldo Altino Dória, líder, na ocasião, da maioria.

Depois de aprovado em 2 sessões, quando faltava só a 3ª para aprovação da redação final, todos sabem como o mesmo projeto foi sabotado. Parece incrível, mas é a verdade: alguns vereadores que tinham dado o seu voto favorável, sob influências estranhas, falharam na hora decisiva, dizendo-se arrependidos do que haviam feito e mudando de opinião. — Parabéns a estes ilustres vereadores e a todos os que nos traíram. — A eles, pouco interessa que se construa um Estádio monumental como o do América. Para eles, Joinville, em 100 anos, progrediu demais. — Agora, já pode estagnar. — Eles nunca imaginaram que a grandeza de uma cidade está na magnificência dos seus monumentos. — De uma coisa, porém, podem ficar certos: eles traíram, com esta atitude, o mandato de que foram investidos pelo povo e os próprios mortos estão a clamar ainda contra esta infâmia.

Consola-nos a certeza de que, todas as vezes que passarem pelo magestoso Estádio do América, eles terão remorsos e sentir-se-ão envergonhados de não o terem ajudado a construir. — A eles, ornem muito bem estas palavras: — "Perdoai-lhes, Senhor, por que não sabem o que fazem".

"A NOTICIA" — 19/8/954.

— LXIII —

"Estão em voga, em certos países, idéias modernas, materialistas, querendo igualar o homem á máquina, examinando-o como se faz com um automóvel. — Aspectos materiais existem nos indivíduos capazes de serem observados, estudados, classificados. — O absurdo está na pretensão de certa ciência de querer chegar a uma conclusão, após um exame padronizado, si a pessoa pode ser chauffeur ou engenheiro. — É que o aspecto material no homem pouco representa, seu espírito e coração, sua personalidade, enfim, e mesmo suas habilidades so podem ser estudadas por uma observação minuciosa e prolongada capaz de revelar suas tendências e aptidões. — Si os homens diferem uns dos outros, para estudá-los utilizemos não processos mecanizados, mas métodos diferentes. Daremos, assim, provas de lucidez e bom senso".

Joinvilense! a educação deve aprimorar a dignidade do homem. — Este não é máquina. — Ele tem coração, o que quer dizer sentimentos, tem inteligência, fonte de grandes realizações. — E não se esqueça: em nossos dias, o esporte está intimamente ligado a instrução e educação do homem. Ajude-nos, pois. — Só assim daremos logo á sua Joinville o monumental Estádio do América.

"A NOTICIA" — 22/8/954.

riados, e, principalmente, a respeito do caráter de certos indivíduos com os quais lidávamos. — Como prova de gratidão pelos serviços que Jacob Weitz nos prestou, foi-lhe oferecido uma cadeira cativa de 1ª fila.

Não esqueceremos os que colaboraram conosco. — Joinville não os esquecerá, também.

“A NOTICIA” — 5/8/954.

— LIX —

Um dos casos mais singulares em que se revela a ironia do destino, é nos fornecido por crônica oriental, que diz ter sido raptado, certa vez, um filósofo e, logo em seguida, exposto para ser vendido no mercado de escravos. Aproximou-se d'ele, na ocasião, um comprador e perguntou-lhe si sabia fazer alguma coisa. Sim, respondeu-lhe o filósofo, sei ensinar aos homens o caminho da liberdade.

E quando pronunciamos esta palavra, vêm-nos logo, á lembrança, as outras que com ela atearam fogo na França, inspirando a Revolução de 1.789.

Ainda, hoje, ecoam aos nossos ouvidos: Liberdade, Igualdade, Fraternidade! Belas Palavras! Sim, belas palavras! Entretanto, em redor de nós, qual delas se concretiza na vida cotidiana?

Liberdade? — Si somos escravos dos nossos pensamentos, das nossas paixões; escravos uns dos outros. Só seremos livres quando compreendermos que a vida é direito e obrigações, beleza e harmonia, compreensão.

Igualdade? — Não passa de idéia acalentada por sonhadores.

Fraternidade? — Si os homens já se esqueceram do preceito divino: “Amai-vos uns aos outros”...

Joinvilense! nestas minhas crônicas não quero ser demasiadamente modésto e, nem amável em excesso, já que a excessiva modéstia engendra humilhação e a amabilidade exagerada conduz á falta de respeito. Com tôda sinceridade, quero dizer-lhe que, si não colaborar conosco para darmos a Joinville o magestoso Estádio do América, estará dando provas de insensatez, egoísmo e, perdão pelo termo que vou empregar, ignorância, já que fortuna ficará na terra e seus herdeiros já estão com os olhos e a atenção fixos nela.

“A NOTICIA” — 8/8/954.

— LX —

Nesta crônica, não quero referir-me ao esplendor do prélio América x Caxias, ao ardor demonstrado pelos jogadores de ambos os quadros, á sua fibra inquebrantável, enfim, á vontade louca de triunfar que se apoderou de todos.

Também, não falarei, do cinismo de certos indivíduos que sempre se recusaram a colaborar para a construção do nosso Estádio, deixando de ficar com cadeira cativa, ou ações, e que, em dias de gala para o esporte joinvilense, como o de domingo, são os primeiros a ocuparem, na nossa arquibancada, os lugares que, por direito, estavam reservados aos que nos ajudaram a presentear Joinville com aquêlê monumento.

Na verdade, é revoltante a atitude d'estes senhores.

Quero, apenas, hoje, perguntar aos bons filhos desta terra, aos que lutam pelo seu embelezamento e sua grandeza, por que só êles são merecedores do título de joinvilenses, a êstes, sim, pergunto si não ficaram orgulhosos do magnífico espetáculo apresentado pelo Estádio Americano, na tarde de domingo.

Nas suas arquibancadas, ainda provisórias, milhares de pessoas se acotovelaram em horas de intensa emoção. — Sim, Joinville, viveu uma de suas tardes esportivas inesquecíveis. — Com o nosso magestoso estádio terminado, o que se dará em breve, muitos outros dias memoráveis viverá esta grande cidade. — Parabéns á Joinville, na sua ânsia incontida de progresso e grandeza...!

“A NOTICIA” — 12/8/954.

— LXI —

Depois desta série de idéias que fervilhavam em meu espírito e que confiei ao papel, quero, nas linhas de hoje, como sempre, singelas e despretenciosas, dizer-lhe das intenções a animarem o nosso íntimo ao encetarmos esta nobilitante campanha, qual seja a de incutir no pensamento dos filhos desta terra a necessidade inadiável de colaborarem para que se fôsse levar a bom termo a construção do magestoso Estádio do América F.C. — Das onze vigas de cimento armado, tendo cada uma o peso de 7.200 Kgs., sustentando-se, milagrosamente no ar, dez já estão terminadas e, na sua eloquência muda, atestam a grandeza da obra

boémia passar célebre, nos dias de jôgo do América, a 1 hora, com receio de chegar tarde ao campo. E como foi simples o seu enterro. Poucos amigos o acompanharam á última morada; poucas flôres. O carro que o transportava não entrou pelo portão principal do cemitério. Será que mesmo depois de morto, o pobre sofre ainda as consequências de sua condição social?

Dorme em paz, Mamangava. Que a terra lhe seja leve e que Deus o tenha no céu. Na última noite de vida, você deve ter visto, em sonho, a bandeira rubra a tremular, altiva, no seu mastro, bem no alto do magestoso Estádio do América.

“A NOTICIA” — 7/9/954.

— LXVII —

Já ouviu falar o pessemista? Eis as suas palavras:

Nêste mundo de miséria, onde, frequentemente, sorrisos amáveis escondem traições; onde a bondade é considerada covardia, onde não se tem em quem confiar cegamente, encontramos poucos raios de luz a reanimarem a nossa esperança na vida. — De que vale esta luta sem trégua pela existência, êste sacrifício sem fim á espera de dias melhores. Quando menos esperamos, os nossos sonhos se transformam em realidade revoltante; a vida, em noite densa sem raio de luz a iluminá-la. — E o destino surge, então, cruel e impiedoso, com sua máscara demoníaca, a rir-se da nossa ingenuidade. — Enfim, que podemos esperar do mundo habituado a arrastar-se no pó, sí sôbre os seus ombros pesam os crimes das primeiras criaturas que surgiram sôbre a face da terra. — Quiséra, ao menos, que dias melhores fôsem reservados aos nossos filhos, para que as decepções não lhes atormentem tanto o espírito e queiram mais bem á vida do que nós. — Luta, sacrifício, lágrimas, tudo em vão, e o destino continuará sorrindo da nossa ingenuidade.

Joinvilense! colaborando com o América para a construção do seu Estádio, proporcionamos aos nossos filhos meios e oportunidades de praticar o esporte, que aumenta a vida de vigor e perfeição. E afastamos dêles as más companhias e os maus pensamentos que os deprimem, rebaixam e empobrecem.

“A NOTICIA” — 9/9/954.

— LXVIII —

Esta crônica estava para ser escrita há muito tempo. Entretanto, apesar da vontade imensa de confiá-la ao papel, vontade que me torturava o espírito, sômente, hoje, o faço certo de que, nas suas linhas, fica descrito mais um tipo humano que encontramos nas sociedades de tôdos os tempos: o despeitado. Em geral, são pessoas de dilatados recursos financeiros, muitas vêzes, fazendo alarde de sua fortuna. O seu mal é não ter compreensão nítida da melhor maneira de utilizar o que tem. Gastam em excesso e, quando caem em sí, observam que foi tudo em vão. Falta-lhes, pois, bom senso, equilíbrio, justa compreensão das coisas. Nada fazem de útil para a coletividade, nada constroem que resista ao tempo. Não admite, porém, que os outros o façam. Procuram, assim, solapar o trabalho da gente. Começam dizendo que a obra será iniciada; depois, deante do monumento que vai crescendo, dizem que não será terminado. Quando observam que o mesmo será em breve risonha realidade, dirigem-nos ofensas, chamando-nos de miseráveis, pão duro, vulgarmente dito.

E, enfim, na falta de outros argumentos, acham que agimos mal correndo á colaboração do povo, com cadeiras cativas, ações, etc.. Absurda alegação: — O governo do Estado recusa-nos um auxílio; a Prefeitura Municipal, inexplicavelmente, não se interessa por monumentos como o nosso, que engrandecem a cidade e, assim, não nos estende a mão. Só mesmo o governo federal reconheceu o mérito da nossa obra e nos ajudou com os Cr\$ 200.000,00, por interferência de Jorge Lacerda. Creio que fiz bem em não fugirmos a regra, conseguindo só com a verba de cadeiras Cr\$ 700.000,00. Tôdas as sociedades esportivas do mundo recorrem a êsse meio para levantarem seus estádios. Aquí, no Brasil, assim se construiu o maior do mundo e, agora, na paulicéia assim se está fazendo o segundo da América do Sul, em tamanho.

Os despeitados devem curvar-se e reconhecer o mérito incontestável da obra que realizamos. Um dia, que não está longe, saberão como tôdos os joinvilenses, que o Estádio do América custou-nos trabalho imenso, dedicação sem limites. E porque não dizer, em muitas ocasiões, quando esgotavam as reservas, era o nosso dinheiro que garantia os compromissos assumidos com a firma constru-

Em vão, procuramos palavras que traduzam fiélmente os sentimentos a invadirem a alma do povo brasileiro, deante dos tristes acontecimentos desenrolados nêstes dias. — O mais doloroso, o que mais fêre o coração é a maneira pela qual foi eliminada a vida de Getúlio Vargas. Ele podia ter tódos os defeitos, tódas as fraquezas, como qualquer homem. Mas, quanta bondade, quanta dedicação a causa dos humildes.

Lamentamos o seu fim trágico. — Triste destino o de Getúlio Vargas que, depois de ter conhecido tódas as glórias da terra, os palácios, deixou, decepcionado, o palco onde estão em jôgo os destinos do Brasil.

Grande, foi o seu desespero, imensa, a sua dôr, certamente estavam desvanecidas as ilusões, mortas tódas as esperanças. — E para salvá-lo, nada pôde fazer a ciência, sempre ao serviço das grandes causas. — Sim, a ciência, elixir divino que bebem os espíritos, tesouro do pensamento e da experiência, mais precioso que o ouro, o diamante, as pérolas, a mais bela árvore da terra prometida, à luz de tódos os pensadores laboriosos.

Sim, a magestade do nosso silêncio dirá mais do que as palavras!

A posteridade julgará o ilustre morto... — E, à nossa geração cabe apenas, contemplar o doloroso ponto de interrogação a respeito do futuro do Brasil e que já vislumbramos no horizonte.

“A NOTICIA” — 31/8/954.

No quadro que tenho descrito, com pinceladas rápidas, em tórno da construção do Estádio do América, nem tudo é sombra. — Os raios de luz que nêle vislumbramos o tornam mais agradável aos olhos. — Não o vemos, porém, com o mesmo agrado tódos os dias. — E isto é natural. — Já observou, caro leitor, que o mesmo se dá quando contemplamos a natureza? Nos dias de chuva ou quando estamos tristes, ela se nos apresenta outra; não mais parece ser a companheira e confidente — convidando-nos para observá-la aproximarmo-nos dela — sentinela. É dos contrastes das côres e das linhas que surge a impressão de beleza! Creio que as nossas crônicas sempre foram bem recebidas pelos leitores, levando-se em conta o ideal que as ditou. — Não aspiramos a cargos públicos, nem à posição de mando na política; não necessitamos dos primeiros e quanto a esta só nos tem proporcionado decepções.

Vamos a cada passo, a política, cujo papel primordial é batalhar pela felicidade e a grandeza da nação — vemos, repito, esta mesma política servir a interesses subalternos, já que grande parte dos homens que a dirigem perdem, com frequência, a sua verticalidade, para arrastar-se no pó e na lama.

A verdadeira e maior crise dos nossos tempos é a do caráter. — Palavra empenhada — portanto a dignidade em jôgo, nada mais representa — Políticos traem seus líderes com cinismo revoltante. — Dir-se-ia que Deus deixou de olhar por grande parte dos homens que tem nas mãos os destinos da humanidade. — Repito, ao batalharmos peio Estádio do América, visamos ainda ser coerentes conosco mesmos. — Assumimos, perante a cidade, o compromisso de dar-lhe um Estádio, preenchendo séria lacuna nossa, havemos de levá-lo até o fim, mesmo que seja preciso sair de casa e bater de porta em porta, até conseguirmos despertar a consciência de tódos os que vivem nesta terra, por Deus abençoada.

“A NOTICIA” — 3/9/954.

Nestas linhas, quero referir-me ao humilde torcedor do América que acaba de falecer. E quem não o conheceu? Chamava-se Mamangava. A côr de sua pele era escura, mas como sua alma sempre foi alva! Amigo das crianças, nunca se revoltou com as suas provocações. A sua maior desgraça era a derrota do América. Quando a vitória sorria para as nossas côres, ao meio-dia, hora em que vinha levar o seu almoço, ouviamos a sua voz cantalorando e logo aparecia a sua fisionomia sorridente. Entretanto, muitas vêzes Mamangava parecia esquecer a sua refeição, o que se dava quando o América era derrotado.

Sim, Mamangava era homem simples, bondoso, sincero. Mas, acima de tudo, tinha a sua bandeira, cujas côres lhe arrancavam, por muitas vêzes, lágrimas de a alegria ou de tristeza. Atacado de doença insidiosa, nunca recebeu a morte; queria, ao menos, antes de cerrar as pálpebras, vêr mais uma vez em ação os diabos rubros. Sim, Mamangava morreu. Nunca mais veremos a sua silhueta

Rousseau, grande escritor do século XVIII, inimigo de Voltaire, desiludido, já naquêlo tempo, do progresso, que parece estar a serviço da ruína da civilização, escreveu, em momento de quasi desespero: "O selvagem é o mais feliz dos mortais. A ignorância é preferível ao saber". Há poucos anos, ví desenrolar-se na tela um filme cujo enredo era este: "Dois repórteres americanos, em viagem pela África, acabam se separando um do outro. Pouco depois, um dêles, retornou ao seu país e, o outro, foi dado como perdido. Mais tarde nos Estados Unidos, organizou-se uma expedição para ir á procura do repórter desaparecido. Depois de muitas peripécias, encontram-no no seio de tribo africana. "Que felicidade a sua de ser retirado do meio dêstes selvagens e voltar para o mundo civilizado", diz-lhe o chefe da expedição. Como? responde-lhe o repórter, saiba o senhor, que felicidade vim encontrar aqui, no meio desta gente simples e humilde. Creio que são mais civilizados do que nós, já que respeitam os direitos do próximo e não fazem mal a ninguém. Fiquem com a civilização; eu continuarei aqui.

Joinvilense! as palavras de Rousseau e as do repórter americano trazem a angústia que se apodera dos espíritos bem formados e sensíveis, diante das misérias que nos atormentam. Na verdade, a inteligência só é inspiração divina quando a serviço de caráter sem jaça. A cultura e o progresso devem estar ao serviço da civilização e da felicidade do homem, e não como tem acontecido até hoje, para mais facilmente arrasar cidades e matar mulheres e crianças. Triste espetáculo o do homem inteligente que recorre á bajulação, a mentira, denigrando reputações firmadas no conceito geral, desrespeitando figuras por tôdos os motivos eminentes, traindo, assim, a Pátria. Nunca a inteligência e a pena devem estar servindo interesses subalternos.

Joinvilense! ao encetarmos esta campanha só visamos colocar a nossa pena, como já havíamos empenhado a nossa bôa vontade, a serviço do monumento que vamos dar á Joinville: o magestoso Estádio do América. Para conseguirmos o nosso intento, nunca mentimos, nem bajulamos. A nossa pena, confiamos a tarefa de só dizer a verdade e fazer justiça!

"A NOTICIA" — 26/9/954.

Lembro-me, ainda, de certa narrativa lida, há muitos anos, e que se referia a um pássaro morto no interior de pequena gaiola encontrada em local encantador. — Tratava-se de pomar florido, á beira de riacho, onde deslisava água cristalina. — Triste ficou o poeta ao contemplar o espetáculo da avezinha jogada, inânime, no cantinho da gaiola, depois de luta tremenda contra a morte, torturado pela sede, tendo ao lado água corrente, e pela fome, estando em meio de um pomar.

Em seguida, a imaginação fértil do autor compara o pássaro ao coração da Matéria, vítima das leis do homem, afirmando que tudo o que o excita é seguindo o juízo do homem, uma deshonra, e tôdo o seu desejo, uma infâmia. — As palavras finais do poeta eram estas: "Eu sou o coração humano prisioneiro da ignorância social; espesinhara-me, esbofetearam-me e me carregaram com as cadeias da superstição; lutei e agonisei, abandonado no esconderijo triste dos embustes civilizadores e sucumbí na nudez covarde das línguas dos homens que têm os olhos sêcos e os sorrisos nos lábios".

Joinvilense! muitos homens de dinheiro, filhos desta terra, não nos deram o seu apóio para a construção no monumental Estádio do América. — O seu egoísmo foi maior que o seu falso amor a esta cidade.

Sim, falso, já que termina justamente no ponto onde começa a necessidade da sua colaboração ao engrandecimento de Joinville. As gerações futuras não lhes perdoarão êste egoísmo e, também, não conservarão a lembrança dos seus nomes, já que viveram enclausurados em sua caixa forte. — Também, não há dúvida, ali morrerão junto aos seus tesouros, lamentando não poderem levá-los para o outro mundo.

"A NOTICIA" — 16/10/954.

A natureza também tem os seus caprichos para infelicitar as criaturas, ou, ainda, tirar-lhes a vida. Não cabe, aqui, descrever os males que aniquilam as nossa energias, e, não raras vêzes, levam-nos ao túmulo. Quero, apenas, referir-me a um dos mais cruéis, que vítima crianças de seis meses a 4 anos de idade. No início, passa despercebido. Depois, se manifesta por reflexo branco amarelado.

tora. Nunca, alguém se lembrou de perguntar-nos si necessitávamos ou não de colaboração. Era preciso que, nos momentos mais difíceis, corresseamos sempre atrás dos outros. Sim, nunca alguém veio ao nosso encontro. Foram os nossos ombros calejados e moralmente sólidos que arcaram com a tremenda responsabilidade de construir um Estádio para Joinville e para o América que, em caixa, não tinha um centavo sequer. Foi a nossa fibra, a nossa fé inquebrantável nos destinos de Joinville e do América que levantou êste monumento a ser, logo mais, entregue á admiração dos filhos desta terra, que, nêle verão um justo motivo de orgulho. Si estas pessoas estão atoladas no lodaçal das conveniências materiais, nós pairamos nas alturas e, ainda, consideramos o ideal como luz divina a guiar os homens!.

“A NOTICIA” — 12/9/954.

— LXIX —

Em duas crônicas desta série, referi-me a um dos mais sérios problemas que atormentam o espírito dos govêrnos, em nossos dias, qual seja o dos crimes impressionantes praticados por jovens adolescentes, em tôdas as partes do mundo. Falei, na ocasião, dos maus instintos e da falta de senso moral dêstes jovens, lembrando que o médico, o educador, o jornalista, o sociólogo, eram chamados a opinar sôbre as causas prováveis de tão numerosos atos delituosos. Culparamos, enfim, de tudo isso, as duas grandes guerras, a sociedade moralmente desagregada, a literatura e o cinema, pela influência negativa que exercem, dando o mau exemplo, glorificando o bandido, etc. — Assim, se formou um ambiente nefando, onde as palavras pátria, dignidade, família, honestidade, nada significam.

Agora, o ministro da Educação vem de encetar campanha contra a imoralidade e a obcenidade, campanha esta para resguardar a juventude dos malefícios da licenciosidade nas publicações, nos programas de rádio e nos filmes. — E, através da Divisão de Educação Ex-Escolar, vem adotando providências para melhorar as atividades recreativas e culturais de escolares. — Sim, muito nocivo é o efeito dos enredos, das reportagens em tórno de escândalos e informações sexuais, dos programas, de rádio, cenas de filmes, que submetem a “nossa mocidade a um processo de traumatização e a um triste aprendizado dos aspectos mórbidos da vida”.

Joinvilense! ensina nossa juventude, está a esperança da Pátria, o nosso dever é olhar e velar carinhosamente por ela. — Ajudando a construir um Estádio, completo como o do América, estamos proporcionando-lhe meios para, praticando o esporte, que aprimora o físico e o caráter, afastá-la do abismo para onde é atirada pela tentação do mal.

“A NOTICIA” — 16/9/954.

— LXX —

O homem, para dominar o mundo, tem nas mãos três grandes forças: a Indústria, a Ciência e a Arte. — Entretanto, para que possa realizar algo neste sentido, é indispensável, em primeiro lugar, que tenha talento. Na verdade, para tôdas as criaturas, sem distinção de côr, raça, cultura, religião, as palavras mais nobres são: o dever, a dignidade humana a responsabilidade. — O talento sem a noção do que representam estas palavras é a ruína da alma. — Agora quanto mais culto o homem, maior o seu dever humano universal de desenvolver o seu talento. — A esta tarefa, êle deve dedicar o melhor dos seus esforços e da sua boa vontade. — Os antigos reverenciavam os herois que libertavam a humanidade em luta com a Natureza. — Ter talento para ser sábio ou artista e nada fazer é falhar lamentavelmente na vida.

Joinvilense! já por muitas vêzes lhe pedi de olhar pelos humildes que necessitam de uma distração nos dias de repouso. — Dir-se-ia estarem êles fechados em horizontes estreitos. — Sem esforço, porém, sem discursos, sem ciência, sem raciocínio, pelo coração, pela alma, pela virtude, pela união ao infinito, a Deus, êles tem intuições maravilhosas. — Como nós, êles tem a prece por consolo e estímulo, a prece que dita com devoção, abrange tudo: — Deus e a humanidade, o céu e a terra, o presente e o futuro, as esperanças eternas e as misérias da vida. — Colaborando para completarmos o grandioso Estádio do América, você, joinvilense, terá dado um passo para proporcionar um pouco de alegria a estas humildes criaturas.

“A NOTICIA” — 19/9/954.

Na opinião de Confúcio, os requisitos do governo são três: abundância de alimento, suficiente poder militar e confiança do povo no governante. Se fôr preciso eliminar um deles, sacrificaremos primeiro o militar, diz o filósofo. Em seguida, o segundo requisito a ser eliminado, se houver necessidade, é o alimento. Agora, se o povo não tiver fé em seus chefes, não haverá salvação para o Estado.

Na opinião de outro filósofo, os homens são bons por natureza e só se tornam maus pela ação das más instituições. Para outros, os males sociais decorrem da ruindade da natureza humana. Eis um conflito que jamais cessou e, ainda, hoje, perguntamos se a educação poderá diminuir o crime, aumentar a virtude.

Joinvilense! já pensou no benefício que o Estádio do "América" proporciona à sua cidade? Nos dias de festas, milhares de pessoas lá estarão se acotovelando à procura de alegria e emoções. Agora, Joinville tem um local apropriado, permitindo a realização de olimpíadas colegiais, bancárias, operárias, festas cívicas... Sim, esta cidade está despertando. Os seus olhares, voltados para as alturas, procuram inspiração para o seu embelezamento e grandeza. Não age conscienciosamente o homem que aqui enriquece e empréga sua fortuna em outras terras, na esperança de conseguir melhores juros, sem colaborar nas iniciativas pelo engrandecimento de Joinville. Estes senhores nada poderão esperar do Céu e dos homens de bem!

"A NOTICIA" — 30/10/954.

Você, caro leitor, ficou a meditar, por diversas vezes, nas referências que fiz, em muitas crônicas, aos homens do dinheiro desta cidade, ora solicitando uma colaboração para erguer o Estádio do América; ora, protestando contra a indiferença dos que vivem com o complexo do cofre.

Agora, nesta crônica, quero referir-me aos joinvilenses humildes — áqueles que, reconhecendo o mérito de nossa obra, vieram ao nosso encontro para nos estender a mão. Muitos, cujo ordenado é irrisório, são, hoje, proprietários de cadeira cativa de 3ª fila. E como conseguiram pagar a mesma? Dando Cr\$ 50,00 (cinquenta cruzeiros) todos os meses.

Humildes joinvilenses! quando me lembro que muitos filhos desta terra, habituados a lidar com milhões, recusaram-nos ajuda, por ignorância, indiferença ou fanatismo, sinto por vós que nos estendestes a mão, pela vossa simplicidade, compreensão, altruísmo, um grande respeito. E do vosso coração, conservarei uma lembrança comovida. Na vossa ânsia de ver Joinville crescer, subir cada vez mais alto, não vacilastes em fazer um sacrifício. Dignificante é o vosso gesto; exemplar a vossa conduta. Tendes o estritamente necessário para o alimento cotidiano, e, mesmo assim, não deixastes de ouvir o nosso apêlo. Que Deus derrame, humildes joinvilenses, sobre as vossas choupanas, a alegria, a paz e a felicidade, acompanhadas de suas bênçãos. E quando passardes pela rua Duque de Caxias, tendes o direito de fixar os olhares sobre o magestoso Estádio do América e, então, podereis dizer orgulhoso: — "Não nos sacrificamos em vão! Lá está mais um presente da nossa às gerações futuras".

"A NOTICIA" — 1/11/954.

Quando nos referimos aos outros povos da terra, estamos habituados a julgá-los com certa severidade. Assim, ao falarmos dos chineses, consideramos a sua corrupção, a sua pobreza, esquecendo-nos de que mil anos antes do Romantismo eles já sentiam paixão pela natureza "tendo criado uma escola de paisagem cujas obras representam uma das mais altas expressões do gênio humano". Sim, a China, na sua velha história, tem tidos idades comparáveis à de Péricles na Grécia, à de Augusto em Roma, fundindo em sua massa os conquistadores, civilizando-os e vencendo-os. Se houve muita crueldade na China, lembremo-nos de que, em certas épocas, também na Europa os homens foram cruéis, obrigando os operários a viverem na opressão e os camponeses na miséria, quando para o homem comum não havia outra lei afóra a vontade do senhor feudal e do rei. Sim, a China como tôdas as outras nações, teve as suas épocas de glória e outras de decadência. Eis as palavras do filósofo: "Nada alto existe na Natureza que não venha abaixo... Quando o sol chega ao pino começa a descambar; depois do apogeu da cheia, a luz entra em minguinte".

do do fundo do olho, dilatação da pupila e elevação da pressão do órgão visual, atingido por tumor maligno. É o eterno problema: é preciso descobrir em tempo o mal. E já que nem sempre isto é possível, milhares de crianças são suas vítimas. Ainda há pouco tempo, o caso deste tumor, chamado glioma, terminava quasi sempre com a morte, já que a medicina não proporcionava recursos para eliminá-lo. Agora, uma descoberta recente, permite salvar o olho, a visão e a vida do paciente, quando descoberto em tempo. É mais um raio de luz a iluminar os que lutam para salvar vidas humanas.

Estas linhas representam, apenas, uma digressão inspirada pela descoberta preciosa da ciência. Ainda, aqui, queria me referir ao importantíssimo papel desempenhado pelo esporte na vida da mocidade, já que representa um freio, evitando a ociosidade dos jovens, utilizando a sua energia e não os deixando seguir a senda do mal. Ainda, é no campo do esporte que muitos rapazes têm as suas maiores emoções. E, agora, para terminar, eis uma revelação atterradora feita por eminente senador americano, referindo-se ao aumento assustador da criminalidade juvenil na América do Norte. "Si não se tomarem providências, em 1960, os Estados Unidos terão 1.600.000 jovens delinquentes".

"A NOTICIA" — 22/10/954.

— LXXIV —

Da política, só sai bajulação, promessas, mentiras. — Só mesmo o ideal é capaz de inspirar obras eternas como a do Estádio Americano. — Na entrevista relâmpago que concedi a Léo César, disse-lhe que no Estádio do América, hoje, com o seu arcabouço completo, haviam empregado 4.000 sacos de cimento e 40.000 quilos de ferro. — Estes dois números permitem-nos afirmar, sem receio de contestação, que nunca, em Santa Catarina, alguém teve a audácia de nem sequer dar início a uma obra grandiosa como esta. — E quando digo alguém, quero referir-me ao governo e aos clubes esportivos. — E o mais importante é que este colosso foi levantado sem auxílio do governo do Estado ou da Prefeitura Municipal. Quem já o visitou compreende o nosso entusiasmo pela luta que empreendemos, desde 1949. — Tão cedo, Santa Catarina não virá surgir outro monumento igual. — Ao tempo, cabe a tarefa de desmentir-nos. — É um milagre, dirão muitos. — Sim, na verdade, é um milagre de dedicação e de sacrificio. — Seria bem mais agradável ficar tranqüilo, em casa, repousando, do que correr atrás dos capitalistas pedindo-lhes ficar com cadeiras cativas ou ações e ver, muitas vezes, além da recusa de colaboração, caras feias.

Enfim, consola-me ao ver coroada de êxito a nossa iniciativa. — Com o Estádio do América, Joinville colocou-se na vanguarda do desporto barriga-verde. — Quem quizer alcançá-la terá que erguer para os céus um gigante de cimento e ferro igual ao do América. — Desafio que alguém, em Santa Catarina, o faça dentro de 5 anos.

"A NOTICIA" — 23/10/954.

— LXXV —

Quem acompanhou a construção do Estádio do América deve ter ficado a observar os operários trabalhando nas alturas e a imaginar o que poderia suceder a um deles si, por infelicidade, viesse a cair. Confesso que, frequentemente, receiei pela sorte daquêles trabalhadores humildes. Nunca aconteceu algo a lamentar. Eis, porém, o capricho do destino. Agora, quando o mestre de obras derrubava os andaimes da última viga de cimento foi vítima de acidente, caindo da altura de 10 metros. Foi feliz, porém por não se ter ferido gravemente.

O destino, também, tem os seus caprichos. Sem ser fatalista, acredito que os homens já nascem com a rota a seguir traçada antecipadamente. Não quero dizer que com o bom senso e inteligência não sejamos capazes de modificar algo neste emaranhado a surgir diante de nós. A verdade é que, na maioria das vezes, dir-se-ia estarmos diante de encruzilhada, sem saber para onde ir, nem o que fazer. Aliás, Deus traçou um limite aos nossos conhecimentos, para não nos orgulharmos demasiadamente e, na nossa arrogância querermos ser comparados a Êle. Assim só podemos considerar o passado e olhar, apreensivos, para o futuro... Este, sim, é o nosso destino...

"A NOTICIA" — 24/10/954.

crescer o entusiasmo dos filhos desta terra por ela, aniquilar a indiferença, encorajar os tíbios, criticar os ávaros, louvar os que se sacrificaram pela nossa causa, fazer justiça, enfim. dizendo sempre a verdade.

Sei que não agradei a tôdos e até, quem sabe, fiz alguns inimigos gratuitos. Pouco importa. Disse o que devia dizer: dando sempre a César o que é de César. Com êste trabalho, procurei apenas servir a cidade onde nasceram meus filhos, e onde fiz carreira. Por tôda esta luta sem tréguas em pról do Estádio do América, quero, sòmente, ter a satisfação de ver, nos dias de festas milhares de pessoas vibrando de entusiasmo e alegria das nossas arquibancadas que vieram substituir o velho barracão que não condizia com a reputação de Joinville, de cidade líder de Santa Catarina, tanto no domínio do esporte, como da indústria. Nunca esperei honrarias ou quiz o meu nome gravado no bronze. Muito menos, ainda, gratidão. Considero tudo isto coisas por demais efêmeras, como a própria vida. Sócrates procurou indicar o caminho da beleza, da verdade e da justiça e foi envenenado. E Cristo que só fez o bem foi sacrificado na cruz.

Quero, apenas, que o monumental Estádio do América sirva de inspiração aos moços desta terra, certo de que, como disse Ingenieros: — “O facho luminoso jamais se apaga; troca, apenas de mão”. E, assim, poderá esta altiva mocidade continuar batalhando pela grandeza de Joinville.

“A NOTICIA” — 28/11/954.

————— LXXXII —————

Nunca seria demais encarecer a utilidade incontestável do certame de futebol juvenil patrocinado pela Associação dos Cronistas Esportivos de Joinville. Esta plêiade de moços já asoberbados pelos seus afazeres e responsabilidades, sem medir sacrifícios, está firmemente empenhada em levar a bom têrmo tão útil iniciativa, contando, para isto, com a decidida colaboração de abnegados desportistas.

Seria necessário falar da oportunidade do dito Certame? do seu alcance? de sua primorosa organização? da sua benéfica repercussão no espírito dos que nêle tomam parte? dos aplausos de que se fizeram merecedorés os nossos cronistas esportivos?

Basta vermos o empenho dos rapazes, o calor empregado em defesa de suas côres, o seu entusiasmo sem limites. Não importa o grêmio pelo qual disputam; o essencial é que, cêdo, habituam-se a lutar por uma bandeira. E tôdas as bandeiras, quaisquer que sejam as suas côres, são símbolos vivos capazes de levarem os garotos a correr riscos, enfrentar obstáculos, transpôr barreiras, e preciso fôr, arrancar, no calor da refrega, ou depois, lágrimas de alegria ou de tristeza. Assim, é a vida que vai começando a ser descortinada para estas crianças. A vida com as dificuldades, o amargôr das derrotas, a grandeza dos triunfos. É o desejo de vencer que desponta no seu íntimo; a bendita ambição de conquistar vitórias. Esta, uma vez despertada, nunca mais os abandonará. Sim, o esporte, a instrução e a educação devem caminhar de mãos dadas; são inseparáveis e se completam. Se o estudo proporciona cultura, os exercícios físicos revigoram o corpo e o caráter, o que não é menos importante, numa época em que a criminalidade infantil preocupa, os govêrnos de tôdos os países. Parabéns, pois, aos nossos denodados cronistas esportivos que, com esta iniciativa, demonstraram ser bem mais do que rabiscadores de crônicas; provaram ter espírito arejado e horizontes amplos, já que olham com carinho pelos nossos homens do futuro.

Joinvilense! — Se desempenharmos o nosso papel de homens conscientes, um dia, diremos adeus aos nossos filhos e amigos, lembrando as palavras do índio que caiu a meio da expedição: “Ide para onde haja boa caça. Meus dias já os conto nos dedos e já sou carga pesada para minha gente. — Não posso continuar na marcha. — Quero morrer. — Sêde corajosos e não penseis em mim”.

“A NOTICIA” — 30/11/954.

————— LXXXIII —————

Um fato curioso observou-se, há pouco tempo, na Europa: numa de suas convenções anuais, as empresas funerárias discutiram os perigos que estão ameaçando a indústria do entêrro si continuar o progresso da medicina a prolongar a vida. É que as bem organizadas estatísticas de mortalidade de certas companhias de seguros, algumas alcançando períodos de três séculos, mostram que a

Joinvilense! tôdos os que colaboram para a construção do Estádio do América, merecem o nosso respeito como os homens que lutaram para assegurar aos pósteros o direito de pensar e a justiça. Sim, já que as liberdades civís são tão preciosas à vida de um povo quanto os seus grandes monumentos — obras do esforço coletivo e prolongado.

“A NOTICIA” — 4/11/954.

— LXXIX —

Um dos povos antigos que com mais carinho praticou interessante série de esportes é o grego. — Seus atletas mais famosos equivaliam a deuses terrenos. Sua verdadeira religião era o culto da força, da saúde e da beleza — A Odisséia, uma das mais conhecidas obras da literatura universal, diz: “Não existe maior glória na vida de um homem do que a que êle consegue por suas próprias mãos e pés”.

Só os esportes conseguiram unir o povo da Grécia e eram particulares, locais, municipais e pan-helênicos.

Os jogos de bola, como hoje, eram populares e variados. Por ocasião dos torneios pan-helênicos, organizados pelas cidades da Grécia, abriam-se treguas nas guerras e eram impostas muitas a qualquer estado grego em cujo território um viajante que se dirigisse aos jogos era molestado. — Alguns estádios da época acomodavam mais de 50.000 espectadores.

Joinvilense! ninguém mais do que os gregos admirava a beleza e tinha mais confiança na vida e no homem. Seus vasos, mesas, cadeiras, arcas, eram, ao mesmo tempo, úteis e belos.

Conta-nos a história que êles empregavam artistas no embelezamento dos logradouros públicos, dos festivais e comemorações históricas. Sim, o grego tinha paixão pela sua cidade. Como êle, identifiquemo-nos com a força e a glória de Joinville, ajudando a levantar os seus monumentos.

“A NOTICIA” — 14/11/954.

— LXXX —

Diz uma lenda hindú que Deus, ao pensar na criação da mulher, viu que o fabricar o homem lhe consumira todo o material. Para sair do embaraço, fê-la com restos de material tomados daqui e dali. Eis alguns deles: “a rotundidade da lua, as curvas das trepadeiras, a fragilidade da grama, o desabrochar das flôres, a leveza das folhas, os meneios da tromba do elefante, o olhar dos cervos, o zum-zum das colmeias, a alegria dos raios de sol, o choro das nuvens, a inconstância dos ventos, a timidez da lebre, a vaidade dos pavões, a marciez do papo dos papagaios, a dureza do diamante, a doçura do mel, a crueldade do tigre, o calor do fogo, a algeidez da neve, a tagarelice dos gaios, a hipocrisia dos grous”. Sim, tudo foi misturado pelo Divino Artífice para fazer a mulher e entregá-lo ao homem.

Joinvilense! como é bonito tudo isto! Infelizmente, não passa de lenda, fruto da imaginação fértil dos orientais.

Si para levantarmos o Estádio do América, contássemos, apenas, com material desta qualidade, aquela obra monumental seria, para sempre, um belo sonho. Uma só palavra resume tudo o de que necessitamos: dinheiro. Sim, é preciso uma luta titânica para consegui-lo. Sem êle ou ordem minha, ninguém nos fornecia um saco de cimento, um prego síquer. E quando chegava o fim do mês, os operários e os credores exigiam os respectivos pagamentos. Nunca alguém nos perguntou si tínhamos ou não reservas em caixa, já que os nossos ombros arcavam com tôda a responsabilidade.

Joinvilense! Quando alguém quizer lutar pelo desenvolvimento do esporte, deverá fazê-lo desinteressadamente. A alegria de vê-lo triunfante compensa tôdos os sacrifícios, já que a sua finalidade é sublime: revigora o físico e o caráter dos jovens e incuti nêles a disciplina e o espírito de sacrificio. Lutar por êle representa, sim, um belo ideal. E, sobretudo, jamais deveremos confundí-lo com a política. E si o fizermos, não tardaremos a ficar amargamente decepcionados.

“A NOTICIA” — 19/11/954.

— LXXXI —

No dia 24 de Novembro de 1953, iniciamos as nossas crônicas em torno do grandioso Estádio do América. Quer dizer que há 1 ano, exatamente, estamos com a pena na mão, batalhando por um belo ideal. Assim, já foram lidas e publicadas 81 crônicas. Procurei incentivar, nelas, o apoio à nossa obra, fazer

— Há um limite para as nossas forças e de quando em vez, é preciso retemperá-las. — Espero que o contato mais íntimo com a natureza, longe do tumulto das cidades, traga mais alento à minha pena, vivacidade ao meu espírito, força às minhas idéias. — A pureza do ar, o verde da mata, o chilrear dos pássaros, o azul mais forte do céu, espero, farão o milagre tão desejado. — Sim, vou afastar-me da cidade para esquecer as misérias humanas e repousar o espírito. — Até breve, caros leitores!

“A NOTICIA” — 18/12/954.

— LXXXVII —

Ao voltar do recanto aprazível onde passei alguns dias de férias, levando em consideração a promessa que fiz antes de partir, escrevi algumas linhas para serem lidas ao microfone da Radiodifusora e publicadas no diário ‘A Notícia’.

O destino não quiz que as divulgasse na ordem planejada já que, inesperadamente, roubou o nosso convívio o grande desportista Edgar Schneider. — Em atenção ao relevante papel que desempenhou no nosso esporte, durante muitos anos, escrevi as linhas que, agora, confio ao público, antes de todas as outras...

JOINVILENSE!

A triste notícia correu célebre pela cidade — Edgar Schneider deixara de existir. — Cobria-se, assim, de luto o esporte joinvilense, lamentando, compungido, a morte de um dos mais sinceros e abnegados defensores de sua causa, artífices de sua grandeza. — Golpe maior, porém, sofria o América, com o desaparecimento de Edgar Schneider, um dos seus fundadores, antigo presidente, tendo, mesmo, tomado parte, como jogador, no primeiro quadro que defendeu as cores rubras.

Sim, ninguém mais do que o América chora a morte de Edgar Schneider. Durante quarenta anos êle acompanhou, na alegria, assim como na tristeza, o seu clube do coração, chorando com as suas derrotas, rejubilando-se com os seus magníficos triunfos.

Edgar Schneider morreu. — Seguiu o destino de tôdas as coisas vivas. — Foi ao encontro dos companheiros que o antecederam na longa viagem. Sim, êle partiu. — Lamentamos a sua sorte e, aqui, ficamos com o coração dilacerado, recordando-lhe o entusiasmo com que sempre olhou pela nossa causa; a bondade que emanava de seu grande coração — Êle foi um dos esteios do América e si a nossa bandeira tremula tão alto no seu mastro devemos a homens que, como êle, nunca descreeram das nossas possibilidades, nunca conheceram o desespero.

Quiséra, ao menos, que, antes de sua partida para a Eternidade, tivéssemos podido fazer-lhe sentir a amizade, gratidão e estima da Diretoria e de tôda a família rubra. Pouco importa. De nada valerão os nossos lamentos. Calar-nos-emos diante da magestade do silêncio que envolve o seu túmulo. O nosso destino — é marchar — marchar sempre — até que chegue a nossa vez de partir. — Adeus, Edgar Schneider. Dorme em paz.

“A NOTICIA” — 13/2/955.

— LXXXVIII —

Quando se volta de viagem, depois de passar alguns dias de folga, em ambientes novos para os nossos olhos, onde tudo nos chama a atenção, onde os mínimos detalhes do panorama nos interessam e são olhados com carinho, onde, enfim, respiramos novos ares, temos novas sensações em contato com a natureza, quando se volta, digo, e se quer confiar ao papel tudo que se viu, ouviu, tocou e sentiu, um turbilhão de idéias novas acode-nos ao espírito, querendo como que explodir e ser plasmados no papel, ao mesmo tempo.

O nosso discernimento, porém, se encarrega de pôr ordem neste mundo ainda confuso de idéias, de selecioná-las de acôrdo com o interêsse que possam ter para o leitor ávido de coisas novas, de concatená-las ao papel. — Antes de partirmos prometemos continuar a nossa já longa série de crônicas, logo que voltássemos. — Estas poucas linhas, agora rabiscadas, são prenunciadores de muitas outras que os leitores saberão receber com a mesma benevolência sempre demonstrada para com as nossas desprezenciosas páginas. Por hoje, é só.

“A NOTICIA” — 20/2/955.

— LXXXIX —

Durante as minhas férias, não raras vêzes, tive a tentação de fixar no papel observações numerosas sobre homens e coisas. E por pouco não succumbi ao desejo de transmitir aos leitores o que via e sentia. Foi preciso força de vontade

saúde está melhorando e resistindo mais as doenças do que antigamente. Assim, na Alemanha, em 1520, a média de vida era de 20 anos; em 1750, de trinta, em 1870, de quarenta, chegando a 60 em 1920. Na cidade italiana de Gênova, as estatísticas demonstram que, em 1600, a média de vida era de 20 anos, subindo a quarenta em 1900. Enfim, nos Estados Unidos, a média de vida entre os brancos, em 1920, era de 53 anos, subindo a 57 em 1926. Eis uma notícia alviçareira para os que reconhecem na vida uma preciosa dádiva do Céu.

Joinvilense! Sim, a medicina fez grandes progressos e tornou a vida mais longa, procurando fazer o homem feliz. Muitas vezes, ao passarmos pela rua, encontramos indivíduos que não vivem mas, sim, vegetam, já que fazem pela sua terra e sua gente, apesar de, muitas vezes, estarem em ótima situação financeira. Si o nosso destino não estivesse nas mãos de Deus, eu iria pedir á ciência médica que fizesse uma seleção e só prolongasse a vida dos que procuram fazer o bem e lutam pela felicidade dos seus semelhantes.

“A NOTICIA” — 11/12/954.

— LXXXIV —

Inteligência, coragem e boa vontade, eis as três virtudes escolhidas como supremas por Sócrates, Nietzsche e Cristo. Se “o fundamento da sociedade é o indivíduo disciplinado, dentro da família disciplinada”, e se o “desenvolvimento pessoal é a raiz do desenvolvimento social”, vemos que a perfeição do homem está no cultivar de si mesmo com muito cuidado. Sim, o homem mais alto procura sempre a verdade, é universal, tem inteligência e caráter, cuja base é a sinceridade. Longe de pagar o mal com a justiça, êle o faz com a bondade. Sua simpatia humana não tem limites. Aprecia a excelência dos outros e procura igualar os homens de valor. É cortez, afável, inimigo de escândalos. Não despreza os inferiores e os superiores são tratados com cortesanice. É sério e digno. Não é orgulhoso dos amigos, da riqueza, da mocidade; o tempo tudo leva num instante.

Joinvilense! o tempo corre e a vida passa. Sem querermos, como Alexandre, conquistar o mundo, “já que alguns pés de terra bastam para um homem vivo ou morto”, é absurdo a gente ser feliz só por não ter desejos. Achamos que não há beleza na vida sem luta. E quando assim pensando, batalhamos, incessantemente, pelo grandioso Estádio do América.

“A NOTICIA” — 15/12/954

— LXXXV —

Nesta crônica, que pese á modestia do prezado amigo, Dr. Trompowski, digníssimo juiz de direito da 2ª. Vara, quero prestar-lhe singela, mas, muito significativa homenagem. Sinceramente, lamento a sua próxima saída do nosso meio, transferindo residência para Florianópolis. Na sua pessoa, perde o América um grande adepto, e, Joinville, uma autoridade culta e, acima de tudo, de caráter sem jaça. Homens de tal envergadura moral são raros em qualquer cidade. E que modestia encantadora! Amigo decidido, detesta os hipócritas, e um sorriso traduz alegria, e, não traição, como de muita gente. Considera o orgulho ornamento digno dos imbecis, e a bondade, único sinal de superioridade. Muitos indivíduos, quando necessitados dos nossos préstimos, quase chegam a rastejar. No dia seguinte, passam pela gente e não se dignam enxergar-nos. Esses são os pobres de espírito, dignos da nossa compaixão.

Sim, prezado Dr. Trompowski, nós, do América, sentimos a sua partida. Aqui, porém, ficarão marcos indeléveis de sua passagem por Joinville. Lembraremos sempre que o amigo foi bom, justo e muito leal. Que Deus lhe acompanhe os passos e o faça sempre feliz, junto à sua Exma. Família.

“A NOTICIA” — 16/12/954.

— LXXXVI —

Os leitores estão lembrados de que tendo iniciado as minhas crônicas em novembro do ano passado, em fins de dezembro, despedi-me dêles para ir desfrutar alguns dias de férias, prometendo continuar a escrever logo que estivesse de volta. — E creio ter sido fiél á minha promessa, tendo estado sempre em contato com o público durante todo o ano de 1954. — Agora, volto ao silêncio, por alguns dias. — Não mais terão os leitores o trabalho de ler ou ouvir as linhas que costume rabiscar. — Minha pena, sem estar enferrujada, vai silenciar. — Mas, não por muito tempo. Logo voltaremos á arena, para continuar a luta sem tréguas pela grandeza do esporte desta terra. — Temos muito a dizer e a fazer ainda. — Até breve, prezados leitores. Vou á procura de outros ambientes, de novos ares.

Passados êstes instantes de intenso júbilo, concentramo-nos, armamo-nos de coragem e, obedecendo o destino, passamos a enfrentar a realidade.

E o que nos reserva ela?

A ninguém é dado sondar o futuro. Êste privilégio é reservado ao Criador. O certo é que se não lutarmos orientados pelas reflexões, pelos sofrimentos e pela inteligência, seremos dominados; se não olharmos para o alto, continuaremos vegetando, se não aspirarmos uma vida melhor para nós, nossa cidade, nosso país, passaremos os dias a rastejar, sem contarmos com a gratidão dos pósteros.

O nosso lema deve ser o de trabalhar pelo desenvolvimento do esporte sob tôdas as suas modalidades. Quem estiver animado dêstes propósitos encontrará a alegria reservada aos que lutam por um ideal.

“A NOTICIA” — 20/3/955.

————— XCIII —————

Em algumas das nossas crônicas, referimo-nos às dificuldades e aborrecimentos encontrados nesta senda luminosa que haverá de levar-nos a concretização do sonho acalentado por tôdos os filhos desta terra: dar, à cidade, um Estádio digno dela. Já esperávamos por tudo e, serenamente, preparamo-nos para enfrentar o que viesse. Si, por um lado tivemos decepções amargas, como quando joinvilenses procuravam dificultar a nossa marcha irresistível, por outro, nesta estrada pedregosa, muitos amigos nos deram a mão. Dos primeiros não guardamos rancôr. Dia chegará, em que, abrindo os olhos á luz da realidade, esquecidas as paixões do momento, verão a custa própria, que incorreram em erro grave, e, então, terão remorsos, pois a consciência ainda é a salvação dos homens. Quanto aos outros, aquêles que nos ajudaram, que acreditaram na nossa capacidade de realização, confiarem nas nossas intenções, êstes foram mais do que amigos, quasi irmãos; terão a nossa imorredoura gratidão e das gerações futuras. Nas horas negras, foram luz divina; nos momentos difíceis, inspiração. Jamais os esqueceremos. Não me furto ao prazer de citar, o caso daquêle “americano” que no leito de dôr, pois tinha-lhe sido amputada uma perna, quasi às portas da morte, exclamára ao ver-me entrar no quarto: “Não esqueça de reservar a minha cadeira cativa” Joinville exige o estádio do América”.

E por que não citar-lhe o nome. Ei-lo: Euthímio Silva.

“A NOTICIA” — 29/3/955.

————— XCIV —————

Em crônicas passadas, lembrei as palavras do sábio dizendo que só devíamos sacrificar a vida pela beleza, pela verdade e pela justiça.

A primeira sempre é fácil, render homenagens.

Entretanto, se considerarmos detidamente as duas outras veremos como são espezinhas. Fazer justiça e dizer a verdade são duas coisas que se equivalem, uma não podendo existir sem a outra.

A atitude das criaturas diante delas é suficiente para revelar-lhes o caráter, classificar-lhes a personalidade.

O Homem, ser racional, ou emocional, como queiramos, desmascara-se quase sempre quando se lhe apresenta o problema de não cometer uma clamorosa injustiça, faltando com a verdade.

Nestas ocasiões surgem, diante dêle, como espectro aterrador, a covardia, o despeito, o desejo de não ferir susceptibilidades.

O espirito fica, então, aniquilado e a bôca profere palavras que a consciência não aprova.

Assim acontece com o comum dos homens que tolmem os fatos disvirtuam a realidade, levando confusão aos espíritos menos avisados. E a nossa decepção não tem limite quando vemos que esta covardia moral que impede a manifestação da verdade atinge pessoas de tôdas as classes sociais.

Consola-nos, entretanto, o vemos que nêstes céus de densas trevas há, ainda, raios a espargirem intensa luz. São os homens de fato, o pequeno número de que fala André Gide e que salvará os povos, a humanidade; aquêles que não mercadejam a verdade ou a justiça em praças públicas.

A êles a nossa profunda estima, já que representam o sol da terra, os justos que resistem ao mundo inteiro se êste vem a cair-lhes em cima.

Glória pois aos homens que julgam com serenidade os que “escalam elevados montes e riem-se de tôdas as tragédias da cena e da vida”.

“A NOTICIA” — 3/4/955.

para não ocupar-me sinão com olhar o panorama. E quantos quadros poderiam ter sido traçados, bem que em pinceladas rápidas! Um recanto aprazível, visitado pela primeira vez, oferece-nos muito material para ser anotado. E com mais abundância quando passamos alguns dias à beira mar. Tendo diante de nós o oceano cuja imensidão nos apavora, sentimo-nos orgulhosos da nossa condição de homens, já que, pela inteligência, o dominamos, atravessando-o em tôdos os sentidos. As vêzes, calmo, outras, agitado, sua superfície muda constantemente de matiz. Suas águas, sempre em movimento, entoam canções variadas que a brisa leva ao longe. E que dizer das suas ondas, ora se quebrando contra as rochas, ora beijando a branca areia. Quantos corpos salvaram das profundezas do mar! Quantas pérolas, jogaram á praia?

Sí as areias representam na sua perene calma, a resignação — as ondas, em constante vigília, com os seus permanentes suspiros, são o símbolo da inquietação — um eterno despertar!

“A NOTICIA” — 27/2/955.

— XC —

Tôdos os leitores já devem ter sentido a inefável alegria de viver, depois de lutas contínuas pela existência, depois de sacrifícios sem limites pela conquista de dias melhores, depois, enfim, do cansaço de tôda hora, de tôdo minuto, durante longos meses, sim, depois de tudo isto, quem não sente a doce alegria de viver, sem ter o que pensar, sem ter o que fazer, deixando a vida seguir o seu curso, suavemente, sem preocupações, sem tortura. E como é agradável ficar assim esquecido de tudo, prescutando com olhar penetrante os movimentos internos da natureza, afinando a nossa sensibilidade até perceber cores, sons e dôres, vadiando á beira de riachos, subindo ladeiras, admirando o panorama lá do alto de cotovelo de estrada, ouvindo o cantar dos pássaros na sinfonia do entardecer. E que dizer dos instantes em que se percorre a praia, onde vem suspirar as ondas, á procura das estrêlas do mar, mensageiras da felicidade! Sim, são momentos inesquecíveis que ficam para sempre na lembrança. E como são admiráveis os humildes pescadores que, cedo, ainda antes do amanhecer, deixam os lares para enfrentar o oceano tenebroso, em busca de pão cotidiano! E com que coragem! Estes homens do mar são bons, humildes, sinceros. Passam os dias na simplicidade da vida nas praias dos pequenos centros. E creio que são felizes, em contato permanente com a natureza amiga e insondável.

“A NOTICIA” — 6/3/955.

— XCI —

Nas quatro primeiras crônicas desta nova série, contamos os méritos da natureza quanto ao bem que proporciona ao físico e, principalmente, ao espírito do homem cansado com a luta de tôdos os dias e ansioso por entrar em contacto com outros ambientes e novos ares.

Entretanto, considerando o caso de Joinville, veremos que uma população constituída em sua grande maioria, de operários que lutam com relativa dificuldade para se manterem e aos seus, levando em consideração o alto custo de vida, não pôde esta gente humilde, procurar repouso e passar férias senão aqui dentro da cidade. Já disse certa vez, que homens de dinheiro, poderiam, se quizessem, ir até a Europa, visitar novas terras, entrar em contacto com velhas civilizações. É um privilégio que lhes assiste. Não é justo nem humano, porém, que se esqueçam dos que, com seu trabalho cotidiano, e o seu suor, fizeram-lhes a riqueza. Ajudando o América a completar o maior estádio de Santa Catarina, eles poderão dar provas de querer bem aos seus operários, já que lhes proporcionariam um recanto aprazível onde passar horas alegres em dias festivos. Já contamos com a colaboração de muitos homens de espíritos bem formados. Outros, breve, seguir-lhes-ão os passos, o exemplo, para glória desta terra privilegiada.

“A NOTICIA” — 13/3/955.

— XCII —

Ao raiar 1955, estávamos em outras plagas, ouvindo os rojões e o alegre badalar dos sinos de humildes capelinhas.

Quantos votos de saúde e prosperidade são formulados por ocasião da entrada de ano novo. Quantos abraços dados. Quantos ressentimentos esquecidos. Surge, então, a esperança de dias melhores com menos sofrimentos e mais prazeres; menos lágrimas e mais sorrisos. Sim, a esperança em dias felizes se estampa em tôda as fisionomias.

do Céu devia estar reservado aos que se deixam guiar pela bondade dos seus corações. Só estes conhecem a doce alegria de viver, já que estão em paz com a consciência. Sim, a religião, a natureza o amor são fontes principais da poesia e todas elas nos convidam a guiar os nossos passos pelo caminho da bondade, já que assim atingiremos a felicidade na terra. E mesmo dentro do esporte não podemos prescindir dela.

"A NOTICIA" — 30/4/955.

————— XCVIII —————

Sabemos que a ciência tem sido obra exclusiva da classe média. A arte teve seus grandes momentos quando a classe média e as metrópoles comerciais tiveram os seus dias de prosperidades. Foram os homens de negócios, de Atenas, que alimentaram o drama grego, altamente representado por Eurípedes, Esquilo e Sófocles. As corporações de comércio e as orgulhosas cidades livres ergueram os monumentos góticos. As contas das remanescências foram pagas pelo Banco dos Médicis. Enfim, foi a riqueza do comércio e da indústria que instruiu a literatura do século XIX na Inglaterra, e na França.

Joinvilense. A popularidade da ignorância torna-se cada vez mais evidente e a imbecilidade dos homens leva ao poder os que menos sabem e nem por isso deixam de gritar mais alto. Dizem que o homem é um animal racional — creio que seria mais acertado afirmar ser ele um animal emocional, já que se deixa levar mais pelo coração, o que quer dizer pelo sentimento, do que pela razão. Entretanto, raciocinamos: si através dos séculos, a classe média teve poderosa influência na construção de monumentos, sua ciência nas artes e na literatura, porque não desempenharmos como homens, o nosso papel, contribuindo com a nossa parcela para que nossos filhos vivam felizes num mundo onde reside a compreensão, o espírito de sacrifício e, acima de tudo, a bondade.

E o mundo do futuro lutará contra os pusilânimes, exigirá precisão e capacidade das criaturas que quiserem dirigir os destinos dos povos.

"A NOTICIA" — 15/5/955.

————— XCIX —————

Um dos mais belos sentimentos que se podem abrigar no coração humano é o da gratidão. Numerosas são as causas que podem inspirá-la: um auxílio nas horas difíceis, um consolo nos momentos de tristeza, um sorriso amável de estímulo, um conselho sábio na dúvida, um estímulo quando necessitamos de forças para sobrepujar o desespero; enfim, tudo que nos dá alento e coragem para enfrentar as dificuldades da vida. E como nos emociona vermos que outros seres acreditam em nós, confiam nas nossas forças e, sobretudo, não duvidam das nossas intenções. Sim, infelizmente a solidariedade humana ainda existe sobre a terra...

Assim, o estádio do América é fruto da reconfortante confiança que se depositou no grande empreendimento. É impossível emendar nos limites de uma crônica, os nomes de todos os que nos ajudaram. Basta dizer que Joinville em péso, na sua ânsia de progresso acreditou em nós e nos estendeu as mãos.

Entretanto, um capítulo a parte deve ser escrito sobre os homens que compreendendo o nosso ideal compraram as cadeiras cativas que ainda só existiam na nossa imaginação. Foi com o dinheiro dessas cadeiras que iniciamos a obra monumental, fizemos os alicerces e levantamos mais de 2/3 de todo o Estádio com a cobertura. Isso nos encorajou a pedir por intermédio de Jorge Lacerda os 200 mil cruzeiros, pois que enviamos ao Rio, grande número de fotografias do estádio em construção adiantada. Não é pois, exagero dizer que sem o dinheiro das cadeiras cativas (720 mil cruzeiros) mais ou menos, nunca teríamos o estádio do América.

Os proprietários das cadeiras cativas entre os quais existem alguns humildes joinvilenses que com muito sacrifício pagaram a sua, merecem um capítulo à parte na história do Estádio do América.

Estes senhores tornaram-se assim, merecedores da gratidão de todos os que se interessam pela grandeza deste terra.

"A NOTICIA" — 18/5/955.

————— C —————

Com as linhas que agora dirijo a você, completo a minha centésima crônica. Não é tão fácil levar aos outros, com tanta perseverança, palavras de incentivo e entusiasmo. Semelhante iniciativa exige da gente bem mais que boa vontade. Só com isso o leitor de hoje, se não se impressiona, se não tem o poder, já es-

Nêste nosso tempo mecânico, coletivo e científico, apesar das atitudes e do materialismo oficial, a humanidade continua capaz de anseios poéticos e emoções generosas.

A sociedade contemporânea está tentando perscrutar o mistério do homem que hoje sofre do mal de ter cortado tôdas as raízes que o ligavam à natureza. Camus no seu último livro transmite-nos sua mensagem. O homem moderno, escreveu, deve retornar a uma equilibrada avaliação dos seus limites e possibilidades, permanecer fiel a tais princípios e amor, acima de tudo, a sua própria condição de humano, resistindo à tentação de tôdos os ismos e todos o substitutos.

Joinvilense!, o passado é um sonho e o futuro um mistério. O tempo, juiz imparcial, sereno, insondável, segue, indiferente, sua marcha tranquila, e nós, também, passaremos, e com remorsos se não tivermos contribuído com uma pequena parcela para o progresso e a grandeza desta cidade.

Sim, nós passaremos; a vida, porém, continuará, com os sonhos generosos da humanidade, suas misérias e grandezas morais, os admiráveis progressos da razão e da ciência, ou cortêjo de dôres esmagadoras e alegrias fugitivas e as aspirações infinitas do coração humano, jamais satisfeitas, sempre atormentados pelos segredos insondáveis do futuro...

Sim... a vida continuará.

"A NOTICIA" — 17/4/955.

Esta cidade tem cegos como qualquer outra do mundo. Alguns assim nasceram; outros perderam a visão por doença ou acidente. Conheci em Rio Negro dois irmãos nascidos cegos. Um com a idade de 28 anos e o outro com 12.

Uma operação feliz fê-los enxergar. O curioso, foi ver a sua quase indiferença por tudo que os rodeava. Esta atitude contrasta de maneira com a incontida alegria, levada até as lágrimas dos que recuperam a visão depois de tê-la perdido.

Joinvilense! Ao passar apressado por uma de nossas ruas, se prestar um pouco de atenção, você haverá de notar que de quando em vez, ao seu lado segue uma criatura infeliz, com passos lentos e inseguros, como que sondando o terreno que pisa. Trata-se de pessoa cega; sem luz nos olhos. Nunca lhe lamente o destino em voz alta para não aumentar-lhe o desespero. Você, algum dia já pensou como é triste o mundo das trevas? Não? Para ter uma pálida idéia do que êle representa basta fechar os olhos por alguns momentos e conservar-se acordado a meditar no terror que inspira a escuridão, sobretudo quando é permanente.

Os que tem visão não sabem o valôr dos olhos, e muitas vêzes menosprezam tão preciosos órgãos. Perdê-los, creio, é uma das maiores desgraças que podem atingir a uma criatura.

Sim, joinvilense, você é feliz, já que tem a preciosíssima luz dos olhos.

Mas, também, a sua responsabilidade perante o futuro de sua cidade e bem maior do que as dos infelizes cegos. A êstes, basta-lhes a amarga tristeza de não poderem contemplar a face do céu e as maravilhas incomparáveis do universo.

"A NOTICIA" — 24/4/955.

Estou escrevendo estas linhas no mesmo cantinho onde já rabisquei tantas outras crônicas, que o público amigo teve a bondade de ouvir e depois lêr.

Nunca imaginei que chegasse tão longe nestas minhas divagações semanais.

Nunca pensei que tivesse forças suficientes para empreender semelhante arrancada. Já publiquei mais de noventa crônicas e raras foram aquelas em que não falára, mesmo de relance, do monumental estádio do América.

Hoje quero referir-me a jóia das virtudes. Qual seria? Ela detesta o orgulho. Sim, é a bondade. Cristo já a recomendava aos seus seguidores quando lhes dizia: amai-vos uns aos outros.

O Homem bom, vê em todos os seus semelhantes criaturas feitas à imagem de Deus; estende-lhes a mão, enxuga-lhes as lágrimas, mitiga-lhes a dôr, não sabe odiar nem fazer mal aos outros; está sempre disposto a perdoar aos seus eventuais inimigos. O Homem bom, é justo, santo, filho diléto do Creador; sempre existiu em tôdo os tempos e em tôdos os países da terra. Infelizmente, como tudo que é precioso é difícil encontrá-lo. Fazer o bem eis seu bel destino. O Reino

sembléia Geral, para tratarem da construção do nosso estádio. E como foram concurridas as primeiras reuniões. E como era contagiante o entusiasmo de todos pela nobre causa. O desejo de trabalhar era unânime; o espírito de luta, que a todos animava era incomparável. Nunca me esquecerei do compromisso que todos os presentes àquela reunião, assumiram de batalhar pelo estádio. E, confesso, grande foi o número dos que nos ajudaram, ficando com as cadeiras, as ações, etc.. Outros falharam nas promessas que fizeram. Certa vez encontrei-me com grande número de amigos e o assunto da conversa eram os regimes políticos. Uns eram partidários da monarquia, já que, nela, os futuros dirigentes da nação são carinhosamente preparado para governarem; outros adéptos fervorosos da democracia, consideravam-no o regime ideal, proporcionando aos mais inteligentes e capazes as mesmas oportunidades para dirigirem os povos; outros enfim, acreditavam na ditadura, no regime da força, como sendo o único capaz de levar uma nação a realizar plenamente o seu destino...

Para mim, excetuando a ditadura que não desejo para povo algum, por privar o homem da sua maior riqueza que é a liberdade, e conduzir, muitas vezes, ao posto mais elevado indivíduos reconhecidamente paranóicos, acho que todas as outras formas de governo são boas, já que os cidadãos do universo acreditam no direito à liberdade, na sua supremacia do espírito sobre a força bruta.

Senhores, o mal não é dos regimes, mas, sim, dos homens. Estes, por vezes, provocam a nossa admiração com a inteligência de que são dotados, a bondade do coração, o espírito de sacrifício e renúncia. — Quantas vezes, porém, ficamos decepcionados com a sua indiferença pelas nobres causas, atitudes indignas etc.. — Sim, repito: o mal não é dos regimes, mas, sim dos homens.

“A NOTICIA» — 16/6/955.

— CIV —

Já, por diversas vezes, acusamos a falta de caráter que impera, em nossos dias, na sociedade, afirmando que a inteligência e dinheiro sobravam por aí, e o que faltava era vergonha. Esta criatura irriquieta e sonhadora chamada homem, está progredindo tecnicamente e regredindo muito moralmente.

Dir-se-ia que enquanto se aprimoram as faculdades do cérebro mais embotadas ficam as do coração. Aquê descubra a bomba de hidrogênio, aproveita a electricidade, divide o átomo, demonstra a origem microbiana das doenças, enfim procura aumentar o domínio do homem sobre a natureza. O coração, porém com o passar dos dias vai-se libertando, lamentavelmente dos bons sentimentos. O homem fica cada vez mais cruel, materialista. A sinceridade já se tornou muito rara. A todo momento vemos sorrisos escondendo traição e os homens procurando iludir uns aos outros. Quisera, ao menos, que dentro do esporte houvesse sinceridade nas relações entre os diretores e atletas. Sem compreensão é lealdade recíproca nada de grande se pode realizar em benefício do esporte. E este bem merece que trabalhemos por ele com dedicação e espírito de sacrifício.

“A NOTICIA” — 19/6/955

— CV —

Na saudação que dirigimos ao Sr. Governador do Estado, no dia 1º de Maio na festa que os operários de Joinville acharam por bem oferecer-lhe no campo do América, lembramos à S. Excia. que a nossa obra, única no gênero em Sta. Catarina, merece o apoio de todos e, principalmente, dos poderes públicos já que, como viamos, ela já servira ao Caxias e naquela ocasião era utilizado pelos operários. O Estádio do América é do povo e para o povo que luta, sofre, ama e tem direito a repousar um pouco e distrair-se nos dias de festa em local agradável como aquê. O Sr. Governador e sua comitiva manifestaram na ocasião o seu entusiasmo pela grandiosa obra. Por incrível que pareça, muitos joinvilenses ainda não a visitaram. É o caso de perguntarmos se esses senhores querem bem a sua cidade. E alguns deles não residem muito longe dela. Tamanho desleixo é imperdoável; incompreensível semelhante desinteresse.

O bom joinvilense é aquê que mesmo não podendo servir ao recanto onde nasceu ao menos acompanha alegre, o seu desenvolvimento sempre maior. Mostrar-se indiferente, apático em certas circunstâncias é dar provas de falta de patriotismo. Sim; já que não só serve a pátria, como já escrevi certa vez, quem por ela morre nos campos de batalha, mas também quem procura torná-la conhecida e amada. Agora pergunto: — Como desempenhar este papel de propaganda da terra natal, si nem sequer acompanhamos o seu progresso. Joinvilense, você que

taria farto das minhas linhas. Para alimentar a sua curiosidade e interesse, procuramos variar o assunto, recorrendo à memória e à inteligência.

A nossa finalidade porém, foi sempre uma só; despertar no seu íntimo, leitor e ovinente amigo toda a sua atenção para a construção do estádio do América.

E a obra monumental que se ergue lá na rua Duque de Caxias, diz bem alto que conseguimos o nosso intento. Sim, os nossos apêlos foram ouvidos. A proporção que a nossa obra crescia, despertava o entusiasmo do joinvilense amante de sua terra. Sua colaboração não nos faltou. E hoje, ao abrir os olhos extasiados, mal acredita no espetáculo grandioso que eles lhe revelam.

Joinville já possui o maior estádio de Santa Catarina e o Paraná não tem monumento igual. Sim, conseguimos o que queríamos e por isso sentimo-nos felizes.

“A NOTICIA” — 30/5/954.

CI

Os jornais que se editam na capital do Estado, manifestaram através de suas páginas a decepção e, porque não dizer, a revolta causada no seio da sociedade florianópolisita pelo escandaloso “trote” que os veteranos alunos de algumas de suas escolas superiores inflingiram aos calouros. Era de se esperar que a mocidade arvorada e defensora dos costumes não descessem do seu pedestal para perder-se num espetáculo deprimente que não condiz com as esperanças que ela nos devia inspirar. Aliás, se atentarmos bem para os fatos a se desenrolarem em torno de nos, vemos desolados que a imoralidade estendeu os seus tentáculos por toda a parte. É rainha soberana que impera nos programas de rádio nas páginas de certas revistas e jornais de grande tiragem, nos livros obscenos nos próprios teatros, assim desvistiados de sua finalidade de ajudar a educar e instruir o povo. E, o mais triste é que tais veículos de difusão da imoralidade tem livre acesso à intimidade de muitos lares onde deixam marcas indeléveis de sua passagem. Não nos esqueçamos: a moral é o esteio da família e da sociedade e infeliz é a nação que não a cultiva como flôr de primeira grandeza.

Seus dias estarão contados como o foram os da glória de Roma.

Os que praticam o esporte e os que sôbre êle escrevem, sem moral nunca ralizarão grandes feitos já que carecem da fortaleza de espírito que abala montanhas. Sim, sem moral há menos balela no esporte e menos luz a iluminar o seu destino.

“A NOTICIA” — 7/5/955.

CII

Três americanos deixaram de existir desde o dia em que iniciamos a nossa serie de crônicas; exatamente há dezoito meses. O primeiro a deixar o nosso convívio Mamangava, a criatura humilde que nos dias de jôgo, do América, ao meio-dia, passava pela minha rua com receio de chegar tarde ao campo. Vejo-o, ainda, brincando com as crianças que não o deixavam seguir caminho, sem o importunar; ouço, ainda, a sua voz cantarolando nos dias em que a vitória sorria para as nossas côres. Mamangava era por demais boêmio para ter ambição. Vivía à margem da sociedade. Sua paixão, a sua quase única razão de viver era o América. Um dia, segundo o destino das coisas vivas, Mamangava morreu. Perdeu, assim, o América, um de seus mais entusiastas torcedores.

O segundo a deixar-nos foi Edgard Schneider, americano da velha guarda sempre ocupando cargos de relêvo na vida esportiva da cidade.

O terceiro, enfim, veio a falecer no alto da nossa arquibancada, triste que estava, provavelmente, com o mau desempenho da equipe americana naquela tarde de Abril. Chamava-se Guilhermê Otto Hertz. Apesar de seus 56 anos, não titubeou em colaborar para que se erguessem algumas paredes de tijolos no nosso monumental estádio. Sim; o seu coração deixou de bater repentinamente. Pobre que era, não podia colaborar com dinheiro, mas o fêz com a força de seus músculos e o suor da sua face. Sim; seu coração silenciou. Que órgão extraordinário este que não descansa um só instante sequer durante a vida das criaturas, e, quando o faz, repousa para sempre. Sim; órgão extraordinário, séde de tôdas as nossas alegrias, tristezas e de tôdos os nossos sentimentos.

“A NOTICIA” — 12/6/955.

CIII

Muitos anos passaram desde a noite memorável em que elevado número de adeptos do América se reuniram no salão de festa do Club Joinville em As-

quibancada? Não terão remorsos pelo que fizeram? Tenham ou não, ao abrigarem-se à sombra das vigas colossais do nosso estádio deverão tirar o chapéu em sinal de arrependimento e como homenagem à fibra de quem acreditou nêle e o ergueram em direção ao céu.

Não estamos na terra só para encher o bôlso e o estômago. Temos algo mais a fazer...

"A NOTICIA" — 8/8/955.

CIX

Nietsche, o filósofo triste, que apesar de ter olhado dos altos píncaros à procura de terras natais, viveu e morreu sem pátria, escreveu:

"Tôdas as verdades caladas, se tornam venenosas".

O leitor que nos tem acompanhado, observou a nossa impecável linha de conduta. Consideramos os fatos em sí sem atentarmos para os indivíduos. Procuramos tratar aos nos referirmos aos homens, dos tipos eternos, já que se encontram nas sociedades de tôdas as épocas. Quando falamos dos hipócritas, dos aváros, dos derrotistas, etc... qualquer pessoa seria capaz de localizá-los nos ambientes em que vivem. Entretanto, seguindo o fio de nossas idéias, não podíamos silenciar a respeito da existência dêles. Sem citar nomes os desmascaramos e os colocamos em seu devido lugar. Sim, a verdade acima de tudo. Já escreví certa vez: "A verdade às vêzes é cruel mas é sempre bela". E, para que as nossas crônicas tivessem algum mérito, era indispensável que esta verdade emanasse de tôdas elas. Dissemos ter sêde das alturas, e, para subir, crescer enfim "abraçamo-nos ás duras rochas com duras raízes". E qual melhor e mais sólida fortaleza do que a verdade? Contra ela jamais prevalecerão as forças do mal. Tenhamos por lema: "A verdade, sempre e sômente a verdade". Acima de tudo a verdade.

"A NOTICIA" — 14/5/955.

CX

O cortejo da vida desfila grandioso no espaço. Com simplicidade êle segue a rota luminosa traçada pelo destino. Um dos seus maiores ornamentos é o trabalho. Quanta beleza e quanta harmonia êle revela. A melodia dos seus cânticos sonoros é levada ao longe pelo vento suave da tarde. Sim, o trabalho longe de ser um castigo aumenta a vida de vigôr e representa a bênção do céu. Quando útil abre o coração ao amor da vida e esta em troca deixa-o maravilhado com os seus mistérios. Fortalece-lhe o corpo como sofrimento purifica o espírito. O poeta já escreveu que a vida será uma treva densa se não for saturada de vivacidade. A vivacidade se tornará cega e sem bençãos se não se orientar pelo saber. O saber será apático e insípido se não for estímulo de atividade. A atividade será inútil e impródutiva si não se unir ao amor. Sim, o trabalho deve ser feito com afeição e alegria. Assim será capaz de produzir obras eternas admiradas dos homens e so mesmo arrazadas por convulsões da natureza, já que a tempestade tem a mesma linguagem para as árvores gigantescas como para os humildes arbustos da terra Joinvillense; ao levantarmos o monumental Estádio do América batalhamos incansavelmente, sempre, porém, com prazer. Todos os que nos ajudaram a construí-lo devem estar orgulhosos hoje. Queríamos apenas que a sã alegria de ver a cidade crescer e progredir tivesse presidido à colaboração que recebemos. Esperamos sinceramente que ninguém dos que nos ajudaram a "expremer as uvas" se queixa, para não envenenar o vinho, que nós e as gerações futuras vamos saborear.

CXI

Como é salutar o silêncio. Deixamos de fazer ouvir a nossa voz, não por desleixo, indiferença ou desespero. Retemperamos as nossas forças. E voltamos arrimados mais do que nunca a prosseguir na arrancada, tendo em mira a plena concretização dos nossos ideais, no domínio do esporte. É época das eleições já passou. Os ânimos que tanto se exaltaram estão mais calmos. Só resta, agora, a vontade de lutar, cada qual dentro de seu quadro de ação, para a grandeza e a prosperidade deste recanto do Brasil. Afinal todo aquele entusiasmo nada mais representa do que vitalidade. A indiferença é inimiga da ação, e, sem esta, não há elementos para que prospere uma comunidade.

Apatia subtende morte lenta e acarreta a ruína da civilização, com ela desapareceram os impérios, com ela morreu a glória de Roma. Apatia é sinal de decadencia, destruição, ruína. Sim, cessaram os brados da política. Veio a paz dos espíritos e a sua confraternização. Resta, agora, que se congreguem os esforços dos homens não daqueles que só sabem gritar no salto, incapazes, porém, de realizar algo em benefício dos seus semelhantes ou de sua cidade. Unidos, olhares

nasceu neste recanto privilegiado, desperta; dirija os olhares para o futuro e saiba que a indiferença pelo que diz respeito à grandeza desta cidade é criminoso. Sim, desperte joinvilense.

“A NOTICIA” — 26/6/955.

CVI

No silêncio do meu cantinho acolhedor e amigo estou a meditar sobre os primeiros hóspedes que tomaram de assalto o grande Estádio do América.

A qualquer hora que lá se chegue, ouve-se o canto dos pássaros invasores que se apressaram em fazer seus ninhos sobre as vigas colossais, bem alto portanto, para poderem desafiar a maldade dos garotos. E como estão alegres e felizes, longe das armas assassinas das crianças. São tão felizes que por incrível que pareça chegaram a fazer seus ninhos com tocos de arame colhidos no seio da construção. Nunca imaginei que as avezinhas fôssem capazes de preparar seus abrigos com esse material tão pouco adaptável áquele fim.

Passarinhos alegres o Estádio do América saberá protegê-los. No esconderijo que souberam escolher, ninguém os irá importunar. De lá, força humana alguma será capaz de arrancá-los. Peço-lhes apenas, passarinhos alegres, que nunca deixem de cantar e que o eco de suas vozes vá ao longe levar novo alento aos desesperançados. Quando os jovens forem brincar á sombra do Estádio associem a sua algazarra ás dêles, pois são a esperança da Pátria. E se os velhos lá chegarem a procura de abrigo, para se entregarem à meditação sem perturbá-los, deverão recebê-los com simpatia, êles representam luz tênue que está para se apagar. Sim passarinhos felizes peço-lhes encarecidamente que nunca deixem de cantar.

“A NOTICIA” — 31/7/955.

CVII

A simples observação dos fatos que se desenrolam em redor de nós, permite-nos tirar a seguinte conclusão: Em nossos dias a habilidade manual foi substituída pelas máquinas, a arte pela indústria, os estadistas pelos políticos, o caráter pela riqueza, a bondade pela traição, e a tal ponto chegou o papel desempenhado pelo maquinismo na vida das nações que perguntamos, receiosos, a nós mesmos se, um dia, não seremos substituídos por manivelas e botões elétricos. Quanto a política, o descrédito que o envolve é completo. O povo, vítima imolada sem piedade no altar de tôdas as nações está desiludido, cansado de ouvir falsas promessas dos demagogos de praça pública que se servem do seu voto para atingir altos cargos e logo esquecê-lo. Neste mundo de descrenças há um oásis onde ao menos por momentos nos refugiamos para esquecer as misérias da vida: É o esporte. Este distrai, consola empolga arrebatada e quantas vèzes faz esquecer ao pobre que está com o estômago vazio. O estado de espírito em que se encontra o povo no que diz respeito a política está bem representado nesta história relatada por um amigo. “No Rio um grupo de grã-finos discutiam sobre política. A conversa estava muito animada e cada qual defendia o seu partido. Um dizia que o PSD era o melhor grupo político; outro a UDN; outro enfim, o PSD e, assim por diante.

Num cantinho da sala encontrava-se um pobre operário descrente de tudo. Em dado momento êle se levanta e diz: “Vocês podem ser o que quiserem; eu sou Flamengo”.

“A NOTICIA” — 3/7/955.

CVIII

Eis a notícia sensacional. — A arquibancada do América está terminada. Agora, o público não mais ficará exposto ao sol e à chuva quando fôr ao nosso campo. Pelo contrário, estará plenamente abrigado e ainda com ótima visão do gramado o que lhe permitirá acompanhar nos mínimos detalhes o desenrolar das sensacionais partidas. Veremos como crescerá o número de expectadores, aumentarão as rendas. O público, está provado, exige conforto não se importando com a questão monetária. Agora vamos ter tardes emocionantes em Duque de Caxias. O gigante de cimento e ferro haverá de estremecer com a torcida dos adeptos do esporte da multidão e o eco de suas vozes e aplausos repercutirá ao longe. É uma nova fase que tem início na vida esportiva da cidade. É Joinville que se rejubila e engalana por ter dado mais um passo na senda luminosa do progresso. Agora já não passaremos vergonha quando tivermos visitas de clubes de fóra. Temos onde recebê-los e algo a mostrar-lhes. E com certeza ficarão entusiasmados com o que realizamos. Joinvilense, como se devem sentir pequeninos os que procuraram sabotar a nossa obra. Teriam coragem de ocupar os degraus de nossa at-

verá surgir no seu íntimo doce e sã alegria de sentir que sua cidade cresce, já possui o maior e mais completo Estádio de Santa Catarina e o segundo em grandiosidade no Sul do Brasil. E este gigante que se ergue altivo para o céu, está sempre presente na rotina dos Joinvillenses que o mostrarão orgulhosos aos que nos visitarem. Mas, por favor, você que já me ajudou a construí-lo, procure colaborar comigo para conservá-lo, já que pertence ao patrimônio da cidade. Trabalhar é bom e necessário. Divirtir-se, porém, para repousar o espírito também faz parte da vida. E você Joinvilense que não visitado pela fortuna, que luta a semana toda, sente-se alegre ao vêr que tem agora um recanto onde poderá, nos dias de festa e domingos respirar um pouco ao ar livre e acumular energias para os dias seguintes. A luta pela existência torna-se cada vez mais árdua, o futuro cada vez mais sombrio. O homem cuja inteligência utiliza a electricidade, divide o átomo, descobre a origem microbiana das doenças, fabrica a bomba atômica, voa à velocidade do som sente-se atordoado e cada vez mais longe da felicidade, vendo a alegria fugir de suas mãos. E neste mundo ainda convulsionado, o esporte é ainda um refúgio. E os estádios como o do América devem ser olhados com carinho pelas condições que oferecem aos jovens de cuidarem seu físico e de seu caráter, já que o esporte dos que o praticam, obediência, lealdade, espírito de renúncia, humildade, generosidade.

Joinvilense, se quer bem a sua terra acompanhe a irresistível marcha de seu progresso em cujo caminho o Estádio do América é um marco luminoso e imprecedível.

————— CXV —————

OS AMIGOS sabem que, dentro do esporte, só temos uma bandeira. Por ela, creio, damos o melhor dos nossos esforços e boa vontade; a ela, consagramos momentos preciosos de nossa vida já bastante atribulada com uma profissão que exige dedicação a toda prova. Sim, temos uma bandeira no domínio do esporte. Ela é sempre a mesma, quer tremule no mastro da vitória, ou conheça o amargor da derrota. Um homem de bem não muda de bandeira como se muda de roupa. E se o fizesse a sua consciência protestaria logo. Entretanto, não nos cega o entusiasmo pelas cores rubras. Acima de tudo somos pelo respeito aos princípios sagrados da justiça. Que o mérito seja sempre premiado, como estímulo às novas gerações. E que o erro e o fanatismo que cega o raciocínio dos homens sejam banidos, como prejudiciais à marcha ascendente do esporte. Que vença quem jogar melhor. E os outros, para se colocarem no mesmo nível, colherem os mesmos triunfos, façam um exame de consciência, procurem as causas do seu fracasso, aperfeiçoem-se, armem-se de coragem, e voltem ao campo da luta, rejuvenescidos pela fé nos destinos de suas cores. Reconheçamos, pois, que o Caxias F.C. conquistou brilhantemente o bi-campeonato estadual. O esquadrão preto e branco soube alcançar com méritos tão belo triunfo. A todos os seus adeptos, aqui ficam as nossas homenagens e aplausos. Honra ao mérito!

“A NOTICIA” — 24/6/956

————— CXVI —————

Sei que você tem uma vida atribulada. As dificuldades que surgem no seu caminho são cada vez maiores, exigindo esforços redobrados para não succumbir. Sei, também, que a sua rota é iluminada por um ideal e que por ele, é capaz de todos os sacrifícios. A beleza da vida está justamente no enfrentar os acontecimentos com galhardia. Sim, o mundo sem coragem é treva densa onde não desponta um raio de luz sequer para guiar o homem. A verdade, porém, é que as palavras nada representam quando não são acompanhadas de atos. Gostaria, pois, que você joinvilense, desse provas evidentes dêste seu apego ao torrão natal, rejuvilando-se conosco pela inauguração, nos dias 14 e 15, do majestoso Estádio do América. Toma parte nas festividades que se preparam para aquela oportunidade, com a presença do Exmo. Sr. Governador do Estado — Dr. Jorge Lacerda. Leve tua esposa e filhos para que fiquem inteirados da marcha ascendente de sua cidade. Sim, com o Estádio do América terminado Joinville agigantou-se. Cidades bem maiores que a nossa, Belo Horizonte, Curitiba e outras não têm obra semelhante. São Paulo, a grande metrópole, só nos apresenta de superior o Pacaembú, que é municipal. Velhos clubes da paulicéia, como Corinthians, Palmeiras, não possuem Estádio como o nosso. O São Paulo F.C. agora que está construindo o seu. Para que você, caro leitor ou ouvinte, seja joinvilense, é preciso que tenha

voltados para o futuro, e corações batendo uníssonos pela grandeza de Joinville, muito por ela poderão realizar os homens de ação, de caráter e boa vontade. E que a chama do nosso entusiasmo por esta terra generosa e boa jamais não se apague; troque apenas de mãos, seguindo o destino das coisas vivas...

— CXII —

Há muitos motivos que nos fazem utilizar esta arma extraordinária chamada pena. As vezes, nos servimos dela para a defesa da verdade o que equivale dizer, para fazer justiça. Assim como certas páginas inflamadas como se a pena lóra humedecida em sangue, provocaram revoluções, outras, não menos eloquentes, porque, sinceras, salvaram inocentes. Basta citar o caso de Dreyfus libertado por Zeola. Escrevemos também para que não se apague a chama do entusiasmo em torno de uma nobre causa, para alertar os espíritos adormecidos e guiá-los em direção à luz; para protestar contra infâmias; enfim, para divagar um pouco, esquecer o mundo das trevas e ir à procura do outro que deve estar muito além das constelações do firmamento. Se variados são os motivos por que escrevemos, também são os assuntos sobre os quais podemos discorrer. Assim, uns escrevem sobre arte, outros sobre ciência ou literatura; outros, enfim, apenas para criticar os livros dos seus semelhantes. Até agora, só temos tido ligeiras considerações sobre o esporte. Nossas crônicas são despretenciosas e só mesmo a bondade dos leitores faz com que mereçamos a sua atenção. Estariam repletas de falhas de toda a natureza? Erros de linguagem, suponho, foram encontrados, às vezes. Uma coisa, porém, é certa: Nunca faltamos com a verdade. E se por desgraça, um dia, o fizéssemos, quebraríamos a nossa pena e a deixaríamos rolar pelo desfiladeiro do esquecimento. Mais vale o silêncio do que a desgração moral, indigna dos homens de bem. A mentira é sempre odiosa e os que escrevem sobre esporte não devem dar-lhe abrigo em suas crônicas...

“A NOTICIA” — 23/5/956

— CXIII —

Você já ouviu falar, certamente, do livro que deu fama a Cervantes, poeta espanhol. A obra de que falo relata a história de Dom Quixote de La Mancha, fidalgo, já de meia idade, sêco de carnes, amigo de caçadas e leituras guerreiras. Ele lia muito e tanto meditou que encheu a cabeça do que lera nos livros, como batalhas sem tréguas com gigantes e nobres cavalheiros. Chegou a ficar maníaco, perdendo o juízo, convencido de que se devia tornar um cavaleiro andante, correndo o mundo com seu cavalo e armas, a procura de aventuras.

Dom Quixote de la Mancha, na sua loucura, sonhava com a glória, esperando que a posteridade conservasse a lembrança de seu nome, gravando suas façanhas no bronze ou no mármore das estátuas. Sim, a fama de Dom Quixote correu mundo. E a sua figura passou a simbolizar o entusiasmo pela luta, mesmo quando dirigidas para coisas impossíveis.

Joinvillense!, o ardor com que iniciamos a construção do Estádio do América, á muitos pareceu exagerado e o nosso otimismo sem razão de ser. A grandiosidade da obra deixava-os perplexos. Achavam alguns que devíamos fazer uma pequena arquibancada de madeira. Nós, entretanto, já havíamos traçado os planos e sabíamos onde queríamos chegar. A luta seria árdua e, portanto, maior o nosso triunfo. Todos os que pensavam que nosso entusiasmo, a exemplo do do Don Quixote era dirigido para uma obra de concretização impossível, nada perderão em visitar o Estádio do América, que, na sua imponência, é um convite perene à luta contra a ignorância, a indiferença, o egoísmo, o despeito pela grandeza de Joinville.

— CXIV —

Mesmo que você não goste de esporte, ao tansitar pela Rua Duque de Caxias, pare um instante e contemple um dos mais belos cartões de visita da sua cidade: o monumental Estádio do América. Não se contente em vê-lo de longe. Digne-se aproximar-se dele. Ele merece a sua atenção. E é seu, dos seus filhos, das gerações de amanhã. Da sua memória joinvillense, não se apagou o tempo, ainda recente, apesar de já pertencer ao passado, em que no campo do América, exibíamos aos visitantes como abrigo, um barracão semi-aberto onde se acotovelavam, nervosos, meia dúzia de expectadores privilegiados. E o resto do público ficava exposto às intempéries fazendo esforço tremendo para acompanhar os melhores lances da partida. Aproxime-se sim Joinvillense do magestoso Estádio. Acaresse com suas mãos as pesadas colunas de cimento e ferro. Você longe de passar vergonha como outrora quando oferecia aos forasteiros o velho barracão, agora

Joinvillense. Sim, os cedros do Líbano zombam das neves que cobrem os seus cumes já que são mais verdes no inverno do que no verão; zombam das borrascas e dos séculos que são os grandes destruidores, Impassíveis — inabaláveis — lá estão eles, sobre as montanhas sagradas do Líbano e representam, para os libaneses, o símbolo da pureza — da constância e da força eterna.

Como certos colonizadores gregos me fiz acompanhar de um punhado de terra do Líbano, que espalhei pelo solo brasileiro e solenemente transportei o fogo do altar da cidade materna para com êle acender a chama cívica no coração da nova pátria.

Joinvillense! Que o Estádio do América resista galhardamente ao tempo e às tempestades, como o cedro do Líbano, e abrigue, à sua sombra protetora, todas as gerações que por aqui passarem com os olhos voltados para a grandeza desta terra hospitaleira, generosa e boa.

CXIX

Escrever com clareza e simplicidade, eis o segrêdo do sucesso alcançado por muitos manejaôres da pena. De nada vale ter nas mãos um dicionário e ficar à cata de palavras difíceis para empregá-las em frases que ninguém é capaz de compreender. A gente procura um livro para instruir-se, ou para viajar com o autor por terras desconhecidas, distraíndo-se ao mesmo tempo. E nada é mais revoltante para o leitor do que ficar, a cada instante, sem compreender o sentido das frases só por que foram empregados termos difíceis. E como certos homens gostam de aborrecer os que se dão ao trabalho de lê-los! Sim, a simplicidade é adorável em tudo. Detesto as coisas difíceis, que exigem um esforço de imaginação ou de inteligência para serem interpretadas. Assim, confesso com toda sinceridade que acho horrível a pintura moderna. Horrível porque deforma as criaturas e as coisas para nos apresentar quadros que os olhos não sentem prazer em fixá-los. Para mim, a beleza e a perenidade da arte estão no imitar a natureza. Deixar esta de lado, traz como consequência a apresentação de desenhos que ferem os nossos olhos e, de forma alguma, tocam a nossa sensibilidade. Arte que exige explicação não é arte. Um belo quadro representando uma flôr, uma paisagem, uma criança, nos impressiona logo. Sentimos prazer em fixá-lo. E para compreendê-lo, dispensamos qualquer explicação. Essa, sim, é a verdadeira arte, a que nos toca a retina e o coração.

Joinvillense! os artistas inspirados terão para sempre no grandioso Estádio do América um motivo digno de ser fixado em belos quadros. Suas linhas são sóbrias e traduzem arrojo e imponência. Cada uma de suas colunas, com 7.200 Kgs., mantendo-se, sem apoio no ar, provoca a nossa admiração pelo cérebro que as concebeu.

Obras como o Estádio do América são imperecíveis porque são filhas da arte pura e imortal, que já existia no velho Oriente, depois, na Grécia de Péricles — Na Europa da Renascença; arte que viverá enquanto pulsar sobre a terra um coração humano.

“A NOTICIA” — 5/9/956

CXX

Em diversas das nossas crônicas já nos referimos aos tipos humanos que integram as nossas agremiações esportivas. Creio, entretanto, que ainda não esgotamos o assunto. No pequeno mundo em que se debatem as nossas agremiações, na luta insana contra os elementos destruidores de sua integridade, neste pequeno mundo, digno, vivem e se agitam os homens com as suas aspirações, suas misérias e grandezas morais.

Todos proclamam dedicação à causa do seu clube, entusiasmo pelas suas cores. E, ao ouvi-los, quase acreditamos que a fé nos destinos de sua agremiação não tem limites.

Entretanto, se analisarmos detidamente os fatos, veremos que a verdade é bem outra. Em todos os clubes pululam os tagarelas — os que tudo fizeram, mas só com a língua. Nas horas difíceis, de luta, e porque não dizer, de sacrifício, como eles estiveram sempre longe!

Devemos reconhecer-lhes um mérito, apenas — o de nunca deixarem de se fazer presentes nos dias de churrascadas, de festas, enfim. Então, sim, já estão eles, com a sua imponência, a sua tagarelice a contarem os seus méritos aos ouvidos dos que não os conhecem. Sim, porque os que privam de suas relações já os classificaram há muito tempo. Que seria do esporte, se se contasse com esta

nascido neste recanto do Brasil. Entretanto, não vejo neste fato mérito algum. Agora, para ser um bom joinvillense terá que trabalhar para o embelezamento e a grandeza desta cidade.

"A NOTICIA" — 6/7/956

— CXVII —

Quem tem a felicidade de visitar ruínas famosas como as de Roma, Grécia, Cartago, Egito, Síria, Líbano, não encontra palavras para traduzir fielmente o espanto que se apodera do visitante diante destas relíquias do tempo e da natureza. A nossa estupefação não tem limites quando nos encontramos no seio das ruínas de Baalbeck, no Líbano. Com o decorrer do tempo, elas se vão tornando cada vez mais sedutoras, mais profundas, mais misteriosas. Baalbeck é uma das maiores preces do universo que se salienta lá, resplandecente de luz, sôbre os montes do anti "Líbano", exclama Maurice Barres.

Ao lado disto, escreve Pierre Loti: tôdas as construções de que nos orgulhamos, nossos palácios, nossas fortalezas, parecem obras acanhadas e efêmeras feitas de migalhas reunidas. Diante dêste trabalho de titans, a gente é sufocado pela consciência de sua íntima pequenez, pelo sentimento da incapacidade em que estariam os homens dêste século, não sômente de nada produzir de semelhante, mas mesmo de nada restaurar, de nada reerguer dêste cáos de pedras demais pesadas".

G. Julien afirma: "Eu vi com emoção o imenso bloco de pedras de Tingad e Cartago. Admirei os pesados e poderosos monumentos do Egito antigo: fiz a peregrinação da Acrópole de Atenas; visitei Biblos e os castelos francos da Síria. Nada me deixou impressão tão forte como a que tive nas ruínas de Baalbeck. Este templo primitivo do deus sol é bem mais do que uma maravilha, é uma apoteose".

Joinvillense! quantas forças criadoras se integram no majestoso Estádio do América e que recomfortante lição nos proporciona! Hoje, ao contemplarmos aquêlo imenso bloco de cimento e ferro, sentimos que para cada um de nós, o Estádio do América é um símbolo vivo destas mesmas forças imponderáveis que o transportaram da região abstrata do sonho para a realidade palpável. Sim, o Estádio do América é um milagre confortador que se tornou possível em virtude da perseverança, do esforço paciente, e, acima de tudo, da nossa paixão pela grandeza, pois, a êle, nos dedicamos de corpo e alma.

Como as ruínas solitárias, os muros silenciosos, os túmulos santos, os frutos mágico e misteriosos do tempo, as tendas viradas da humanidade sim, como tôdas as obras da inteligência e esforço humanos, o Estádio do América nos apresenta ao espírito lições úteis e reflexões comovedoras!

"A NOTICIA" — 8/7/956

— CXVIII —

Você, certamente, já sabia que, das árvores, a mais conhecida em todo mundo, é o cedro — e destes, o mais famoso é o Líbano. Sim, os cedros do Líbano, já velhos, quando Cristo nasceu, foram cantados em prosa e versos por escritores e poetas de todos os recantos da terra. A literatura universal é riquíssima em passagens onde trata com carinho do nome e celebridade destas árvores majestosas, únicas no universo, com 30 a 40 metros de altura e 16 a 20 de circunferência. Apesar do seu tamanho, crescem a uma altitude de 2.300 metros. Em parte alguma do globo, árvores tão grandes crescem em lugares tão altos. As escritoras sagradas citam-nos muitas vezes — "Bela pela sua grandeza, bela pelo comprimento dos ramos, árvore alguma no jardim de Deus é igual em beleza". — "O Esposo do Cântico é comparado ao cedro pela sua elegância". — O "justo crescerá como a palmeira. — "Ele se elevará como o cedro sôbre o Líbano", exclama o Profeta Real. "Eu me alço como o cedro sôbre o Líbano", diz Nossa Senhora pela boca da Igreja. "O cedro é incorruptível e nôe em fuga as serpentes. — Lamartine escreve; "...são relíquias dos séculos e da natureza, os monumentos naturais mais célebres do universo. A religião, a poesia e a história os têm igualmente consagrado. São séres divinos sob forma de árvores. Existem algumas cujo volume pode fazer presumir serem contemporâneos das épocas bíblicas. E eu também rezei em presença destas árvores. O vento harmonioso, que ressoava em seus ramos sonoros, brincava em meus cabelos e gelava sôbre a minha pálpebra lágrimas de dor e de adoração... Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Por uma destas fatalidades que o destino tão pródigoamente faz surgir diante dos nossos olhos, por algum tempo a crônica esportiva da cidade esteve divorciada em suas relações amistosas com a diretoria dos clubes. Não quero, aqui, recordar os fatos para lançar mais lenha na fogueira. Quero, sim, lamentar o que se passou. Considero os nossos cronistas esportivos homens dedicados à causa que abraçaram, desinteressadamente, visando, idealistas que são, apenas, o engrandecimento do nosso esporte. Assim, são merecedores do nosso acatamento e estima. Qual, pois, a conduta dos diretores de clubes para com êles? Lutar lado a lado, cerrar fileiras, não deixá-los desfalecer na sua árdua missão — apoiar as suas iniciativas — prestigiá-los, fazê-los, enfim, crescer aos olhos de todos — como merecem. Só assim as opiniões serão acatadas e representarão luz capaz de guiar o esporte no bom caminho. Já pensaram, senhores, o quanto devemos aos nossos cronistas? De como dependo do “barulho” que fazem o sucesso de um empreendimento? O papel que desempenham não é somente informar ao público, mas, principalmente, orientar — chamar a atenção — entusiasmar. E o entusiasmo, bem o sabemos, é contagioso, capaz de arrastar multidões aos nossos Estádio. E, afinal, não é de rendas que vivem as nossas agremiações? Sim, sempre em jôgo, o vil metal. Paciência, amigos, êle é alavanca propulsora do progresso. Sem êle, nada se realiza — tudo perece.

Si quisermos, pois, o bem do nosso esporte, oasis neste deserto de mi-sérias humanas, refúgio abençoado onde vamos a procura de paz para o nosso espírito, sim, si quisermos que o esporte não deflinhe, que não lhe falte o apoio dos homens de bem. E um dos meios de melhor prestigiá-lo, de mais embrandecê-lo, é colaborar com a benemérita Associação dos Cronistas Esportivos de Joinville. De mãos dadas poderemos, a exemplo do poeta, fazer, periodicamente, a escalada da montanha, para arejar o espírito e o coração em contato com o ar puro dos cumes. Só assim estaremos melhor armados para a luta pela grandeza do esporte que, apesar das tempestades que abalam o mundo, continua sendo um dos supremos ideais da vida.

“A NOTICIA” — 7/9/956

O América acaba de perder mais um de seus humildes torcedores. Chamava-se Carlos Bernstein. — Morava nos fundos de casa e, quando me via, demonstrava logo alegria ou tristeza de acôrdo com o resultado dos últimos jogos do seu clube. De acôrdo com a sua maneira de pensar, o América nunca podia perder. Estou vendo-o, ainda, a gesticular e falar alto contra decisões do juiz que ele considerava injustas — naturalmente porque eram contra o América. Carlos deve ter morrido feliz porque na última partida que êle assistiu os rubros foram vitoriosos.

Ele deixou-nos numa noite fria deste inverno — para ir juntar-se a muitos outros que o precederam na longa viagem — Gostaria de saber si lá no céu êle continua acompanhando os lances emocionantes dos seus atletas preferidos — Dorme em paz, Carlos. Não quero perturbar-lhe o sono com hipóteses, divagações. O seu mundo é todo mistério. Em vão tentaríamos desvendá-lo. — Dorme em paz.

“A NOTICIA” — 16/9/956

A Sociedade, disse alguém, é uma velha rabujenta que se coloca na janela de sua casa, joga uma casca de banana na calçada e fica observando os que escorregam e caem. Ela não se compadece do sofrimento alheio; a desgraça do próximo não a comove. E a não ser uma parcela pequena de seus membros, formada do que ela tem de melhor, das criaturas de nobres sentimentos, o sal da terra, excetuando êste pequeno número, digo, os outros fazem da sociedade um grupo de pessoas ávidas de escândalo, pródigas em críticas, desconhecendo a palavra sublime: bondade.

Gostaria de ir um pouco mais longe nestas considerações. Entretanto, as minhas singelas crônicas dizem respeito ao esporte e devo parar aqui. Queria, apenas, com o bisturi em ordem, dissecar um pouco mais esta nossa sociedade, para, nela, estudar bem de perto um tipo humano ao qual ainda não me referi — trata-se do indivíduo que gosta de críticas. No esporte, também, o encontramos. É criatura singular. Sem méritos pessoais para alcançar-se, vive à sombra dos outros. Anda à cata de notícias que banais ou não, trazem confusão no espírito. Incapaz

classe de homens, si não tivesse para impulsioná-lo e engrandecê-lo os que, em seus corações, ergueram um altar para render o seu culto ao deus do esporte. Sim, que seria das nossas agremiações si não contassem em seu seio homens que a elas se dedicaram de corpo e alma, inspirados pelo amor e o ideal de servi-las, com fidelidade a toda prova, e espírito de renúncia. Hoje, nesta modesta crônica, deixo consignada a minha homenagem sincera a estes heróis anônimos.

"A NOTICIA" — 12/8/956

CXXI

Que classe sinistra de gente é a dos derrotistas. Elementos perniciosos a vagarem pela terra sem rumo certo; a bússola que lhes dirige o destino nunca lhes indicou o bom caminho. São sombras que passam e não são notadas. Têm pensamentos, porém, mesquinhos que se arrastam e se agacham como a lama. Quasi sempre, passam os dias vegetando e representam o papel de repugnantes parasitas...

Sabem sorrir com lábios covardes e sua máscara esconde traição. Nações que só tivessem estes indivíduos seriam riscadas logo do mapa já que seus povos morreriam de fome e sede, com o ódio e a inveja a solaparem os alicerces de toda a sua estrutura moral.

No esporte também, infelizmente, encontramos o homem que nada faz em beneficio dos seus semelhantes mas procura arrazar aquilo que os outros, às vezes, com sacrifícios ingentes, realizaram.

Sim, o derrotista é irmão gêmeo do desceite; ambos são medíocres, vulgares e confundem, por conveniência, bondade e justiça com fraqueza. Em resumo, são criaturas desprezíveis que as agremiações esportivas devem afastar do seu seio para que se convençam da sua verdadeira insignificância...

CXXII

A vida representa vaidade efêmera, "uma série de lições que devem ser vividas para serem compreendidas". No palco o homem desempenha o seu papel vendo, a cada passo, a ciência e a tecnologia afastando-o para segundo plano e abalando a sua confiança nas suas crenças e propósitos. Um dos nossos lemas deve ser: fazer sempre justiça onde nos encontrarmos, a quem quer que a mereça. O nosso cérebro, dizem, tem 14 bilhões de células e, infelizmente, só utiliza a 1/3 parte delas. Quem sabe si o mundo seria melhor si o cérebro as utilizasse todas, já que ele representa o papel de um relógio com corda para alguns anos, apenas.

Assim, o homem acha-se atordoado neste grande palco da vida vendo o progresso trazendo sérias dificuldades, e como a ciência, quasi abalando a nossa fé, a política ocupando-se com as formalidades e esquecendo as moralidades.

Si a felicidade, senhores, é digna de ser gozada, é justo que a consideremos digna de ser defendida. E, bem o sabemos, uma boa parcela a nossa relativa felicidade provem dos momentos agradáveis que passamos ao ar livre, em nossas praças de esporte.

CXXIII

O senhor Osni Mello acaba de entregar uma medalha de ouro a Carlos Zobot, defensor do América F.C. Singela, porém, significativa homenagem!

Quem não conhece o veterano Zobot? Exímio manejador da pelota, as suas jogadas de classe arrancavam aplausos das multidões. É conhecido em todo o Estado como mestre no esporte bretão. Si grandes são as qualidades de Zobot, como atleta consumado que é, maiores são as do coração e do caráter. Amigo leal e dedicado, nunca recusou colaboração a quem a solicitasse. Seu apêgo às cores rubras é algo que atinge as raias do fanatismo. Mesmo agora, quando afastado dos nossos gramados, nunca deixou de atender ao apêlo do seu clube, nas horas de angústia. Sim, o caráter de Carlos Zobot é sem jaça. Desde o momento em que pisou esta terra, ele nunca deixou o América. Ele só teve uma bandeira e elevou-a bem alto. Quantas vezes no calor das refregas, ela soube arrancar-lhe lágrimas de alegria ou de tristeza. Sim, pela bandeira rubra Carlos Zobot lutou empregando seu entusiasmo, sua fibra inquebrantável — e sua inteligência no manejar a pelota. Creio que Santa Catarina tão cedo não verá outro capaz de substituí-lo em sua posição. Sim, Zobot elevou bem alto a bandeira rubra no mastro das realizações esportivas de Joinville e Santa Catarina. Bem mereceu a medalha de ouro. Associo-me, de coração, à homenagem que lhe foi prestada.

de interpretar devidamente as palavras, os gestos dos outros, utiliza-se deles para provocar intrigas. Como é digno de piedade o infeliz. Nunca viu o sol porque só sabe andar de cabeça baixa, rastejar. Temos pena dele, mas, também, evitamo-lo por ser nocivo à sociedade e, também, ao esporte.

"A NOTICIA" — 23/10/956

————— CXXVII —————

É digno de admiração o trabalho exemplar desenvolvido por todos os voluntários que colaboram nos festejos de nossos clubes esportivos. Nunca se viu tanta gente disposta a bem desempenhar o seu papel. E como são incansáveis! Somente quem já organizou festas está em condições de compreender o quanto de boa vontade, espírito de sacrifício, idealismo, é exigido de todos para o bom êxito do empreendimento. Não basta traçar bem os planos se faltam pessoas para executá-los. E, quase sempre, vemos direção segura e execução perfeita. Homens e mulheres, com dedicação a toda prova.

Sim, o êxito nada mais é do que uma consequência lógica do que precede. Quero felicitar as nossas agremiações, por possuírem um tão grande número de abnegados e idealistas, que nos proporcionam belos espetáculos e, acima de tudo um exemplo dignificante e confortador que nos faz olhar para a vida com mais otimismo, dando-nos a certeza de que nem tudo está perdido...

"A NOTICIA" — 3/12/956

————— CXXVIII —————

Quando criança, lembro-me ainda, tive um professor que para referir-se ao mal que poderiam causar as nossas palavras comparava-as com penas soltas de um travesseiro aberto no alto de uma montanha e levadas pelo vento a todos os quadrantes da terra. — Fácil e, acrescentava o mestre, confiá-las aos elementos da natureza; impossível, porém, ajuntá-las de novo. Assim, são as nossas palavras; uma vez proferidas, passam de boca em boca, e, logo, chegam ao conhecimento de todos. Também, é absurdo exigirmos dos outros que guardem segredo a respeito do que lhes dizemos já que nós mesmos fomos incapazes de conservá-lo. Se quem fala deve reconhecer que as palavras são mensageiras do bem ou do mal e acarretam sobre si uma grande responsabilidade, bem mais prudente, sensato e justo deve ser o homem que costuma escrever, já que as palavras, em geral, pertencem a uma geração, a uma cidade, as páginas escritas percorrem o mundo e são julgadas pela posteridade, através dos séculos. — Responsabilidade bem maior pesa, pois, sobre os ombros de quem escreve! Qualquer que seja o tema abordado, exige-se do autor conhecimento do assunto, perseverança nos seus propósitos, e, acima de tudo, sinceridade nas suas observações — nunca se deixando levar por sentimentos subalternos. — Esta é uma lei que se adapta a todas as criaturas que se utilizam da pena para a manifestação de suas idéias. — Os que escrevem sobre o esporte também estão sujeitos a ela.

————— CXXIX —————

A tarefa que lhes foi confiada, jovens que ides representar a cidade nos Jogos Abertos do Interior, em Baurú, resume-se em propagar o nome de Joinville, defendendo-o esportivamente. A luta será árdua e o triunfo difícil. Equipes primorosamente preparadas saberão vender caro a derrota. Atletas consumados darão provas de sua incomparável resistência. Tudo será posto em jogo para a conquista da vitória. Entretanto, esta sorrirá aos mais aptos, aos que tudo fizerem por merecê-la. Ela dependerá do desempenho de cada um, na hora decisiva. E este desempenho será tanto mais aprimorado quanto maiores forem os sacrifícios feitos em anos consecutivos de pacientes treinamentos. O bom atleta não se faz em poucos dias e as vitórias sempre exigem dos que querem conquistá-las dedicação extrema, espírito inquebrantável de luta.

Que Deus vos acompanhe, jovens atletas. Em Baurú, estaremos convosco, pela lembrança, incentivando-vos e aplaudindo as vossas jogadas. Que as cores que tendes a honra de defender brilhem no magno certame. E que a vossa passagem por terras paulistas deixe sinais imperecíveis de lealdade, cavalheirismo, disciplina e, acima de tudo, bondade.

Sede grande na vitória, se, por felicidade, esta vos sorrir, não vos esquecendo que as características desta grandeza serão o respeito e a generosidade para com o vencido.

Sede, ainda, maiores na derrota, sabendo recebê-la como bons desportistas, cujo ideal é competir. — Felicidades!

16

D